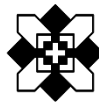


FPROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM PRESERVAÇÃO E GESTÃO DO  
PATRIMÔNIO CULTURAL DAS  
CIÊNCIAS E DA SAÚDE



Casa de  
Oswaldo Cruz



Ministério da Saúde  
FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

**LUANA PELEJA SOBRINHO**

FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES ESPECIAIS ATRAVÉS  
DOS OLHARES SOBRE A BIBLIOTECA PARTICULAR DE OSWALDO DE  
ALMEIDA COSTA

RIO DE JANEIRO

2019

Luana Peleja Sobrinho

FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES ESPECIAIS ATRAVÉS  
DOS OLHARES SOBRE A BIBLIOTECA PARTICULAR DE OSWALDO DE  
ALMEIDA COSTA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Luce Girão Soares de Lima

Rio de Janeiro

2019

Ficha Catalográfica

---

S677f Sobrinho, Luana Peleja.

Formação e desenvolvimento de coleções especiais através dos olhares sobre a biblioteca particular de Oswaldo de Almeida Costa / Luana Peleja Sobrinho. – Rio de Janeiro : s.n., 2019.

186 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2019.

Bibliografia: 153-162f.

1. Desenvolvimento de Coleções em Bibliotecas. 2. Bibliotecas Especializadas. 3. Patrimônio Cultural. 4. Memória (Patrimônio).

CDD 020

---

Catálogo na fonte – Marise Terra Lachini – CRB6-351

Luana Peleja Sobrinho

FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES ESPECIAIS ATRAVÉS  
DOS OLHARES SOBRE A BIBLIOTECA PARTICULAR DE OSWALDO DE  
ALMEIDA COSTA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde.

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Luce Girão Soares de Lima – Orientadora  
Doutora em História das Ciências (FIOCRUZ), FIOCRUZ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lidiane de Carvalho – Titular interno  
Doutora em Ciência da Informação (IBICT/UFRJ), FIOCRUZ

---

Prof. Dr. Fabiano Cataldo de Azevedo – Titular externo  
Doutor em História (UERJ), UNIRIO

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Laurinda Rosa Maciel – Suplente interno  
Doutora em História (UFF), FIOCRUZ

---

Prof. Dr. Yllan Mattos de Oliveira – Suplente externo  
Doutor em História Social (UFF), UFRRJ

Dedico este trabalho à  
minha filha Gabriela Peleja,  
que me inspira todos os dias  
com seu amor e doçura.

## AGRADECIMENTOS

À Deus pelo sopro de entusiasmo que me permitiu viver a vida acadêmica com tanto amor e satisfação.

À minha filha pela compreensão dos momentos ausentes e por todo amor que trocamos nesse momento tão corrido.

Ao meu bebezinho Dante, que por estar dentro de mim, dividiu comigo a felicidade e ansiedade de construir esta dissertação.

Ao meu pai por buscar a minha filha na escola e levá-la para a fonoaudióloga no período em que precisei cursar uma disciplina muito importante para o desenvolvimento deste estudo.

Ao meu namorado Thiago que entendeu minha ausência, meu estresse e recebeu todos os meus desabafos sobre este trabalho.

À minha orientadora Ana Luce Girão Soares de Lima por todo conhecimento, tempo e carinho dedicado à minha pesquisa.

À professora Inês El-Jack Andrade que com sua experiência em preservação do patrimônio cultural me ajudou na construção dos valores da Coleção Oswaldo de Almeida Costa.

Ao professor Rafael Zamorano Bezerra, historiador com vasto conhecimento em patrimônio histórico, escrita da história em museus e colecionismo, que ajudou a fomentar a estruturação da Coleção Especial Oswaldo de Almeida Costa através da Disciplina Museus e acervos museológicos.

A todos os professores do curso pela contribuição valiosa que deram para a minha formação.

À equipe da secretaria, em especial à Valéria, por todas as ajudas nesses dois anos.

À banca de qualificação, professora Lidiane Carvalho e Fabiano Cataldo, pela contribuição dos apontamentos e no redirecionamento da linha de pesquisa da minha dissertação.

À melhor turma que eu poderia ter para compartilhar os momentos bons e os estressantes de um mestrado.

À Karla Bandeira, colega de trabalho, que teve importante contribuição com o inventário e busca por referências de obras escritas por Oswaldo de Almeida Costa.

A Giselle (museóloga), colega de mestrado, que leu essa pesquisa e fez análise crítica que serviu como grande contribuição para este trabalho e para minha vida profissional.

Às minhas queridas amigas Érica e Juçara que me presentearam com livros de grande importância para esse trabalho.

Essa dissertação é consequência de toda experiência e aprendizado proporcionados por esse programa de pós-graduação. Foi preciso vivenciar as aulas, as visitas técnicas, as noites viradas com as leituras, os domingos destinados quase que exclusivamente aos estudos, para dar autoridade para esse trabalho. Assim, agradeço às trocas de experiências e as grandes dificuldades que se tornaram desafios e que serviram como base para este estudo.

“habent sua fata libelli” (V.1286)  
Terenciano Mauro

“os livrinhos têm o seu destino”  
Tradução mais ou menos  
livre de Rónai (1980, p. 77)

## RESUMO

A biblioteca universitária da Faculdade de Farmácia da UFRJ é reconhecida neste estudo como lugar de memória e como organizadora de coleções e, neste sentido, uma de suas atribuições é promover acesso ao patrimônio documental sob sua guarda. O presente trabalho tem como objetivo criar uma política de formação e desenvolvimento de coleções especiais no âmbito de uma biblioteca universitária, a partir das análises feitas na biblioteca particular criada pelo Prof. Oswaldo de Almeida Costa durante sua trajetória acadêmica e profissional e doada para a Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio de Janeiro na década de 1990. Insere a biblioteca particular de Oswaldo de Almeida Costa como Coleção Especial. Exprime diretrizes de gestão, preservação e acesso às coleções especiais. Transmite avanços das bibliotecas universitárias e o seu papel de representar a comunidade que atende. Mostra padrões de preservação adequados ao material bibliográfico e documental. Adota-se a valoração patrimonial como meio para o reconhecimento da importância desta coleção por parte da comunidade acadêmica do Curso de Farmácia da UFRJ e como justificativa para a preservação e conservação do material bibliográfico. O trabalho sugere a elaboração do inventário e do diagnóstico de conservação como criação do histórico documental capaz de auxiliar na gestão e preservação da coleção especial. Apresenta a Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais da Biblioteca da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** Bibliotecas Universitárias. Memória Científica. Formação e Desenvolvimento De Coleções. Patrimônio Bibliográfico - Preservação. Bibliotecas – Coleções Especiais. Livro científico. Biblioteca científica.



## ABSTRACT

The university library of the Faculty of Pharmacy of UFRJ is recognized in this study as a place of memory and as an organizer of collections and, in this sense, one of its duties is to promote access to the documentary heritage under its custody. The present work aims to create a policy of formation and development of special collections within a university library, based on the analyzes made in the private library created by the teacher Oswaldo de Almeida Costa during his academic and professional career and donated to the Faculty of Pharmacy of the Universidade Federal do Rio de Janeiro in the 1990s. Inserts Oswaldo de Almeida Costa's private library as a Special Collection. Expresses guidelines for the management, preservation and access to special collections. It conveys advances in university libraries and their role in representing the community they serve. It shows preservation patterns appropriate to bibliographic and documentary material. The heritage valuation is adopted as a means for the recognition of the importance of this collection by the academic community of the Pharmacy Course of UFRJ and as justification for the preservation and conservation of bibliographic material. The work suggests the elaboration of the inventory and the diagnosis of conservation as creation of the documentary history able to assist in the management and preservation of the special collection. Presents the Policy of Training and Development of Special Collections of the Library of the Faculty of Pharmacy of the Federal University of Rio de Janeiro.

**Key words:** University Libraries. Bibliographic Heritage - Preservation. Special Collection. Formation and Development of Special Collections. Scientific Memory. Scientific Book. Scientific library.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Panorama Sibi, UFRJ.....	33
Figura 2 -	Oswaldo de Almeida Costa.....	58
Figura 3 -	Imagem da Revista da Flora Medicinal.....	60
Figura 4 -	Modelo de estantes deslizantes.....	83
Figura 5 -	Estrutura física do livro.....	84
Figura 6 -	Estado atual das obras da Coleção de Oswaldo de Almeida Costa (UFRJ).....	85
Figura 7 -	Identificação das obras da Coleção Hospital Evandro Chagas da Fiocruz. (1).....	86
Figura 8 -	Identificação das obras da Coleção Hospital Evandro Chagas da Fiocruz. (2).....	86
Figura 9 -	Identificação das obras da Coleção Hospital Evandro Chagas da Fiocruz. (3).....	87
Figura 10 -	Identificação das obras da Coleção Hospital Evandro Chagas da Fiocruz. (4).....	87
Figura 11 -	Identificação das obras da Coleção Hospital Evandro Chagas da Fiocruz. (5).....	88
Figura 12 -	Envelope de conservação. (1).....	89
Figura 13 -	Envelope de conservação. (2).....	89
Figura 14 -	Uso de almofadas de apoio à leitura de material bibliográfico....	90
Figura 15 -	Uso de almofadas de apoio no manuseio de material bibliográfico.....	91
Figura 16 -	Fotografia de Oswaldo de Almeida Costa em julho de 1920, em Pinheirinho, Rio Grande do Sul.....	92
Figura 17 -	Cartão Postal recebido por Oswaldo de Almeida Costa (1).....	93
Figura 18 -	Cartão Postal recebido por Oswaldo de Almeida Costa (2).....	94
Figura 19 -	Cartão Postal recebido por Oswaldo de Almeida Costa (3).....	94
Figura 20 -	Forma de armazenamento das fotografias do arquivo do Museu Histórico Nacional.....	95
Figura 21 -	A valoração do bem cultural (tradução do autor).....	103
Figura 22 -	Classe de valores de rememoração.....	111
Figura 23 -	Classe de Valores de contemporaneidade.....	112
Figura 24 -	Livros da área farmacêutica. Biblioteca particular Professor Oswaldo de Almeida Costa.....	118
Figura 25 -	modelo de capa encontrado na coleção/estado de fragilidade do material.....	119
Figura 26 -	Falta de técnica de conservação adequada.....	119
Figura 27 -	Estado de conservação.....	120
Figura 28 -	Estado de conservação / tipo de encadernação / falta de identificação.....	120

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Panorama de títulos da Biblioteca da Faculdade da Farmácia.....	35
-----------------------------------------------------------------------------	----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Quadro de espécies documentais. (Com adaptações).....	96
Quadro 2 -	Biblioteca da Faculdade de Farmácia / Faculdade de Farmácia / Universidade Federal do Rio de Janeiro / Diretrizes política (1)....	97
Quadro 3 -	Biblioteca da Faculdade de Farmácia / Faculdade de Farmácia / Universidade Federal do Rio de Janeiro / Diretrizes política (2)....	125

## **SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS**

**ALA** - American Library Association  
**BNA** - Biblioteca Nacional da Argentina  
**CDD** - Classificação Decimal de Dewey  
**CP** - Cartão Postal  
**CESP** - Coleção Especial  
**F** - Fotografia  
**FF** - Faculdade de Farmácia  
**FDC** - Formação e Desenvolvimento de Coleções  
**L** - Livro  
**MAST** - Museu de Astronomia e Ciências Afins  
**PNBU** - Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias  
**RJ** - Recorte de Jornal  
**SIBI** - Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ  
**SINAES** - Sistema Nacional de Educação Superior  
**SNBU** – Seminários Nacionais de Bibliotecas Universitárias  
**T** - Temperatura  
**UFMG** – Universidade Federal de Minas Gerais  
**UFRJ** - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
**UNIRIO** - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
**UR** – Umidade Relativa

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: HISTÓRICO, CARACTERÍSTICAS E FUNÇÕES.....</b>	<b>23</b>
2.1	A BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FARMÁCIA: HISTÓRIA, CARACTERÍSTICAS E FUNÇÕES.....	31
2.2	A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DA FACULDADE DE FARMÁCIA COMO ORGANIZADORA DE COLEÇÕES ESPECIAIS DE CONTEÚDO CIENTÍFICO: O CASO DA COLEÇÃO ESPECIAL DE OSWALDO DE ALMEIDA COSTA.....	38
2.2.1	Como a Coleção Oswaldo de Almeida Costa se situa no conceito de coleção especial para a criação de uma Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções.....	55
2.2.2	Quem foi Oswaldo de Almeida Costa.....	56
2.2.3	Histórico da aquisição e inventário em favor da construção documental.....	60
<b>3</b>	<b>COLEÇÕES ESPECIAIS NOS ACERVOS DAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: CONCEITO E CARACTERÍSTICAS GERAIS.....</b>	<b>65</b>
3.1	O PAPEL DO DIAGNÓSTICO DE CONSERVAÇÃO E DO INVENTÁRIO NO PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DO MATERIAL ADQUIRIDO.....	72
3.2	PADRÕES DE PRESERVAÇÃO NO ARMAZENAMENTO E NO MANUSEIO.....	74
3.3	DIRETRIZES PARA A CRIAÇÃO DA POLÍTICA DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES DA COLEÇÃO OSWALDO DE ALMEIDA COSTA.....	96
<b>4</b>	<b>A VALORAÇÃO DA MEMÓRIA DOCUMENTAL.....</b>	<b>102</b>
4.1	OS VALORES DA COLEÇÃO OSWALDO DE ALMEIDA COSTA E A IMPORTÂNCIA DO ACERVO RETROSPECTIVO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS.....	108
4.1.1	Os valores de Riegl e Lacerda.....	109
4.1.2	Os valores da Biblioteca de Oswaldo de Almeida Costa.....	117
4.1.3	Diretrizes para a valoração de materiais bibliográficos.....	124
4.2	O PAPEL DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO INSTITUIÇÃO DE MEMÓRIA E A NECESSIDADE DE ELABORAÇÃO DE UMA POLÍTICA DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES ESPECIAIS.....	127
<b>5</b>	<b>POLÍTICA DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES ESPECIAIS DA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FARMÁCIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO.....</b>	<b>132</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>149</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>153</b>
	<b>APÊNDICE.....</b>	<b>163</b>
	<b>ANEXO I - Inventário de livros da Coleção Oswaldo de Almeida Costa.....</b>	<b>165</b>
	<b>ANEXO II - Linha do Tempo de Oswaldo de Almeida Costa.....</b>	<b>180</b>

<b>ANEXO III - Ficha diagnóstico de conservação.....</b>	<b>183</b>
<b>ANEXO IV - Filipeta de identificação individual.....</b>	<b>185</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Coleção Oswaldo de Almeida Costa configura-se na primeira inspiração para a construção da história e memória da Biblioteca da Faculdade de Farmácia (BFF), parte do Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), localizada na Avenida Carlos Chagas Filho, 373, Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ. Esta coleção foi doada, na década de 1990, à Faculdade de Farmácia possivelmente pela família de Oswaldo de Almeida Costa, após seu falecimento.

A Biblioteca da Faculdade de Farmácia possui acervo multidisciplinar constituído de livros e periódicos impressos, acesso ao Portal de Periódicos Capes e a coleção particular de Oswaldo de Almeida Costa tratada como Coleção Especial nesta pesquisa.

A Coleção Especial é formada por 198 livros identificados na listagem no anexo I, fascículos de periódicos, recortes de jornais da área farmacêutica, fotografias e cartões postais trocados entre Oswaldo de Almeida Costa e colegas farmacêuticos.

Oswaldo de Almeida Costa (1898-1983) foi uma personalidade conhecida tanto na área farmacêutica quanto na médica no século XX, com atuações em diversos ambientes profissionais e acadêmicos, exerceu influências que contribuíram significativamente para seu campo de exercício e possuía boa capacidade de articulação por estar vinculado aos órgãos de mobilização política dentro da área.

A instigação para o desenvolvimento desse trabalho surgiu da identificação de obras em estado fragilizado de conservação no meio do acervo de uso corrente e outras já separadas e até carimbadas para descarte que estavam em condições não adequadas de armazenamento. Neste íterim, foi realizada uma busca por informações sobre o conjunto de itens que resultou na identificação da Coleção Particular de Oswaldo de Almeida Costa pela bibliotecária Maria Rosa A. B. Calmão de Freitas e na constatação da importância informacional dos documentos pela professora Guacira Corrêa de Matos<sup>1</sup>.

Não foi localizado qualquer documento que provasse o histórico de aquisição da Coleção Especial, inclusive o Livro Tombo da Biblioteca, ou qualquer outro documento que identificasse seus elementos, sendo necessário o uso do paradigma indiciário

---

<sup>1</sup> CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5459172086628083>



fornecido pelas marcas de propriedade, o que motivou o desenvolvimento deste projeto que trás ações de valoração, gestão, identificação, organização, preservação e uso para a Coleção Especial de Oswaldo de Almeida Costa como ferramentas para a construção da Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais para a Biblioteca da Faculdade de Farmácia.

A formação e o desenvolvimento de coleções (FDC) é um tema muito discutido entre os profissionais da informação e existem vários documentos que abordam essas questões de forma esmiuçada e em diferentes cenários. Este trabalho, por sua vez, explora esse tema dentro do espaço de uma biblioteca universitária setorial especializada em ciências farmacêuticas para a construção de uma política de formação e desenvolvimento de coleções especiais e apresenta como objeto de estudo a biblioteca particular do Professor Oswaldo de Almeida Costa, hoje institucionalizada, mas sem documentos que mostrem como foi o processo e o que justificou receber essa doação.

Para uma biblioteca particular ser incorporada a uma biblioteca universitária de instituição pública faz-se necessário um processo de institucionalização criterioso que possa vir a esclarecer e justificar as questões que motivaram a incorporação dos itens no rol de patrimônios da instituição, para que, além disso, sirva como ferramenta para decisões futuras que envolvam o material em questão, e é dessa ideia que surge a necessidade de processos adequados e de novas propostas para a padronização de suas atividades.

O processo de institucionalização deve ser cauteloso e bem estruturado para facilitar as etapas burocráticas e servir de forma eficiente e eficaz nas atividades de avaliação, seleção, organização, preservação e descarte pertinentes às fases do processo de FDC. De resto, boas práticas são ações representativas que tornam claro o conhecimento de padrões adequados que facilitem a resolução de questões que envolvam os itens.

Tendo em vista essa problemática de uma coleção especial dentro de uma biblioteca universitária, sem nenhum tipo de identificação, registros documentais, importância do material, critérios e procedimentos estabelecidos para a gestão da coleção, surgiu a proposta de se conhecer mais a fundo esses itens, identificá-los, tratá-los adequadamente para que se tornem acessíveis seguindo normas e políticas. Além disso, o estudo tem como objetivo geral elaborar a Política de Formação e Desenvolvimento

de Coleções Especiais para a Biblioteca da Faculdade de Farmácia através do estudo da biblioteca particular de Oswaldo de Almeida Costa.

Os objetivos específicos, que aparecem como direcionadores para o desenvolvimento da pesquisa estão divididos em três eixos: 1) recuperar a importância da coleção Oswaldo de Almeida Costa para a Faculdade de Farmácia da UFRJ; 2) definir padrões de qualidade para as práticas biblioteconômicas voltadas para gestão e preservação da coleção especial; e 3) produzir documentação sobre a coleção especial.

Assim, essa pesquisa é uma ação inicial de preservação da coleção. Ela visa identificar os valores, oferecer práticas de preservação e criar padrão de aquisição e gestão de coleções especiais para a biblioteca.

A metodologia para o desenvolvimento desse projeto abarcou a busca bibliográfica feita no catálogo online da Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz, da Fiocruz; no catálogo online do Sistema de Bibliotecas, da UFRJ; no Portal de Periódicos Capes e outras referências de trabalhos já conhecidos nesse campo do conhecimento.

Ainda dentro da metodologia destacou-se a revisão de manuais institucionais da UFRJ e a análise comparativa de procedimentos adotados pela Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz da Fiocruz (que possuem obras antigas que se assemelham ao estado fragilizado do material estudado). Assim, comparando as informações acumuladas, foi possível selecionar as melhores práticas a serem adotadas na Coleção Especial da Biblioteca da Faculdade de Farmácia.

Além disso, entendeu-se como boa estratégia, as visitas técnicas às instituições de memória, como: Museu Histórico Nacional, Museu da República e Museu Nacional com interesse nos conhecimentos de suas práticas. Tais visitas ofereceram uma visão clara de como organizar coleções, como identificar objetos, conservar acervos especiais, e trouxeram a oportunidade de comparar ações e o know-how.

Desta forma, esta pesquisa classifica-se como analítico-exploratória por proporcionar maior familiaridade com o problema, possibilitando levantamento bibliográfico sobre a questão e o conhecimento de práticas com acervos semelhantes, assumindo o arcabouço teórico-metodológico validado por pares, tendo como produto final a Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais da biblioteca da Faculdade de Farmácia da UFRJ.

Diante do vasto campo bibliográfico que trata das questões deste trabalho, foram selecionados alguns autores que serviram de apoio conceitual e metodológico para o desenvolvimento desse projeto.

A biblioteca universitária como elemento formativo de construção histórica de conhecimento científico, em si, é tratada pelos olhares de Alcântara (2016), que afirma que “a função principal da biblioteca continuou sendo a mesma, passando pelas etapas organizar, armazenar e dispor o conhecimento humano para seu melhor aproveitamento, tanto para objetivos de entretenimento e enriquecimento intelectual, quanto para o desenvolvimento de pesquisa.” As questões que envolvem mudanças e adaptações para atender as necessidades dos consulentes justifica-se pela visão de Sleutjes ([201?], p. 52-53) que levanta o pensamento:

a questão das bibliotecas no mundo contemporâneo passa por quatro vertentes: A primeira consiste no direito ao conhecimento gerado pelo nosso contexto social, ao qual todos devem ter acesso de modo que possam entendê-lo e utilizá-lo adequadamente. A segunda é que para responder a estes desafios precisa-se de bibliotecários preparados para apresentar a informação na forma e no meio mais conveniente para o usuário. A terceira é que o uso e não a propriedade da informação é o que conta. A quarta é a capacidade de constante adaptação às incessantes mudanças. (SLEUTJES, [201-?], p. 52-53).

A justificativa para essa pesquisa se ancora na questão de preservar e tornar disponível, buscando destacar não apenas a preservação do patrimônio material, mas também seu valor informacional e a particularidade das questões de preservação da Coleção Especial da Faculdade de Farmácia da UFRJ. Nogueira (2005, p. 50, apud CHUVA, 2012, p.153) reforça a importância de se manter essa comunicação científica entre o antigo e o novo quando afirma que segundo Mário de Andrade, “em sua tentativa de construção da nação, o passado seria a matéria-prima a ser resgatada como referencial.”

Nesse contexto, ainda se enquadram as definições de Kuhn (1997) que, preso à história das ciências, traz a possibilidade de investigações dos avanços científicos e as comparações de períodos históricos como meio para a construção de argumentos e entendimentos das passagens pelos estágios de transição de paradigmas.

Os conceitos de memória e lugar de memória como meio para se manter ideias que já não vivem sem seus registros são embasadas no que diz Nora (1993), quando trata da importância em se preservar bens informacionais em lugares apropriados e de forma organizada, visto que algumas mentes brilhantes já não podem ser acessadas. Também

se baseia na visão de Rossi (2010), quando este autor afirma que o saber desenvolvido anteriormente, entendido como memória de alguma coisa, permite recuperar conhecimentos que se tinham e que se perderam.

Riegl (2006) e Lacerda (2012) configuram-se em importantes referências no campo da valoração de bens e tornam possíveis reflexões sobre a ressignificação de valores de livros do início século XX. Riegl (2006, p. 30) traz de forma direta a ideia de evolução e desenvolvimento que está ligada ao “contexto histórico material” e às “transformações, “metamorfoses” nas concepções de mundo, produtos lógicos de concepções anteriores, [que age com características] contínuas e progressivas.” Os valores de antiguidade, valor artístico, valor histórico, valor cultural, valor simbólico, valor cognitivo, valor econômico, valor de opção e valor de existência são extraídos dos conceitos de Lacerda (2012).

Choay (2006, p. 11) considera que o conceito de patrimônio é “nômade” e possui uma trajetória desde sua origem até os tempos atuais. Além disso, o termo patrimônio histórico “designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos.” (CHOAY, 2006, p. 11). A autora foi acionada também para auxiliar a construção de ferramentas documentais para controle e gestão da coleção como inventário.

Este estudo toma posse da definição de caráter descritivo do termo “coleção” de Pomian (1984, p. 53) segundo qual, “uma colecção, isto é, qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público.” como justificativa para reunir os itens e tratá-los como coleção especial.

A coleção é reconhecida como patrimônio histórico nesse trabalho e carrega o ponto de vista de Choay (20016, p. 12) quando afirma que “o culto que se rende hoje ao patrimônio histórico deve merecer de nós mais do que simples aprovação. Ele requer um questionamento, porque se constitui num elemento revelador, negligenciado mas brilhante, de uma condição da sociedade e das questões que ela encerra.”

Entende-se a biblioteca como local de memória definido por Dominique Poulot (2009), considerado por Chartier (2002, p. 30) apud Andrade (2009, p. 18) “como um espaço dinâmico e vivo tendo como uma das tarefas fundamentais colecionar, proteger, inventariar e, finalmente, tornar acessível a herança da cultura escrita”.

Além disso, observaremos o aspecto de preservação focando na sinalização e acondicionamento de material bibliográfico, utilizando o conceito de preservação de Spinelli: “conjunto mais amplo, abrangendo todas as ações que se destinam a salvaguardar e recuperar as condições físicas dos suportes que contém informações.” (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2009, p. 10).

Por fim, articula-se os conhecimentos de Simone Weitzel (2013) sobre Formação e Desenvolvimento de Coleção para a criação da Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais da Biblioteca da Faculdade de Farmácia.

Assim, a revisão bibliográfica foi embasada em fontes secundárias, como referências bibliográficas, que constituem uma sustentação teórica do trabalho e as reflexões dos autores, e contou com apoio de fontes primárias, como a própria coleção, objeto desse estudo de caso, (com suas características físicas e informacionais) e manuais técnicos da instituição. Desta forma, foi elaborada a Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais da Faculdade de Farmácia da UFRJ.

O documento tem em sua estrutura seis capítulos, sendo o quinto a Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais como produto para o Mestrado Profissional em Gestão e Preservação do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde.

No segundo capítulo identifica-se as características e funções das bibliotecas universitárias, as evoluções por que passaram com o decorrer do tempo e o seu papel de fornecer informações para o desenvolvimento científico, tecnológico, cultural e social.

Introduz a biblioteca da Faculdade de Farmácia com suas características e funções. Além disso, aborda o papel da Biblioteca da Faculdade de Farmácia como organizadora de coleções especiais de conteúdo científico e define a coleção pessoal de Oswaldo de Almeida Costa como coleção especial da Biblioteca da Faculdade de Farmácia. Acrescenta-se ainda que nesse capítulo encontra-se um breve relato sobre Oswaldo de Almeida Costa e apresenta o histórico da aquisição e o inventário como ferramentas favoráveis para a construção documental das coleções especiais.

O terceiro capítulo aponta uma reflexão sobre coleções especiais nos acervos das bibliotecas universitárias, a importância do diagnóstico de conservação e do inventário no processo de institucionalização das coleções adquiridas pela biblioteca, alguns padrões básicos de preservação, armazenamento e manuseio de obras em estado fragilizado e apresenta algumas diretrizes para a criação da Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais.

O quarto capítulo aborda a questão da valoração da memória documental, apresenta os valores patrimoniais de Riegl (2006) e Lacerda (2012), em decorrência aponta os valores da Coleção Oswaldo de Almeida Costa e a importância do acervo retrospectivo em bibliotecas universitárias, vistas também como lugares de memória.

As questões que envolvem valoração de bens patrimoniais têm sido objeto de várias discussões. O próprio ato de valorar pode ser questionado por ter características e peculiaridades que governam decisões sobre ações acerca de determinado bem. Este estudo pretende, diante de análises com apoio informacional concedido por Riegl (2006) e Lacerda (2012), construir um grupo de valores à biblioteca particular doada para a Faculdade de Farmácia da UFRJ. Entende-se que a ação de valorar é muito pessoal e que sofre influência por parte do agente que determina os valores. Visando evitar tal parcialidade, o documento seguirá os conceitos dos autores citados junto com uma visão biblioteconômica, por se tratar de um conjunto de livros.

A construção de valores servirá como justificativa para se preservar a coleção. A relevância e peso atribuídos às obras abrirão caminhos para que haja entendimento sobre a importância do material. Identificados os valores dos objetos em questão e sua hierarquia, surgiram bases para futuras decisões referentes ao conjunto de livros.

Os lugares de memória passaram por grandes mudanças com o passar dos anos. Inicialmente, surgiram como lugar para armazenar o acúmulo de materiais das memórias das sociedades. Provavelmente, mostra-se dessa situação o dever de se criar bibliotecas, museus, arquivos, monumentos, santuários etc., com a intenção de se reter o máximo de itens que fizessem trazer a memória experiências anteriores. (RODRIGUES, 2005, p. 250).

O termo memória traz em si conceitos como identidade e pertencimento a um determinado grupo social. As experiências acontecem dentro de um contexto histórico e

social e a memória como patrimônio se forma de maneira intencional e estratégica, visando à permanência dos registros que carregam informações sobre tal memória.

Por fim, oferece diretrizes para a valoração de materiais bibliográficos e a Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais para a Biblioteca da Faculdade de Farmácia.

O quinto capítulo configura-se na Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais da Biblioteca da Faculdade de Farmácia da UFRJ, produto desta dissertação que desenvolve de forma estruturada pontos como: multidisciplinaridade para avaliação e seleção de coleções especiais; destaque que o colecionador teve para a área e/ou relevância dos itens para a faculdade de farmácia, juntamente com as maneiras de valoração da Coleção Oswaldo de Almeida Costa; compra, doação e permuta como formas de aquisição para futuras coleções especiais da biblioteca; construção de métodos de avaliação, seleção, transferência de material, condições de recepção, higienização, organização, sinalização, acondicionamento, monitoramento do ambiente e condições de acesso à coleção.

## **2 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: HISTÓRICO, CARACTERÍSTICAS E FUNÇÕES**

As bibliotecas universitárias são vinculadas a uma instituição de ensino superior e servem de apoio informacional para a formação ou qualificação de profissionais. Sua organização não possui autonomia própria, pois depende da universidade para definir suas funções, características e seu grau de autonomia, além de ser um sistema social (TARAPANOFF, 1982, p. 74), visto que, sua primeira responsabilidade é com as pessoas que integram a comunidade universitária, desta forma, sua obrigação com o indivíduo deve refletir nos seus objetivos, produtos e serviços. (TARAPANOFF, 1982, p. 83).

Elas seguem as disposições de sua área de atuação, principalmente, as relacionadas ao campo do conhecimento e da educação. Com isso, se especializam de acordo com o direcionamento dos avanços da instituição. (LEITÃO, 2005, 24). Inclusive, “com o passar do tempo, a biblioteca passou a ser também reconhecida como uma organização representativa para a comunidade na qual está inserida.” (LEITÃO 2005, p. 15) E, assim, deixou para trás a ideia de ser apenas um “espaço onde se buscava o conhecimento e também era fonte onde se buscava saciar a sede de sabedoria e prazer.” (LEITÃO, 2005, p. 24).

As bibliotecas universitárias dão suporte informacional para o desenvolvimento científico, tecnológico, cultural e social atuando como mediadoras entre as contribuições dos pesquisadores, docentes, discentes e a sociedade. (NUNES; CARVALHO, 2016, p. 174). Elas precisam acompanhar a evolução das instituições às quais estão vinculadas e, assim, conseguir “atender não apenas às necessidades de informação ao público, como também no sentido de acompanhar as mudanças no campo das tecnologias da informação e comunicação, assim como as mudanças de nível comportamental dos usuários, cada vez mais conectados.” (NUNES; CARVALHO, 2016, p. 174).

Segundo Nunes e Carvalho (2016, p. 175-176), as bibliotecas vêm, ao longo dos séculos e no Ocidente, acompanhando o desenvolvimento das universidades, assumindo uma importância crescente em relação às suas funções como depositária da produção científica e de coleções particulares de “homens letrados”. A necessidade de fazer a



gestão e preservação destes acervos levou à elaboração de normas de acesso e manuseio que, inicialmente, limitava-se “as pessoas recomendáveis e instruídas” (NUNES; CARVALHO, 2016, p.177), mas que atualmente têm que ser adaptadas ao público em geral, como no caso da Faculdade de Farmácia da UFRJ que atende tanto a comunidade interna quanto externa da UFRJ. Um marco importante para as bibliotecas universitárias foi, sem dúvida, a invenção da imprensa (NUNNES; CARVALHO, 2016, p. 179), em 1453, que trouxe novos desafios para práticas cada vez mais modernas e dinâmicas. Atualmente, a biblioteca universitária é vista como “importante espaço de aquisição e troca de saberes científicos” (SOUZA, 2017, p.1).

O Século XVIII trouxe um aumento quantitativo, qualitativo e de formatos dos acervos universitários que exigiu abandonar os métodos racionalistas na organização de acervos para a aplicação da “noção arbitrária com a criação de catálogos organizados de modo alfabético”. (BATTLES, 2005, apud NUNES; CARVALHO, 2016, p. 180). Com isso, a partir do século XIX surge a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a criação da American Library Association (ALA), e, no Século XX, surgem as leis de Ranganathan (NUNES; CARVALHO, 2016, p. 182), tendo como consequência uma “mudança qualitativa nos serviços e na percepção das bibliotecas perante o público.” (NUNES; CARVALHO, 2016, p. 183).

Segundo Nunes e Carvalho (2016, p. 183) “as bibliotecas universitárias são instituições tradicionais que rapidamente se espalharam por todo mundo” e que, com o passar do tempo, se tornaram espaços de interação próprios para o desenvolvimento intelectual.

Acrescenta-se ainda as palavras de Nunes e Carvalho (2016, p. 183) que afirmam que:

As bibliotecas universitárias favorecem a aprendizagem dos estudantes, não apenas oferecendo o conhecimento que está acumulado nos diversos documentos em diferentes suportes os quais ela administra, mas também a partir de ações concretas que visam otimizar o desenvolvimento de estudantes e de equipes de pesquisadores no espaço informacional, através de ações de aprendizagem. (NUNES; CARVALHO, 2016, p. 183).

A evolução educacional no Brasil é marcada pela presença da colonização portuguesa. As primeiras bibliotecas brasileiras surgiram nos colégios jesuítas e logo se espalharam por vários estados brasileiros e além de atenderem aos membros dos

colégios, ofereciam acessos pontuais para usuários externos da instituição. (NUNES; CARVALHO, 2016, p. 184).

Em 1808, D. João VI traz consigo a primeira Biblioteca Real Portuguesa, atual Biblioteca Nacional, onde em 1911 criam o primeiro curso de Biblioteconomia. (NUNES; CARVALHO, 2016, p. 185). Entre as décadas de 1920 e 1940, as universidades ganham papel útil perante a sociedade quando surge o debate sobre a educação na Constituinte. A partir dos anos de 1930 e começam a aparecer as universidades, sendo a Universidade de São Paulo, em 1934, um marco inicial desse processo. (MENDONÇA, 2000). A partir da década de 1960 as bibliotecas universitárias se expandem devido a uma nova conformação administrativa das universidades, que passam a se organizar internamente em centros (como os da UFRJ: Centro de Ciências da Saúde, Centro de Tecnologia, Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza) a partir da união de faculdades isoladas e começam a serem formados os centros. (NUNES; CARVALHO, 2016, p. 185). Nesse período, surgem as bibliotecas universitárias centrais como consequência dessas uniões. (NUNES; CARVALHO, 2016, p. 186).

A Universidade do Rio de Janeiro (atual UFRJ) foi criada em sete de setembro de 1920, quando ganhou este nome. Mendonça (2000, p. 136) afirma que “a primeira instituição que assumiu de forma duradoura a denominação de universidade foi a Universidade do Rio de Janeiro” e que ela foi “criada em 1920 através da agregação de algumas escolas tradicionais”. Porém, as escolas continuaram funcionando de forma isolada. (MENDONÇA, 2000, p. 136).

Em 1932, o grupo de engenheiros da Associação Brasileira de Educação (ABE) lançaram manifesto ao povo e ao Governo, onde se explicitavam o seu programa de reforma da educação, que incluía a criação de “verdadeiras” universidades, em que a universidade passa a ser vista como “criadora de ciências (investigação), docente ou transmissora de conhecimentos (ciência feita) e de vulgarizadora ou popularizadora.” (MENDONÇA, 2000, p. 138).

A Universidade do Rio de Janeiro sofreu uma reorganização em 1937 e passou a ser chamada de Universidade do Brasil até o ano de 1965, período em que passou a se chamar Universidade Federal do Rio de Janeiro. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, [20--?]).

Em 1937, ao ser reorganizada como Universidade do Brasil, o Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema atribui a instituição a finalidade de controle e padronização do ensino superior no Brasil. (MENDONÇA, 2000, p. 135). Período em que foi definida uma estrutura para a instituição, onde se organizam as escolas, faculdades e institutos, como no caso da Faculdade Nacional de Farmácia, se tornando uma unidade a partir de 1945. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, [20--?]).

Miranda (1993) traz os problemas que as bibliotecas universitárias enfrentaram, nas décadas de 1970 e 1980, como a falta de metodologia padronizada para a análise dos acervos das universidades e a falta de investimentos nas bibliotecas, a consolidação de sistemas de bibliotecas universitárias e a Assessoria de Planejamento Bibliotecário da Capes/MEC (1977-1981) com enfoque principal sobre as coleções bibliográficas. Acrescenta, porém, que a partir de 1979 surgiu o Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU), os Seminários Nacionais de Bibliotecas Universitárias (SNBU) e o Guia de Bibliotecas Universitárias Brasileiras. Além disso, surgem a automação de acervos, o empréstimo entre bibliotecas, normas e procedimentos padronizados, modelos organizacionais entre outras iniciativas.

Além disso, na década de 1990, Miranda (1993, apud NUNES; CARVALHO, 2016, p. 186-187) afirma que existia a

necessidade de se estabelecer categorias de análise em relação ao acervo informacional, além de definir critérios padronizados de observação relativos ao quantitativo das coleções, idade do acervo, idiomas das publicações, modo de organização do acervo e correlação com o universo de usuários. (MIRANDA, 1993 apud CARVALHO, 2016, p. 186-187).

Certamente, essa atenção deve ser dada à formação e desenvolvimento de coleções bibliográficas, visto que, os livros são considerados matéria-prima de caráter informacional essencial para o ensino e a pesquisa e representam capital intelectual da humanidade.

Contudo, Miranda (1993) aponta a importância de se ter metodologia para avaliação com o intuito de auxiliar nas tomadas de decisões no que se referem às políticas de desenvolvimento de acervos e coleções, com o propósito de constituir-se em importante ferramenta direcionada para as futuras aquisições. Por outro lado, deve-se ir

além e pensar nos descartes incontrolados de materiais vistos como desatualizados e obsoletos.

No final da década de 1990, surge a *Internet* e as novas tecnologias de informação, trazendo a modernidade para as bibliotecas universitárias, como catálogos *online* e sistemas informatizados. (NUNES; CARVALHO, 2016, p. 188).

Atualmente, as bibliotecas universitárias se organizam “usando como parâmetro os critérios de avaliação institucional definidos pelo Sistema Nacional de Educação Superior<sup>2</sup> (SINAES) criado pela Lei 10.861, de 14 de abril de 2004” (BRASIL. Presidência da República, 2004).

Assim, com o passar do tempo, as bibliotecas passaram por grandes transformações com o intuito de atender usuários cada vez mais exigentes e Cunha (2000, apud NUNES; CARVALHO, 2016, p. 190) mostra a evolução tecnológica pela qual as bibliotecas universitárias vêm passando quando ele as categoriza como: biblioteca tradicional moderna, biblioteca automatizada, biblioteca eletrônica, biblioteca digital e biblioteca virtual.

Acredita-se que a biblioteca universitária tem que ser vista como uma fatia da instituição como um todo. Para que tenha características de eficiência e eficácia, configura-se a necessidade de se conhecer o todo da instituição. Conhecendo a realidade institucional, o gestor da biblioteca poderá encaixar a biblioteca nos padrões institucionais.

Deve-se pensar que a biblioteca é um espaço de memória seletiva (AZEVEDO, 2011, p. 54) e que “nenhuma escolha jamais será inocente” (AZEVEDO, 2011, p. 54).

Além disso, Tarapanoff (1982, p. 76) afirma que “A biblioteca pode apoiar as atividades de renovação de valores da universidade, desenvolvendo serviços mais personalizados de assistência aos membros da comunidade universitária quando no desempenho de suas atividades de pesquisa e extensão.” Tarapanoff (1982, p. 82) ainda inclui a atividade de ensino quando fala dos três eixos onde todas as atividades da biblioteca universitária estão balizadas, e vem com a definição de que as “atividades do

---

<sup>2</sup> “Sistema responsável pela avaliação das instituições, cursos e estudantes de ensino superior. [...] Ele avalia as bibliotecas universitárias, onde são observados critérios como recursos humanos, política de coleções, estrutura física, recursos de informação e comunicação, serviços aos usuários, dentre outros aspectos.” (NUNES; CARVALHO, 2016, p. 189).

ponto de vista tradicional são agrupadas em três áreas: processos técnicos, serviços ao público [e] administração.” (TARAPANOFF, 1982, p. 81).

Para além disso, a biblioteca universitária busca expandir tanto em qualidade quanto em quantidade as suas atividades, seus produtos e seus serviços. “É parte da habilidade da biblioteca ajustar-se a mudanças para evitar a entropia.” (TARAPANOFF, 1982, p. 86).

Pensar na biblioteca universitária que contém livros do início século XX é refletir sobre a oportunidade de dar acesso a materiais que provavelmente não foram acumulados pela sociedade de forma geral, devido à falta de costume de colecionar materiais bibliográficos, nesse período.

Desta maneira, as bibliotecas carregam grande importância para sociedade cujo hábito de acumular saberes através das obras bibliográficas não se fez presente em todos os lares até o Século XX. Contudo, esse cenário mudou nas últimas décadas e o crescimento da área da educação trouxe novos hábitos para a sociedade, mas é preciso pensar na preservação do material produzido no século XX, e dentro dessa sociedade carente de referências vem o papel das:

Verdadeiras bibliotecas universitárias - entendidas não apenas como grandes coleções em majestosos edifícios, mas julgadas, sobretudo, pela excelência de seus serviços à comunidade acadêmica só aparecem neste século e só agora começam a afirmar-se e a impor-se. (MIRANDA, 1978, p. 4).

As universidades, normalmente, apresentam uma biblioteca central e algumas setoriais, como no caso da UFRJ. Muitas setoriais surgiram devido às necessidades informacionais específicas para determinada unidade e em decorrência das doações de coleções particulares, tal como a formação da Biblioteca da Faculdade de Farmácia através da doação da biblioteca particular de Oswaldo de Almeida Costa, na década de 1990. Essas doações já eram comentadas por Miranda na década de 1970:

As nossas pequenas, mal aparelhadas e pobres bibliotecas setoriais existem porque algumas personalidades sentiram a necessidade de desenvolvê-las e apoiá-las como instrumentos de apoio ao ensino e à pesquisa nas suas áreas de atuação. Foram médicos, engenheiros, químicos, especialistas em áreas como Sociologia, Direito ou Educação, etc., coordenadores ou diretores de cursos que arregimentaram esforços, reuniram obras, buscaram fundos e iniciaram suas coleções. Na maioria dos casos, quando a empresa torna-se complexa, contratam bibliotecários para organizá-las e atendê-las. A estes idealizadores e pioneiros cabe-lhes o mérito e o reconhecimento e naturalmente, defendem o seu patrimônio quando

ameaçado de descaracterização mediante sua incorporação anônima a bibliotecas centrais, fora de seu alcance e determinação. (MIRANDA, 1978, p. 4).

Desta forma, entende-se que as bibliotecas universitárias setoriais surgiram da carência informacional sentida pelas faculdades e pela vontade e esforço de suprir os interesses da comunidade. Na ocasião, todos os conjuntos de livros e periódicos recebidos tiveram importância, mas, na atualidade, deve-se pensar na melhor forma de gerir e preservar essa documentação científica.

Contudo, deve-se pensar primeiramente que, para se formar uma coleção, é preciso entender quem foi o seu primeiro colecionador, sua história de vida e trazer valor de conteúdo acumulado. Em alguns casos, essa coleção deve ser entendida como uma biblioteca particular<sup>3</sup> antes de ser vista como parte integrante de uma biblioteca universitária, e assim conhecer o viés de sua história como forma de seguir o caminho de sua construção respeitando os interesses da instituição.

Mais do que essas ações iniciais para a formação de uma biblioteca setorial, o acervo é constituído, normalmente, por obras de uso frequente e que contemplem as bibliografias dos cursos oferecidos pela faculdade ou universidade; a coleção de obras de referência abarca dicionários, enciclopédias, manuais, índices, anuários, bibliografias, guias de fontes, dentre outros; a coleção de periódicos é formada por publicações que são produzidas com intervalos de tempos iguais, como jornais, revistas e publicações oficiais; a coleção de teses e dissertações reúne os trabalhos de conclusão de curso dos alunos de mestrado e doutorado da unidade; a de CDs organiza os CDs que acompanham livros, teses e dissertações; e as coleções especiais.

Desta forma, o acervo

pode ter caráter corrente ou histórico. Entretanto quando se discute um sistema de informação, a premissa básica é que ele seja constituído de ferramentas para coleta, organização, armazenamento, processamento e disseminação de informação em diversas formas e suportes, independentemente de suas especificidades. (LEITÃO, 2005, p. 12).

Assim, a biblioteca universitária é uma unidade vinculada a uma universidade, sem autonomia própria, é vista como um sistema social, mas que prioriza a comunidade universitária, seu acervo é formado de acordo com o desenvolvimento da sua área de

---

<sup>3</sup> Biblioteca pessoal. Home collection, personal library. Biblioteca ou acervo pertencente a um indivíduo. Arquivo pessoal, biblioteca privada.

CUNHA, Murilo Bastos da ; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet Lemos/Livros, 2008.

atuação dentro da universidade. (TARAPANOFF, 1982, p. 89). Ela tem seus processos balizados nas atividades de pesquisa, ensino e extensão da instituição, é um organismo em constante crescimento tanto na parte de aquisição de obras quanto na oferta de produtos e serviços, e, normalmente, a universidade possui uma ou mais bibliotecas centrais e bibliotecas setoriais vinculadas à determinada biblioteca central.

Concluindo, as bibliotecas universitárias, para fins deste trabalho, pautadas nas literaturas citadas e na experiência do autor por ter exercido funções biblioteconômicas nas universidades privadas como PUC-RIO, Estácio e Universidade do Grande Rio e na Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo atuado nas bibliotecas do Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES), do Instituto de Física (IF), na Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde e atualmente na Biblioteca da Faculdade de Farmácia, são unidades facilitadoras ao acesso às informações que podem estar no âmbito da biblioteca, na Instituição como um todo ou mesmo em outros lugares físicos e/ou virtuais.

O público alvo da Biblioteca da Faculdade de Farmácia é a comunidade da Faculdade de Farmácia da UFRJ, porém tem responsabilidade com a UFRJ e com o público em geral, respeitando as limitações de espaço, produtos e serviços da unidade.

Todo empenho exercido pela biblioteca segue à disposição da área farmacêutica da UFRJ levando em consideração os dados da comunidade e das coleções de sua guarda e acesso.

Nos dezoito anos de vivência na área biblioteconômica foi possível constatar as mudanças tecnológicas e as mudanças nas demandas dos usuários, cada vez mais exigentes, devido ao leque de oportunidades de acesso às informações que vêm se abrindo com o passar dos anos e com a necessidade de se obter informação rapidamente.

Há pouco mais de uma década, era comum se esperar até um mês por documentos pelo COMUT (Programa Brasileiro de Comutação Bibliográfica) e atualmente é preciso justificar o porquê do prazo de um a três dias pelo resultado de um levantamento bibliográfico em bases de dados ou em plataformas bibliográficas.

Dentro desse contexto, entende-se que essas mudanças exigem avaliações periódicas da instituição, da unidade à qual a biblioteca está vinculada, das ementas e

bibliografias exigidas pelos cursos, da comunidade de usuários, do acervo, dos produtos e dos serviços ofertados pela biblioteca, além dos novos formatos que carregam informações disponíveis no mercado.

## 2.1 A BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FARMÁCIA: HISTÓRIA, CARACTERÍSTICAS E FUNÇÕES

A biblioteca universitária setorial consegue armazenar uma gama de livros técnicos que em sua maioria são indicações de professores e pesquisadores da área. Esse acervo se forma ao longo da jornada de desenvolvimento das pesquisas de intelectuais especializados, dando valor e espaço para o acúmulo dos registros de evidências e inventos, formando uma memória social e científica para determinado grupo. A Biblioteca da Faculdade de Farmácia, muito mais do que um local de guarda de material informacional, é um local de aprendizado, ensino, pesquisa e memória do nicho. Ela permite, através de suas fontes informacionais, forjar um processo contínuo de desenvolvimento científico não linear, e assim criar a identidade científica de seu grupo.

Até o início do século XIX, mais de 2500 brasileiros, membros de famílias da elite colonial, se formaram na universidade de Coimbra, Portugal. (MENDONÇA, 2000, p. 133). A partir de 1808, foram formados os primeiros cursos de Cirurgia, Anatomia, Obstetrícia e a Academia de Marinha no Brasil. (MENDONÇA, 2000, p. 134).

Para Mendonça (2000, p. 131-132)

a instituição universitária é uma criação específica da civilização ocidental, que teve, nas suas origens, um importante papel unificador da cultura medieval e que, posteriormente, ao longo do século XIX, redefinida em suas atribuições e em seu escopo, exerceu, também, um papel de consolidação dos Estados nacionais. (MENDONÇA, 2000, p. 131-132).

Segundo as informações contidas no site da Faculdade de Farmácia, da UFRJ, o início da sua história pode ter se dado em 1809, quando o Príncipe D. João nomeou o Dr. José Maria Bomtempo, um português, como catedrático da Cadeira de Medicina, Química, Matéria Médica e Farmácia no Brasil. “Em 1832, foram criados os cursos de Farmácia e de Obstetrícia... na então Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro [...]



depois Faculdade Nacional de Medicina e hoje Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FARMÁCIA, UFRJ).

Contextualizando a Faculdade de Farmácia com marcos históricos, identificou-se que, com a chegada da família Real no Rio de Janeiro, foram criados a Academia de Marinha (1808 – oficiais, engenheiros civis e militares), o curso de anatomia e cirurgia (1810 – no hospital militar) e os cursos de medicina (1809), Além de outros cursos que foram criados na Bahia e no Rio de Janeiro. (MENDONÇA, 2000, p. 134).

A Faculdade de Farmácia, da UFRJ, passou por progressos e em 1951 sua biblioteca foi organizada e sediada no Campus Praia Vermelha, junto com o curso de farmácia. Mais adiante, em 1973, a biblioteca foi desativada em decorrência da criação do Campus Cidade Universitária/Fundão. Nessa época, foi criado o Centro de Ciências da Saúde (CCS) e o acervo da Biblioteca da Faculdade da Farmácia foi incorporado ao acervo da Biblioteca Central do CCS, junto com os demais acervos da área biomédica. (BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FARMÁCIA, UFRJ).

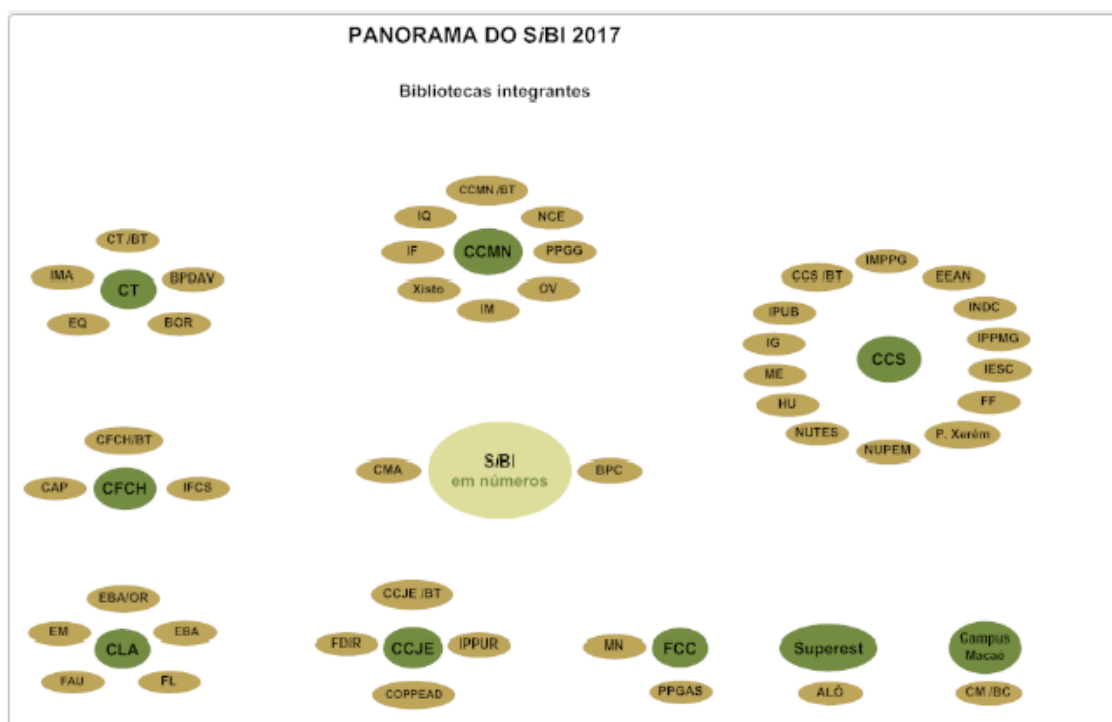
A Reforma Universitária, consubstanciada na Lei 5.540/68 ocorreu em 1968, juntamente com legislações complementares (MENDONÇA, 2000, p. 147), onde são fixadas normas de organização e funcionamento do ensino superior.

Em 1983, Surgiu o Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ (SiBI) com projeto inicial de centralizar as aquisições de periódicos estrangeiros para a UFRJ e em seguida o SiBI passou a administrar as bibliotecas. Hoje, o SiBI subdivide-se entre Coordenação, Secretaria, Centro Referencial, Desenvolvimento de Bibliotecas, Processamento Técnico e Memória Institucional, e visa colocar as 45 bibliotecas da UFRJ no mesmo padrão de qualidade que a UFRJ oferece à sociedade em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão. (SISTEMAS DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO DA UFRJ).

A partir de 1995 no Governo de Fernando Henrique Cardoso, o sistema de ensino sofre ampla reforma que se consubstanciou na Nova Lei de Diretrizes e Bases, outros documentos legais complementares e o congelamento de salários de docentes e cortes de verba para a pesquisa e a pós-graduação. (MENDONÇA, 2000, p. 149). Tendo como consequência um declínio nos investimentos informacionais.

Reaberta na década de 1990, atualmente, a Biblioteca da Faculdade de Farmácia (FF) configura-se como uma das setoriais do Centro de Ciências da Saúde (CCS), como mostra a ilustração abaixo:

FIGURA 1: Panorama Sibi, UFRJ.



Fonte: <http://www.sibi.ufrj.br/index.php/o-sibi/panorama-estatisticas>

Com a demanda do curso de pós-graduação da Faculdade de Farmácia, “No início do ano de 1994, a biblioteca foi reativada e passou a funcionar na sala 50, do 2º andar do prédio do CCS, área de grande circulação de alunos, professores e funcionários, ocupando 100 m<sup>2</sup>, quando recebeu a importante doação do Acervo do Prof. Oswaldo de Almeida Costa.” (BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FARMÁCIA, UFRJ). Nesse ínterim, ela sofreu por novas reformulações, passando a atender a toda comunidade da Faculdade de Farmácia e conseqüentemente, a integrar o Sistema de Bibliotecas da UFRJ, SIBI. (BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FARMÁCIA, UFRJ). Contrário à informação referente à data, aparece no site da Faculdade de Farmácia que a Biblioteca foi criada em 1990, contudo, com o mesmo acervo de Oswaldo. (FACULDADE DE FARMÁCIA, UFRJ).

Em 26 de agosto 2013, “a Faculdade de Farmácia estabeleceu sua sede própria com a construção do Prédio Professor Levy Gomes Ferreira, localizado [na] Avenida Carlos Chagas Filho, 373 – Cidade Universitária.” (BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FARMÁCIA, UFRJ). O espaço físico da biblioteca foi sensivelmente reduzido para 68 m<sup>2</sup> divididos em duas salas, o que levou à doação da maior parte de seu acervo bibliográfico para a Biblioteca Central do CCS, novamente. Atualmente, a biblioteca está organizada em 68 m<sup>2</sup>, distante das salas de aula e ainda teve novamente proposta de redução de espaço. A biblioteca manteve uma pequena parte do acervo impresso e adquiriu a assinatura da Biblioteca eletrônica “Minha Biblioteca”<sup>4</sup> que possuía mais de 8.000 títulos assinados, permitindo até 1300 usuários cadastrados. (MINHA BIBLIOTECA), com o intuito de atender à demanda informacional da comunidade.

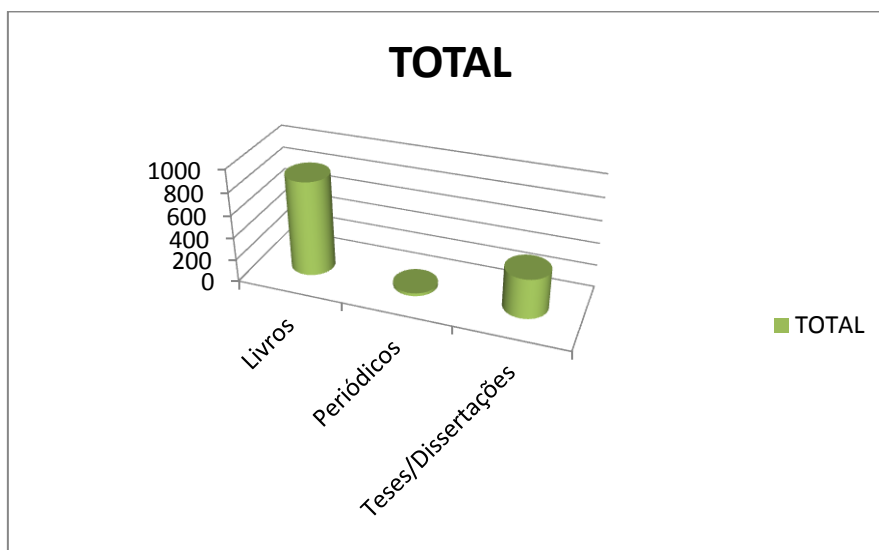
Assim, com a mudança para um espaço menor, houve perda de acervo e a assinatura da plataforma “Minha Biblioteca” veio com o intuito de suprir um pouco desse desfalque. Apesar de ter sido uma boa iniciativa da Direção da Faculdade de Farmácia, a plataforma não foi aderida em sua potencialidade e devido ao alto custo, a assinatura não foi renovada.

Atualmente, a Biblioteca da Faculdade de Farmácia é reconhecida como uma biblioteca setorial de pequeno porte, do Centro de Ciências da Saúde. Contém um acervo acumulado de 844 títulos de livros, com total de 1641 exemplares; 26 títulos de periódicos, com 188 fascículos; e 352 teses/dissertações (BAGER, 2018). Esse acervo em números tem sua melhor visualização no gráfico abaixo:

---

<sup>4</sup> Plataforma digital de livros formada pelas principais editoras do Brasil: Grupo A, Grupo Gen-Atlas, Manole, Saraiva, Cengage Learning, Zahar, Grupo Autêntica, Editora Cortez, entre outras.  
<http://minhabiblioteca.com.br>

Gráfico 1: Panorama de títulos da Biblioteca da Faculdade da Farmácia.



FONTE: O autor.

A biblioteca universitária da Faculdade de Farmácia, local de experiência e observação para o desenvolvimento desse trabalho, armazena alguns suportes informacionais, entre eles, livros, periódicos, CDs. Essa variedade exige padrões de organização e separar o acervo em coleções é uma atribuição da biblioteca. Uma biblioteca universitária pequena, dentro do contexto da UFRJ, possui pelo menos cinco coleções: coleção de acervo geral; coleção de obras de referência; coleção de periódicos; coleção de teses e dissertações; coleção multimídia (CD, DVD, etc.); e em alguns casos, coleções especiais.

A Biblioteca Particular de Oswaldo de Almeida Costa continua em parte sob os cuidados da Biblioteca da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e agora passa a ser definida neste trabalho como Coleção Especial Oswaldo de Almeida Costa.

Acredita-se que a coleção tenha sido incorporada à Faculdade de Farmácia 11 anos após o falecimento de Oswaldo de Almeida Costa segundo a junção de dados da página da biblioteca com a página da Academia Nacional de Medicina

Separadamente do acervo de uso corrente está sendo reunida a coleção especial constituída a partir da doação da coleção particular de Oswaldo de Almeida Costa, onde se encontram livros, periódicos, fotografias, cartões postais e caderno com recortes de

jornais. O conjunto encontra-se fragilizado, além de estar com seus elementos separados em salas diferentes e sem sinalizações que gerem conexões entre eles.

Por fim, acrescenta-se que a função principal da biblioteca da Faculdade de Farmácia é atender alunos de graduação da própria Faculdade, alunos de pós-graduação de toda UFRJ, professores, técnicos administrativos e à sociedade. Para que isso ocorra com qualidade, são oferecidos os seguintes serviços e produtos pela unidade.

Para esse grupo, oferece-se serviços como:

- ✓ Inscrição de usuários com orientação quanto ao uso da biblioteca;
- ✓ Consulta;
- ✓ Reserva *online*;
- ✓ Empréstimo;
- ✓ Renovação *online*;
- ✓ Empréstimo entre bibliotecas;
- ✓ Serviços de busca de artigos através do Catálogo Coletivo Nacional (CCN)/COMUT e Portal Capes;

Como produtos:

- ✓ Nada Consta;
- ✓ Gerador automático de Ficha catalográfica e em alguns casos elaboração feita por bibliotecário;
- ✓ Acesso às normas da ABNT *online*;
- ✓ Base Pantheon (toda produção acadêmica da UFRJ);
- ✓ E-books (bases externas assinadas pela UFRJ);
- ✓ Manual para elaboração e normalização de Dissertações e Teses (do SiBI);
- ✓ Folder informativo;
- ✓ Boletim de novas aquisições.

Assim, a biblioteca da Faculdade de Farmácia é praticamente como um átomo dentro de um sistema bem estruturado que se configura o SiBI/UFRJ. Desenvolve suas atividades de forma autônoma, mas respondendo e respeitando os padrões do SiBI. Ela apresenta seu acervo dentro de coleções, sendo algumas: acervo geral, coleção de obras

de referência, coleção de periódicos, coleções de teses, e pretende construir sua primeira coleção especial a partir desse estudo.

Cabe lembrar que em dois momentos da história da Faculdade de Farmácia (1973 e 2013), a biblioteca foi desmembrada e teve seu material bibliográfico doado total ou em parte para a Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde, da UFRJ.

Assim, vale refletir sob o ponto de vista de que manter uma biblioteca setorial exige investimentos em recursos humanos, em recursos financeiros e em espaço físico, questões disputadas em instituições públicas. Diante disso, deve-se continuar com a ideia de pensar em políticas que facilitem seu funcionamento ou até apoiem a possível transferência de heranças para as bibliotecas centrais, como trata Miranda (1978, p. 5) ao afirmar que “as tomadas de decisões quanto à "centralização" têm sido feitas de forma geralmente autoritária, sem estudos sérios e bem fundamentados”.

O que de fato não garante a preservação do material após sua transferência.

Desta forma, pretende-se garantir informações necessárias para planejamentos adequados, para tomadas de decisões embasadas na realidade do acervo e da instituição e para o controle do que se pode oferecer como produtos, serviços e até atrair patrocínios.

Ao se compreender a intenção de Miranda (1978) com a preocupação de se preservar produtos e serviços de uma biblioteca setorial incorporada a uma central, faz-se necessário identificar o real cenário da Biblioteca Setorial da Faculdade de Farmácia.

A incorporação de uma biblioteca setorial a biblioteca central de seu centro de ciência é possível à medida que surjam interesses. Assim, a política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais servirá como apoio para avaliações periódicas das coleções especiais pertencentes à biblioteca e às possíveis coleções que podem vir a serem incorporadas, além de servir como ferramenta de apoio para possíveis transferências.

Somente na segunda metade dessa década que as bibliotecas da UFRJ estão começando a elaborar políticas voltas para o desenvolvimento do acervo, e com esse trabalho será elaborada a Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais para a Biblioteca da Faculdade de Farmácia. A necessidade das avaliações das coleções das bibliotecas universitárias começou a ser percebida na década de 1970 com

o intuito de adequar as bibliotecas à sua comunidade no sentido de pertinência, relevância, quantidade e excelência. (MIRANDA, 1978, p.7).

E é através dessas avaliações que é possível realizar a seleção, um dos dois processos técnicos mais importantes e ao mesmo tempo com mais recorrências de fracassos sob a perspectiva dos serviços à comunidade, que são a seleção e a referência. (MIRANDA, 1978). "Seleção é a atividade técnica que orienta a formação e o desenvolvimento do acervo". (MIRANDA, 1978, p. 6).

Assim, a biblioteca da Faculdade de Farmácia da UFRJ carrega a responsabilidade histórica de preservar a memória da ciência farmacêutica articulada dentro de sua instituição e um dos vieses da preservação configura-se na política de formação e desenvolvimento de coleções. A biblioteca é considerada instituição de memória e se apresenta capacitada para gerir várias coleções dentro de sua estrutura. Nesse caso, será tratada uma coleção especial que foi formada como biblioteca particular e, posteriormente, institucionalizada.

Por outro lado, não há certeza que garanta a permanência de bibliotecas setoriais. Na UFRJ existe histórico de incorporações das setoriais às centrais, além de haver um plano de aglutinar as bibliotecas setoriais do Centro de Ciências da Saúde à Biblioteca Central. Com isso, todas as ações de gestão e desenvolvimento da biblioteca devem ser pensadas para o bom funcionamento e com a possibilidade de transferência de acervo para a Biblioteca Central.

## 2.2 A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DA FACULDADE DE FARMÁCIA COMO ORGANIZADORA DE COLEÇÕES ESPECIAIS DE CONTEÚDO CIENTÍFICO: O CASO DA COLEÇÃO ESPECIAL DE OSWALDO DE ALMEIDA COSTA

As bibliotecas trazem os conceitos de ordem e arrumação em suas raízes. Desde seus primórdios, têm, entre suas várias funções, a de identificar e ordenar para dar acesso à informação e ao conhecimento. Por sua vez, a biblioteca da Faculdade de Farmácia, guardiã de um recorte da memória científica da história das ciências farmacêuticas (entendido na coleção particular de Oswaldo de Almeida Costa), que tem um potencial a ser explorado por seu público, como ocorrido nas décadas de 1990 e

2000. Ela carrega em si algumas transformações desse campo científico e a atribuição de agregar e modificar os conhecimentos de seus usuários e se compromete com a preservação e acesso de seu acervo. Como afirma Souza (2017, p. 31),

Nas universidades, as coleções possuem a premissa de atender à demanda informacional relacionada às atividades científicas: pesquisa e trabalhos técnicos [...] as coleções raras e especiais vão auxiliar na construção das etapas de uma pesquisa como, por exemplo: na definição do tema, objeto, problema, objetivos, justificativa, hipóteses, metodologia e referencial teórico. (SOUZA, 2017, p. 31).

Porém, mesmo diante dos muitos esforços da área, para Miranda (1978, p. 4) até 1978, o Brasil não possui uma tradição bibliotecária, nem uma tradição universitária e, além disso, traz a ideia de que “o conceito mesmo de biblioteca varia de país para país e é peculiar no nosso caso, [devido] a falta de tradição no uso de livros e de bibliotecas.” Contudo, a biblioteconomia apresentou avanços no ensino e na pesquisa no século XX e no início do século XXI. Como aponta Elen Cristina de Aguiar Gomes (2019, p. 27-29), a biblioteconomia no Brasil começou a ter avanços em 1910 a partir da transferência da Biblioteca Nacional para a atual Avenida Rio Branco, 219, no Centro do Rio de Janeiro, período onde passou a ser exigida a realização de provas no processo de seleção de funcionários. Em 11 de julho de 1911, surge o Decreto nº 8.835, que do artigo 34 ao artigo 42 apresenta a estruturação do curso de Biblioteconomia. A partir de 1º de janeiro de 1934 os participantes dos cursos passam a receber certificados.

A Biblioteconomia foi mencionada como profissão no Decreto-Lei de 1º de maio de 1943, assinado por Getúlio Vargas e em 30 de junho de 1962, João Belchior Marques Goulart assinou a Lei nº 4.084 que regulamentou a profissão bibliotecário e o seu exercício.

Nos dias atuais, analisando o cenário das 45 bibliotecas da UFRJ, percebe-se esforço por parte dos bibliotecários em melhorar suas práticas de atuação baseado em pesquisas acadêmicas, como alguns trabalhos recentes, produzidos no âmbito das pós-graduações, tais como das bibliotecárias: Ingrid Lopes de Souza que desenvolveu a Dissertação “Patrimônio bibliográfico de C&T em universidades: propostas para a formação das coleções especiais da Biblioteca Paulo Geyer”, Rosângela Coutinho da Silva que apresentou a Dissertação “Sob a pele dos livros da Coleção Professor Celso Cunha”, que possuem certa ligação com este trabalho e Elen Cristina de Aguiar Gomes que defendeu a dissertação “Para Além do Palácio Gustavo Capanema: a Biblioteca



Euclides da Cunha como patrimônio cultural”. Além disso, é possível observar o engajamento dos bibliotecários nas adaptações da biblioteconomia quando se examina o que está sendo produzido nos mestrados da Fiocruz, UFRJ, UNIRIO, UFF e MAST.

Tanto o trabalho da Ingrid como o da Rosângela apresentam questões referentes às coleções especiais de suas bibliotecas de origem e trazem boas contribuições para o entendimento do acervo tratado como coleção especial da Biblioteca da Faculdade de Farmácia. A Biblioteca Particular de Oswaldo de Almeida Costa está sendo analisada como coleção especial por possuir características diferentes do acervo geral de bibliotecas universitárias e por ter sido formada por objetivos diferentes dos praticados em bibliotecas universitárias.

Weitzel (2019) alerta que a questão das coleções especiais em bibliotecas universitárias é um desafio para a atualidade. Os bibliotecários estão tendo que retomar os princípios biblioteconômicos sobre biblioteca e biblioteca universitária para conseguir “lidar com todos os tipos de materiais (impressos, digitais, iconográficos, etc.) e buscar soluções integrativas [Além de focarem na ideia de que] as coleções devem corresponder à missão institucional e necessidades dos usuários.” (WEITZEL, 2019, informação verbal)<sup>5</sup>.

Para se ter entendimento sobre o processo de organização de coleções é preciso compreender quem são seus detentores. No caso, a coleção Oswaldo de Almeida Costa, objeto dessa dissertação, faz parte do acervo da biblioteca da Faculdade de Farmácia, da UFRJ. Em relação ao termo biblioteca, Souza (2017, p.5) recorre a duas definições expressas por Cunha e Cavalcanti (2008, p. 48), biblioteca como uma “coleção de material impresso ou manuscrito, ordenado e organizado com o propósito de estudo e pesquisa ou de leitura em geral ou ambos.” E outro conceito que sai do meio impresso e engloba outras questões, “coleção organizada de registros da informação, assim como os serviços e respectivo pessoal, que têm a atribuição de fornecer e interpretar esses registros, a fim de atender às necessidades de informação, pesquisa, educação e recreação de seus usuários.” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 48). Dentro do cenário da biblioteca universitária, entende-se que a segunda definição representa melhor a biblioteca em questão. Além disso, colocam a biblioteca como local físico próprio para este tipo de armazenamento. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

---

<sup>5</sup> Informação fornecida por Simone Weitzel na Mesa Redonda Coleções Especiais em instituições de pesquisa, MAST, em 30 de março de 2019.

Entre final de 2016 e início de 2017, os livros da Coleção Particular de Oswaldo de Almeida Costa foram identificados pela Bibliotecária Maria Rosa A. B. Calmão de Freitas, que trabalhou na Biblioteca da Faculdade de Farmácia na década de 1990 e nesse ínterim foram observadas as marcas de proveniência<sup>6</sup> do material. Com o sentido de reunir os itens dessa coleção, que hoje estão dispersos no acervo corrente da biblioteca e no espaço de desbastamento<sup>7</sup>, e dar sentido de coleção especial para esses itens optou-se pelo estudo da história dessa coleção com a intenção de preservá-la e colocá-la como coleção especial. Este capítulo pretende definir o que é coleção especial e porque esses materiais devem ser reunidos dessa forma.

Dentre as marcas de propriedade foram identificadas marcas de propriedade da Universidade do Brasil (nome da atual UFRJ entre os anos 1937-1965). O que gerou certa dúvida sobre a proveniência da coleção. Contudo, a biblioteca da Faculdade de Farmácia foi fechada em 1973, tendo todo seu acervo encaminhado para a Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ. Das reflexões geradas por esse contexto, pensou-se na suposta apropriação temporária de Oswaldo de Almeida Costa devido aos carimbos de descarte por parte da biblioteca ou até mesmo pela conjuntura histórica de um período de ditadura.

Para se entender o sentido da expressão acervo corrente da biblioteca, é preciso observar que:

Acervo é o conjunto dos documentos que compõem o patrimônio da biblioteca. Todo documento organizado e armazenado na biblioteca faz parte do acervo, por isso denomina-se assim o conjunto de obras ou de documentos que são formalmente apropriados por esta biblioteca. São considerados organismos vivos e podem ser de diferentes tipos e formatos ou suportes físicos.

O acervo da biblioteca é denominado de coleção ou coleções, conforme se refira ao complexo conjunto das obras existentes, ou a grupos de obras. Pode ser constituído de várias obras iguais, denominadas exemplares, ou de uma única obra ou exemplar, que, segundo as características físicas do seu suporte material, se dividem em dois grandes grupos, identificados como impressos ou

---

<sup>6</sup> As marcas de proveniência são marcas feitas intencionalmente ao longo dos anos e que trazem a história de cada exemplar.

Ex-domo (do Latim). Designa “a proveniência de um livro oferecido a uma biblioteca ou entidade privada”. Marca manuscrita, colocada num documento por seu possuidor, podendo construir uma assinatura, uma frase ou um texto que o identifique. Ex-libris.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Córdelia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2008. p. 161.

<sup>7</sup> Desbaste do acervo – Descarte. “Operação que consiste em separar ou retirar do acervo de uma biblioteca, os documentos supérfluos, antiquados ou que não se acham em condições de uso. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

bibliográficos; e não impressos ou audiovisuais. (MORO; ESTABEL, 2014, p. 15).

Diante disso, entende-se que o objeto de estudo era uma coleção particular, que foi incorporada à biblioteca e assim, passou a integrar seu acervo de uso corrente. Neste momento, os itens estão sendo reunidos para formar uma coleção especial dentro do acervo da biblioteca.

Por ser um material que extrapola o campo acadêmico e faz uso da cultura de quem o acumulou, percebe-se que essa coleção não pode ser tratada exclusivamente pelo olhar biblioteconômico. Souza (2017, p. 5-6) traz as ideias de Ana Maria da Cruz, Maria Tereza Reis Mendes e Simone da Rocha Weitzel (2004) que “chamam a atenção para a semelhança da biblioteca com os museus e os arquivos, no que se refere à sua finalidade cultural mais ampla”.

Ao falar dessa coleção, abraça-se as práticas museológicas que passam constantemente por tensões dentro de seu campo, e com isso, conseguem, através das críticas e novas práticas, encarar novos tipos de coleções. (GONÇALVES, 2005). Além de se utilizar de práticas da Arquivologia. Porém, deve-se levar em conta que o *locus* de exercício é uma biblioteca universitária setorial.

Para completar a ideia de coleção, recorre-se ao livro *Coleções e colecionadores* (2012), publicado pelo Museu Histórico Nacional, que traz a noção prática sobre se pensar coleção como algo que

repele qualquer visão universalista, ahistórica ou “naturalista” do ato de coletar. São recorrentes afirmações de que as coleções são um fenômeno atemporal, inerentes à natureza humana, visto que sua regularidade ao longo dos anos e em diferentes culturas. Sendo assim, o fenômeno seria dotado de sentido semelhante ao longo da trajetória humana. (MAGALHÃES; BEZERRA, p. 2012, p.10).

Deve-se pensar que a Coleção Oswaldo de Almeida Costa está dentro de um ambiente público-universitário. Ela saiu de um ambiente privado, de pouco acesso e conhecida por completo por seu colecionador e foi incorporada à Biblioteca da Faculdade de Farmácia, que trata da coleção de forma técnica e objetiva, com sistema de identificação e recuperação. Desta forma, compreende-se que as bibliotecas universitárias possuem um ambiente de atuação dinâmico e complexo e de acordo com Miranda (1978, p. 1),

a biblioteca universitária é um fenômeno social... A práxis revela que o binômio técnica-contexto social só é equacionado positivamente

quando o árbitro – no caso o bibliotecário - transita nas duas esferas e quando sabe, como administrador, dialogar com o poder decisório superior. Erra, portanto, aquele que oferece tão somente soluções técnicas. Frustra-se o planejador que não sabe auscultar as forças, tendências, inclinações e demandas das personalidades em conflito na sua área de atuação e fracassa se não souber articular estas forças ambientais em favor de seu projeto. (MIRANDA, 1978, p. 1).

Saber identificar a qual coleção um item deve pertencer é uma função inerente do profissional da informação, que pode ser bibliotecário, museólogo, arquivista ou cientista da informação, que em sua essência profissional usam práticas de colecionismo e arquivamento para a organização do patrimônio dentro de um espaço adequado. Como a Coleção Oswaldo de Almeida Costa apresenta informações nos diferentes suportes, como: livro, periódico, fotografia, cartão postal e recorte de jornal, busca-se pegar a aproximação dessas áreas do conhecimento para se estruturar e justificar as diretrizes quanto às fotografias e cartões postais.

Smit (1993, p. 81-82) relata que existe uma confluência entre a Museologia, a Arquivística e a Biblioteconomia e Documentação, e, assim, defende que são três profissões irmãs da organização da informação que possuem “objetivos próximos e técnicas semelhantes [...] [e] raramente unem esforços, ignorando-se umas às outras na maior parte das vezes.” (SMIT, 1993, p. 82). Porém, todas apresentam dificuldades distintas em trabalhar documentos com especificidades que vão além de seu objeto base de trabalho.

Os bibliotecários são seguros em tratar livros e outros documentos escritos, os arquivistas em portar-se com documentos escritos e os museólogos em agir com objetos tridimensionais. (SMIT, 1993, p. 84). As fotografias e os cartões postais pairam entre esses campos com certa excentricidade e até inadequação devido à falta de familiaridade com esse suporte, o que justifica tratamento diferente do material e a reunião de documentos do mesmo formato. Porém, no processo de investigação desse trabalho foi constatado que os métodos de tratamento de material fotográfico mais adequados para essa coleção foram identificados nos arquivos.

Dentre as práticas arquivísticas, encontram-se os princípios arquivísticos explorados por Bellotto (2002, p. 23-24): proveniência, unicidade, organicidade e indivisibilidade. Essas bases devem estar presentes tanto nos estudos diplomáticos quanto nos estudos tipológicos. Três desses princípios estão sendo aplicados nesse trabalho.

Esses princípios fundamentais da arquivologia serão adotados pela biblioteca da Faculdade de Farmácia na construção da Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais por se enquadrarem às características da Coleção Oswaldo de Almeida Costa e, principalmente, por servirem como base para o processo de documentação das relações entre os objetos das coleções em arquivos.

Seguem abaixo as definições de Camargo e Bellotto (1996) apud Bellotto (2002, p. 23-24) para os princípios de proveniência:

1) O da proveniência. É a marca de identidade do documento relativamente ao produtor/acumulador, o seu referencial básico, o “princípio, segundo o qual os arquivos originários de uma instituição ou de uma pessoa devem manter sua individualidade, não sendo misturados aos de origem diversa”. No caso a coleção pertenceu a Oswaldo de Almeida Costa, que exerceu grande influência na área farmacêutica.

Através desse princípio, justifica-se a reunião dos itens doados por Oswaldo de Almeida Costa e traz a ideia de que se configura uma coleção única.

2) O da unicidade, ligado à qualidade “pela qual os documentos de arquivo, a despeito da forma, espécie ou tipo, conservam caráter único em função de seu contexto de origem”. Esse princípio nada tem que ver com a questão do “documento único”, original, em oposição às suas cópias. Esse ser “único”, para a teoria arquivística, designa que, naquele determinado contexto de produção, no momento de sua gênese, com aqueles caracteres externos e internos genuínos e determinados dados, os fixos e os variáveis, ele é único, não podendo, em qualquer hipótese, haver outro que lhe seja idêntico em propósito pontual, nem em seus efeitos. Aqui, leva-se em questão a coleção e não a avaliação item a item porque é possível encontrar outros exemplares de alguns itens dessa coleção, mas não é possível encontrar outra coleção igual a essa. Esse princípio deve ser observado em seu local de origem e suas condições de organicidade devem ser respeitadas.

Com essa definição, é possível argumentar que essa coleção como um todo é única e que em nenhum outro lugar existirá outra coleção com esses mesmos elementos da área farmacêutica.

3) O da organicidade, sua condição existencial. As relações administrativas orgânicas refletem-se no interior dos conjuntos documentais. Em outras palavras, a

organicidade é a “qualidade segundo a qual os arquivos refletem a estrutura, funções e atividades da entidade produtora/acumuladora em suas relações internas e externas”. Os documentos determinantes/resultados/conseqüências dessas atividades guardarão entre si as mesmas relações de hierarquia, dependência e fluxo;

Esse princípio não pode ser usado nessa coleção, pois não há provas de estrutura orgânica, porém é citado porque pode ser aplicado em outras coleções.

4) O da indivisibilidade, sua especificidade de atuação. Fora do seu meio genético, o documento de arquivo perde o significado. Também conhecido como “integridade arquivística, é característica que deriva do princípio da proveniência, segundo a qual um fundo deve ser preservado sem dispersão, mutilação, alienação, destruição não autorizada ou acréscimo indevido.” (CAMARGO E BELLOTTO, 1996 apud BELLOTTO, 2002, p. 23-24). Isso justifica reunir os itens que formaram a coleção particular de Oswaldo de Almeida Costa e montar uma coleção especial dentro da biblioteca da Faculdade da Farmácia.

Por fim, esse princípio vem reforçar a ideia de se manter a coleção reunida como produtora de discurso histórico e matricial para a área farmacêutica.

Assim, mesmo entendendo a biblioteca como um local de guarda como definido abaixo torna-se importante pensar nessa coleção como um conjunto de documentos com características comuns aos documentos arquivísticos por fazerem parte de determinado conjunto da mesma proveniência, por serem únicos e indivisíveis (BELLOTTO, 2002, p. 24). Por outro lado, ressalta-se que não foi identificado o princípio da organicidade na Coleção Oswaldo de Almeida Costa. Mais além, os princípios da arquivologia, possivelmente usados em bibliotecas, podem ser usados em sua totalidade ou apenas um ou outro, de acordo com as características da coleção explorada. Contudo, deve-se levar em conta que a biblioteca universitária é muito mais do que um local de guarda da memória científica, com o passar dos anos ela recebeu várias atribuições e manteve a sua missão de dar acesso à informação.

Rodrigues (2015, p. 243-244) relata a importância da biblioteca no sentido de guarda, preservação, organização e acesso à informação quando diz que as primeiras bibliotecas

serviam como depósitos onde se guardavam os documentos de maneira sistemática e organizada. Ao longo da sua evolução,

assumiram diferentes funções, ampliando sua atribuição meramente utilitarista e, segundo sua missão, acervo e público a que se destinam, dividiram-se em diferentes categorias: nacionais, públicas, privadas, acadêmicas, infantis, especializadas, temáticas [...] Independentemente, da sua tipologia, bibliotecas passaram ao longo do tempo a ser [em] identificadas como organismos culturais, instituições onde se promove a salvaguarda do patrimônio bibliográfico, estabelecimentos onde é possível ter acesso ao conhecimento produzido e acumulado pelos seres humanos, lugares onde a memória coletiva encontra sua materialização através do registro escrito e de onde é possível obter referências por meio das quais nossa memória individual e coletiva e nosso patrimônio cultural se fazem perceber. (RODRIGUES, 2015, p. 243-244).

Com isso, pensa-se em divulgar a existência dessa coleção, mantê-la em local apropriado e com documentação que fomente sua exposição como coleção.

Acrescenta-se ainda que, Gonçalves (2005, p. 255) relata que para a exposição da coleção aconteça,

é preciso uma extensa e complexa cadeia de ações sociais e simbólicas. Ao situarmos essa cadeia no tempo, além de sua configuração no espaço, ela torna-se ainda mais extensa e complexa. Um longo caminho geográfico e histórico deve ser percorrido, desde aquelas ações necessárias à aquisição e elaboração da matéria-prima indispensável para a produção até as ações de produzir, utilizar, adquirir, colecionar, classificar, preservar e expor os objetos materiais que compõem uma exposição. (GONÇALVES, 2005 p. 255).

A partir da desnaturalização do objeto e da construção das ideias e valores que geram narrativas que norteiam essas relações, surge uma teia de significados. (GONÇALVES, 2005 p. 255). Esses significados reforçam a ideia de se reunir esse conjunto de objetos e defini-lo novamente como coleção. Porém, não mais como a Coleção Particular de Oswaldo de Almeida Costa, mas como a Coleção Especial de Oswaldo de Almeida Costa, sendo parte integrante do acervo da biblioteca.

Diante desse complexo cenário de exposição de coleções, encontram-se comportamentos museológicos fora do espaço do museu, dito como possíveis por Gonçalves, (2005), isto é, que a prática de exposição também pode ser aplicada fora do ambiente de museus. Além disso, neste trabalho, busca-se entender esse conhecimento, um bibliotecário que não está inserido na museologia, mas atua como agente de musealização, entendida como fenômeno cultural.

Magalhães e Bezerra (2012, p. 10), trazem uma reflexão sobre as práticas polissêmicas,

que implica em pensar como atitudes semelhantes, como a fruição estética, a relação com o passado e o ato de colecionar possuem diferentes sentidos e significados, não sendo suficiente ao entendimento das coleções explicá-las somente à luz de categorias únicas, como as noções de semióforo, nostalgia, colecionismo, relíquia, museália, entre outras. (MAGALHÃES; BEZERRA, p. 2012, p.10).

Na construção da Coleção Especial Oswaldo de Almeida Costa, carrega-se a visão de Pomian (1984, p. 67) que diz que coleção é formada por certo número de objetos e a apresenta como *genus proxium*, um conjunto de itens e, além disso, leva-se em consideração que o número de objetos acumulados pelo colecionador varia de coleção para coleção e que esse agrupamento sofre influência da comunicação entre o visível e o invisível, ainda relatada por Pomian (1984).

De fato, pensar em coleção especial nos leva a olhar de maneira museológica para os itens da coleção e para isso,

Exige[-se] compreender a ideia do indivíduo como agente histórico, envolvido em sua temporalidade. Um projeto de memória envolve, necessariamente, os valores, as emoções e as memórias compartilhadas pelo indivíduo, em uma relação permanente entre memória e projeção de futuro. (COSTA, 2012, p. 37).

Neste caso, compreender a coleção dentro do espaço e do tempo é mais difícil, pois o colecionador já é falecido e não se tem os olhos do colecionador para traduzir a grande importância de cada item. Assim, a atenção aos objetos para a construção de narrativa dessa coleção especial deve ser mais complexa. Porém, sabe-se do papel de Oswaldo de Almeida Costa na história das ciências farmacêuticas, e, para além disso, leva-se em conta que “muitos arquivos são, de fato, produto do acúmulo progressivo e contínuo dos registros de atividades desempenhadas pelo indivíduo, mas nem sempre é assim.” (HEYMANN, 2012, p. 54). Por extensão podemos usar esse atributo dos arquivos para os itens documentais que compõem uma coleção especial em bibliotecas.

A Coleção Oswaldo de Almeida Costa carrega itens bibliográficos e biográficos que podem confundir-se com materiais tratados por bibliotecas e arquivos respectivamente, e ainda carrega a visão museológica pelo interesse em deixar alguns itens expostos ao olhar com o intuito de chamar atenção da comunidade para a coleção.



Não é fácil juntar as funções de biblioteca, arquivo e museu, porém, podemos identificar na lógica da formação das coleções especiais os mesmos atributos e sentidos conferidos à construção de um arquivo pessoal, segundo Heymann (2012, p. 56).

Definir esse conjunto de objetos como Coleção Especial Oswaldo de Almeida Costa trará um processo de ressignificação que gerará maior proteção sobre o mesmo e possivelmente dará um pouco mais de garantia de sua preservação. Souza (2017, p. 27) vale-se da seguinte definição da Universidade de Glasgow ([2012?]) para ter elucidação do que são coleções especiais:

Coleções especiais são aquelas coleções de livros e arquivos consideradas suficientemente importantes (ou “especiais”) para serem preservadas para as gerações futuras. São frequentemente muito velhas, raras ou únicas, ou frágeis. Geralmente têm pesquisa significativa e/ou valor cultural. (UNIVERSITY OF GLASGOW, [2012?] Tradução de Souza (2017, 27).

Neste trabalho, entende-se a Coleção Oswaldo de Almeida Costa como uma coleção única porque não possível haver outra coleção com os mesmos objetos informacionais em qualquer parte do mundo, visto que, coleções particulares são formadas de acordo com a vida social do indivíduo.

Souza (2017, p. 28) fez um bom apanhado no documento da University of Glasgow ([2012?]), em que diz que

As coleções especiais são, frequentemente, bibliotecas ou arquivos pessoais de indivíduos e possuem, geralmente, o nome de seus proprietários originais. As coleções são mantidas juntas e também podem ser criadas artificialmente pelas instituições com a finalidade de criar recursos de pesquisa que sirvam para apoiar as necessidades de seus usuários e, em relação às universidades, o ensino e a aprendizagem [...] Ademais, para a segurança e proteção das coleções especiais, em geral, há regras para assegurar que o material seja manuseado corretamente e para salvaguardá-lo para o futuro e, normalmente, o acesso dos pesquisadores a essas obras acontece em uma sala de leitura designada para esse fim. (UNIVERSITY OF GLASGOW, [2012] apud SOUZA, 2017, p.28).

A University of Glasgow ([2012?]) apud Souza (2017, p. 28) aponta que:

Às vezes, os itens separados dentro de uma coleção não são em si mesmos “raros” ou “valiosos”, mas ganham importância a partir do contexto em que foram coletados ou porque formam uma massa crítica de material sobre um tópico particular (ou seja, a soma é maior que as partes). (UNIVERSITY OF GLASGOW, [2012] apud SOUZA, 2017, p.28).

Neste caso, entende-se que a reunião desses itens e a criação da Coleção Especial agregará mais valor ao potencial informacional dos documentos e servirá como forma de preservar os exemplares.

Acrescenta-se que, para dar o título de coleção especial entra-se na questão levantada por Pomian (1984, p. 74), em que ele explica que “Nas sociedades tradicionais, não são os indivíduos que acumulam objectos que lhes agradam; são os lugares sociais que determinam a coleção.” Assim, um profissional da área farmacêutica com presença em várias instituições nacionais e internacionais, possui um histórico de vida voltado para estudos e pesquisas que pode servir como fonte de informação. E quando ele fala desse “invisível”, ele se refere também ao contexto das relações sociais que estão no campo invisível. “O invisível está muito longe do espaço... muito longe no tempo... no passado, no futuro... fora de qualquer fluxo temporal: na eternidade... uma espécie de anti-materialidade pura.” (POMIAN, 1984, p. 66). E aqui cabe pensar em toda trajetória de Oswaldo como criador da coleção particular, suas experiências, seus contatos e as influências acumuladas sobre ele com o passar do tempo, e de que forma, todo esse leque de vivências assegura a comunicação entre o seu contexto social e a coleção.

Quando se forma uma coleção dá-se sentido a determinado conjunto de objetos, visto que toda coleção é produtora de um discurso. Esse vínculo entre os objetos e o discurso se dá pela linguagem, que tem por função comunicar, e é através dessa função comunicativa que se cria a função de coleção presente na museologia. (POMIAN, 1984, p. 69) Diante disso, busca-se pegar a forma de organizar dos museus para se produzir sentido para esse conjunto de itens. “Apesar de sua aparente diversidade, todas estas colecções são com efeito formadas por objectos homogêneos sob um certo aspecto: eles participam no intercâmbio entre o mundo visível e o invisível.” (POMIAN, 1984, p. 69).

Essa relação do visível e do invisível está presente também no contexto das relações sociais. Ainda no campo invisível está a questão da extração do valor de uso; a produção de valor de troca (inalienável), que gera interesse de proteção ao bem e, conseqüentemente, gera poder de quem o detém. (POMIAN, 1984).

Assim, para Pomian (1984, p. 67),

Todas as colecções estudadas cumprem uma mesma função, a de permitir aos objectos que as compõem desempenhar o papel de intermediários entre os espectadores, quaisquer que eles sejam, e os habitantes de um mundo ao qual aqueles são exteriores (se os espectadores são invisíveis, trata-se do mundo visível e vice-versa). Mas esta função diversifica-se em múltiplas funções homólogas pelas razões apenas expostas. (POMIAN, 1984, p. 67).

Pomian (1984, p. 53) ainda fala das condições favoráveis e desfavoráveis que são satisfeitas não só pelos museus como também pelas colecções particulares:

as condições que um conjunto de objectos deve satisfazer para que seja possível considerá-lo uma colecção excluem, por um lado, todas as exposições que são apenas momentos do processo de circulação ou da produção dos bens materiais, e, por outro, todas as acumulações de objectos formadas por acaso e também aqueles que não estão expostos ao olhar (como os tesouros escondidos), qualquer que seja o seu carácter. Vice-versa estas condições são satisfeitas não só pelos museus e pelas colecções particulares, mas também pela maior parte das bibliotecas e dos arquivos. (POMIAN, 1984, p.53).

Entende-se que existem bibliotecas que recolhem apenas livros necessários para o exercício de suas atividades econômicas (de uso), que não devem ser reconhecidas como coleção por atenderem as suas funções práticas (POMIAN, 1984, p. 53), condição muito comum em algumas bibliotecas universitárias privadas e existem também as que recolhem objetos com o objetivo de acumular riquezas (POMIAN, 1984, p. 61). Aqui entende-se que a Coleção Oswaldo de Almeida Costa possui riqueza informacional para a comunidade da Faculdade de Farmácia.

Quando se fala em biblioteca como organizadora de colecções, entende-se que ela tem em suas funções principais a identificação, descrição e organização das obras de forma a facilitar a recuperação de qualquer item desejado. Essa recuperação pode se dar para uso individual ou para a divulgação de item da coleção para outros fins, como, exposições ou boletins informativos. A acessibilidade aos exemplares exige determinados procedimentos que vão além das necessidades de preservação e tratamento documental, pois devem levar em conta o espaço de guarda e as formas de organização. A UFRJ conta com a Base Minerva para sua difusão e pode vir a oferecer possibilidades de exposições temporárias das colecções especiais.

Dando continuidade ao processo de organização de colecções para a recuperação das obras, faz-se necessária a adoção de teorias e práticas para a efetivação de um processamento de qualidade em biblioteca e isso envolve algumas frentes, como: a

competência em catalogar, classificar, indexar, alimentar os catálogos, preparar os materiais para empréstimo e etiquetagem dos livros.

O tratamento do livro com certo grau de degradação distingue-se “pelas condições necessárias à sua preservação e conservação, pelo acesso à sua leitura e às formas de divulgar e difundir esse patrimônio.” (RICO, [201-], p. [139]). E para além disso, Souza (2017, p. 1) traz a ideia de Weitzel (2013) que “vê-se que a preservação se insere no processo de formação e desenvolvimento de coleções.”

Entende-se aqui que, a Biblioteca Particular de Oswaldo de Almeida Costa configura-se em um patrimônio cultural e científico da Faculdade de Farmácia da UFRJ, e assim, de acordo com o conceito articulado por Pinheiro e Granato (2012, p. 24-25) que consideram como patrimônio cultural

aqueles bens que se destacam dos demais por um processo de significação, que se formaliza quando da escolha para que façam parte desse conjunto... Os objetos de interesse de preservação têm, portanto, em comum sua natureza simbólica, todos são símbolos e todos têm um potencial de comunicação, seja de significados sociais, seja de sentimentais. (PINHEIRO; GRANATO, 2012, p. 24-25).

Assim, pretende-se separar a coleção de livros de uso corrente da coleção de livros especiais e permitir tratamento mais adequado às obras que necessitam de atenção especial por possuírem características de fragilidade física e escassez no mercado editorial.

As bibliotecas possuem autonomia para organizar coleções distintas dentro de seu espaço físico e virtual. Cada coleção tem uma gama de exigências para sua organização e uso. E é a partir dessa ideia que se justifica a retirada da coleção de livros do acervo geral e a nomeação desse conjunto de obras por “Coleção Especial Oswaldo de Almeida Costa”.

Dessa forma, os livros estarão dentro de uma contextualização adequada, em espaços apropriados e em condições básicas de conservação e preservação. A separação da coleção de uso corrente da coleção de livros como patrimônio permitirá o uso de técnicas específicas de identificação, registro e sinalização/localização.

Tal coleção especial de livros pertencia a um professor com grande importância intelectual para a área farmacêutica. Era uma coleção particular e foi destinada ao

público acadêmico em geral e a todos os interessados em seu conteúdo. A partir desse momento de transição de propriedade a biblioteca ganhou um papel institucional de preservação da memória desse conhecimento acumulado e deve adotar medidas para assegurar essa preservação com a finalidade de armazenar a memória intelectual da unidade.

Agora, mesmo diante da questão de a coleção ter ganhado um papel institucional, é necessário que se faça o processo de institucionalização por uma comissão técnica interdisciplinar para a formalização desse exercício. A “institucionalização, passo primordial para a discussão da temática do acesso a esses bens, franqueado pelo poder público à sociedade em geral... Para dar acesso é preciso primeiro que esse patrimônio seja reconhecido, que exista formalmente e que esteja minimamente protegido.” (GRANATO; OLIVEIRA, 2012, 317).

Essa questão envolve legislações, políticas entre outros suportes de direcionamento para desempenho dessa atividade, e isso é fomentado por Ferreira (1986, p. 953) e Granato e Oliveira (2012, p. 319).

Quanto à institucionalização, a definição relaciona-se a dar a qualquer coisa o caráter de instituição, dar forma institucional, oficializar (FERREIRA, 1986, p. 953). Portanto, no caso do patrimônio científico, é importante avaliar primeiramente como a presente legislação trata do tema, que seria uma forma de seu reconhecimento oficial, para em seguida verificar como as instâncias governamentais que definem políticas de estado lidam com o assunto e, finalmente, analisar como as instituições se relacionam com esse conjunto de valores e significados. (GRANATO; OLIVEIRA, 2012, p. 319).

Contudo, Granato e Oliveira (2012, p. 338) afirmam que “onde se incluem os arquivos científicos, permite concluir que existe já uma situação que o reconhece formalmente, tanto a partir da legislação vigente, quanto das ações de algumas instituições públicas.”

Assim, pensar a Biblioteca da Faculdade de Farmácia como organizadora de coleções especiais de conteúdo científico oriundas de coleções particulares, implica acreditar que entre seus métodos para a organização desse tipo de coleção é preciso conhecer, primeiramente, os anseios da instituição a qual pertence, a trajetória do primeiro colecionador com fim de conhecer sua autoridade, avaliar se o conteúdo é pertinente à biblioteca, além de utilizar como fontes informacionais de apoio

metodologias arquivísticas e museológicas. Respeitando suas funções de identificar e ordenar para dar acesso e o seu papel de guardião de parte da memória científica da história das ciências farmacêuticas do século XX e agora do século XXI, busca-se construir boas práticas para a formação e desenvolvimento de coleções especiais de cunho científico.

Desta maneira, este capítulo pretende aproximar as práticas profissionais de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia para se estruturar a Coleção Oswaldo de Almeida Costa. Além de reunir conceitos que justifiquem a reunião dos itens para a formação da coleção. Diante disso, identificar o que é biblioteca universitária, o que é a biblioteca da Faculdade de Farmácia e mostrar a Coleção Oswaldo de Almeida Costa, como se situa, a necessidade de um processo de identificação, a necessidade de um diagnóstico de conservação, padrões de conservação e a proposta de Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais.

Para além disso, mostrar-se-á que o inventário é importante para o tombamento como patrimônio da instituição e que o diagnóstico de conservação é essencial para definir quais padrões de preservação devem ser aplicados à coleção.

Pensar em biblioteca privada de um ilustre farmacêutico traz à mente a ideia basilar do sociólogo francês Roger Chartier que trata as relações e aproximações coexistentes nos meios acadêmico, social, cultural, etc. Para Chartier, baseado nas reflexões de Bourdieu,

A obra, o artista, o filósofo só existem dentro de uma rede de relações visíveis ou invisíveis que definem a posição de cada um em relação à posição dos outros, ou seja, a uma posição social, em relação a uma posição estética. E me parece ser esta uma lição essencial do trabalho de Bourdieu: sempre pensar as relações que podem estar visíveis nas formas de coexistência, de sociabilidade, ou de relações entre indivíduos, ou ainda de relações mais abstratas, mais estruturais, que organizam o campo — conceito essencial, nesse sentido — da produção estética, filosófica, cultural, num momento e num lugar dados. Os campos, segundo Bourdieu, têm suas próprias regras, princípios e hierarquias. São definidos a partir dos conflitos e das tensões no que diz respeito à sua própria delimitação e constituídos por redes de relações ou de oposições entre os atores sociais que são seus membros. (CHARTIER, 2002, p. 140).

Assim, pensar em uma biblioteca particular exige refletir sobre a coleção, o colecionador e os cenários frequentados pelo colecionador, suas relações pessoais, e etc.

afastando-se da ideia de “indivíduo isolado, do gênio singular e também a ideia de uma universalidade das categorias que espontaneamente se utilizam para pensar, discutir, qualificar as obras intelectuais ou estéticas.” (CHARTIER, 2002, p. 140). Dessas relações surge o sentido da coleção, e será que o próprio colecionador não seria um item a ser representado na própria coleção? O que é preciso mobilizar para se ter uma real compreensão da coleção?

Chartier defende a ideia de que “estudar as condições sociais históricas de produção de conhecimento e manter a validade deste conhecimento e seus critérios de prova — o que exige uma força de adequação com seu objeto comprovada — indicam uma tensão absolutamente central.” (CHARTIER, 2002, p. 150).

Neste trabalho, coloca-se a construção da biblioteca particular de Oswaldo de Almeida Costa dentro da contextualização de que nos fala Chartier que não sofre relativismos no seu conteúdo (somente nos critérios de seleção para sua formação), mas está enraizada dentro de adequação científica da época do colecionismo, dando força à ideia de a coleção ser fonte de conhecimento efetivo.

Não se sabe se Oswaldo de Almeida Costa apenas foi acumulando seu acervo pessoal como um entesouramento ou se ele foi construindo uma coleção, fazendo seleções e atribuindo sentido para o conjunto de itens. Contudo, apoia-se na ideia de Leitão (2005, p. 12) que sustenta o pensamento de que “É interessante observar que o ser humano tem habilidade em coletar informação aleatoriamente, sem que essa prática necessariamente signifique um planejamento prévio ou mesmo clareza sobre como aquela informação será utilizada.” Assim, defende-se aqui que Oswaldo de Almeida Costa tenha apenas formado sua biblioteca por acúmulo de itens relevantes para suas práticas profissionais e acadêmicas, sem pensar no destino que ela teria após seu falecimento.

No primeiro momento de contato com a coleção, apenas tinham sido identificados livros, em seguida, foram reconhecidos os periódicos e, por fim, distinguiram-se fotografias, cartões postais e recortes de jornais. Essa variedade de suportes de informação em uma coleção particular se justifica pela afirmativa de Pomian (1984, p. 51) “Quanto às coleções particulares, deparam-se-nos os objectos mais inesperados que, pela sua banalidade, pareceriam incapazes de suscitar o mínimo interesse... Mas, como se pode então caracterizar, em geral, e sem ceder às tentações do inventário, este universo composto de elementos tão numerosos e heteróclitos?”.

Atualmente, os livros encontram-se reunidos em estantes na sala da direção da biblioteca, fotografias, cartões postais e recortes de jornais em um armário na mesma sala e os periódicos juntos com os demais na seção de periódicos. Os periódicos serão analisados e os pertencentes à coleção de Oswaldo de Almeida Costa serão separados para inventário.

### **2.2.1 Como a Coleção Oswaldo de Almeida Costa se situa no conceito de coleção especial para a criação de uma Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções**

Pensar em formar e desenvolver coleções através dos olhares sobre a Coleção Oswaldo de Almeida Costa, inicialmente, implica em refletir sobre dar acesso aos itens selecionados e adquiridos com o intuito de satisfazer as necessidades informacionais da comunidade respeitando as características físicas dos itens e, através de avaliações periódicas, definir o que deve permanecer na coleção e o que deve ir para desbastamento ou descarte. Posteriormente, surge a necessidade de se planejar o recebimento de novas coleções especiais para que elas sejam avaliadas e selecionadas de forma adequada, além de se padronizar a coleta de dados e geração de documentos sobre a coleção.

Antes de qualquer coisa, esse conjunto de objetos deve ser considerado como coleção com o intuito de se manter os itens reunidos e protegidos de descartes aleatórios que avaliam apenas item a item e não o contexto histórico da coleção.

Pomian (1984, p. 53) aponta a ideia de coleção com a seguinte afirmativa “... uma coleção, isto é, qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades econômicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público.” Assim, pensa-se em proteger a Coleção Oswaldo de Almeida Costa como um todo.

Weitzel (2012, p. 180) aponta que no século XIX existiam conceitos, métodos e práticas relacionados aos desenvolvimentos de coleções ligados aos interesses dos usuários e que se encontram nas obras contemporâneas. Além disso, afirma que desenvolvimento de coleções vai além de selecionar e adquirir itens, visto que precisa



cumprir alguns procedimentos como: estudo da comunidade, políticas de seleção, seleção, aquisição, desbastamento e avaliação. (VERGUEIRO, 1989; EVANS, 2000, apud WEITZEL, 2012, p. 180). Evitando assim um acúmulo desregrado e saindo dos primeiros modelos de formação de coleções da primeira metade do século XVII, onde eram considerados aspectos religiosos, de raridade ou de estética e buscando o real valor de utilidade para os títulos. (WEITZEL, 2012, p. 181).

Atualmente, a Coleção Oswaldo de Almeida Costa passa por uma identificação e avaliação visando criar critérios, diretrizes e a sua própria política de formação e desenvolvimento como um plano estratégico para assegurar sua custódia, preservação e acesso por mais tempo. Ela está sendo tratada como coleção especial por ser proveniente da coleção particular de Oswaldo de Almeida Costa, pessoa de grande conhecimento da área farmacêutica, por possuir caráter de unicidade e ser entendida como importante para a Faculdade de Farmácia, está sendo reunida em razão de justificar a formação da coleção e da utilização de métodos específicos para os formatos e estados de conservação dos documentos e receberá valores que justificarão a relevância do conjunto para a comunidade, tendo em vista a trajetória de Oswaldo.

Em prol da preservação do acervo da biblioteca, da valorização da memória de seu criador e do estado de conservação das obras, esse conjunto bibliográfico será mantido reunido e identificado como Coleção Especial. Pretende-se assim, proteger esse legado e dar acesso a documentos históricos, trazendo à memória acontecimentos do passado que poderão ainda contribuir para o avanço do conhecimento científico no campo farmacêutico, além de servir como instrumento de trabalho para a equipe da biblioteca.

### **2.2.2 Quem foi Oswaldo de Almeida Costa**

Oswaldo de Almeida Costa (1898-1983) foi mais do que um professor do curso de farmácia da UFRJ. Ele foi uma figura ilustre da área, com atuações em diversos ambientes profissionais e acadêmicos e exerceu influências que contribuíram significativamente para seu campo de atuação. Para se entender quem foi Oswaldo é necessário trazer à tona o papel que exerceu dentro dos cenários em que viveu, o valor de suas obras para a Faculdade de Farmácia da UFRJ. Desta maneira, sair do simples

processo de seleção das obras para entrar no contexto em que a biblioteca de Oswaldo foi formada e a posição que ele ocupava nesse cenário.

Segundo a página da *web* da Academia Nacional de Medicina<sup>8</sup>, nascido em Campo Grande, em 15 de fevereiro de 1898, o professor Oswaldo de Almeida Costa formou-se em Farmácia pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1917), e iniciou sua trajetória profissional em projetos nas áreas farmacêutica e química, além de se dedicar à atividade didática no campo científico. Foi membro de várias comissões examinadoras de concursos realizados na Faculdade de Farmácia da Universidade do Brasil, na Escola de Farmácia anexada à Faculdade de Medicina da Bahia, na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Belo Horizonte, na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Juiz de Fora, na Universidade do Paraná e na Faculdade de Farmácia da Universidade de São Paulo. Além disso, publicou trabalhos originais sobre as plantas nativas do Brasil com características medicinais, algumas já usadas pelos índios. (ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA; ACADEMIA NACIONAL DE FARMÁCIA).

Foi membro titular da seção de Farmácia da Academia Nacional de Medicina, onde ocupou a cadeira 96 do Patrono Rodolpho Albino Dias da Silva. Foi eleito em 18 de novembro de 1937, tomou posse em 17 de junho de 1938, sob a presidência de Aloysio de Castro sendo saudado por Abel Elias de Oliveira. Na ordem de ingresso da Academia Nacional de Medicina, Oswaldo foi o número 359. (ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA).

Oswaldo de Almeida Costa aparece tanto na página da Academia Nacional de Medicina, quanto na página da Academia Nacional de Farmácia:

---

<sup>8</sup> Ver <http://www.anm.org.br>

Figura 2: Oswaldo de Almeida Costa



Fontes:

[http://www.anm.org.br/conteudo\\_view.asp?id=621&descricao=Oswaldo+de+Almeida+Costa](http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=621&descricao=Oswaldo+de+Almeida+Costa)

<http://www.academiafarmacia.org.br/fundadores.php>

Oswaldo de Almeida Costa foi um dos fundadores da Academia de Ciências Farmacêuticas do Brasil no ano de 1937, tendo exercido a presidência deste órgão no período entre agosto de 1941 e agosto de 1943. Seu prestígio dentro da área é reconhecido e registrado na Academia Brasileira de Farmácia, na Academia Brasileira de Medicina e no livro “Fatos e personagens da História da Medicina e da Farmácia no Brasil”, publicado em 1979.

Dedicou-se às aspirações da classe farmacêutica e médica; ocupou cargo de químico do Laboratório Bromatológico do Departamento Nacional de Saúde Pública; foi Professor Catedrático de Farmacognosia da Universidade do Brasil; foi professor de Química Bromatológica e Toxicológica da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; fez parte da Comissão de Revisão da Farmacopeia Brasileira, organizada pela Associação Brasileira de Farmacêuticos; participou da Associação Brasileira de Farmacêuticos, da Sociedade Brasileira de Química, da Sociedade Brasileira de Botânica, da Sociedade Brasileira de Nutrição, foi membro titular e Presidente da Academia Nacional de Farmácia e membro titular da Academia Nacional de Medicina, participou de inúmeros congressos nacionais e estrangeiros, onde apresentou trabalhos,

e, consagrado no meio científico, recebeu distinções do Brasil, da França, de Portugal, do Equador, da Venezuela, da Colômbia e do Uruguai. (ACADEMIA DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS).

No que diz respeito a sua produção textual, foi identificado que Oswaldo de Almeida Costa possui quatro (4) publicações de sua autoria, identificadas nessa pesquisa, que estão disponíveis no Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930) da Casa de Oswaldo Cruz da Fiocruz:

- 1) COSTA, Oswaldo de Almeida. Notas Históricas sobre a ABF. *Pharma*, Rio de Janeiro, n. 1, p.6-8, jan./fev.1982a.
- 2) \_\_\_\_\_. Notas Históricas sobre a ABF. *Pharma*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 6-12, mar./abr.1982b.
- 3) \_\_\_\_\_. Notas Históricas sobre a Associação Brasileira de Farmacêuticos (Capítulo I – Fundação). *Revista Brasileira de Farmácia*. Rio de Janeiro, ano XLVII, n. 1, p. 3-27, jan./fev.1966a.
- 4) \_\_\_\_\_. Notas Históricas sobre a Associação Brasileira de Farmacêuticos (Capítulo II – Diretoria de 1916 a 1917). *Revista Brasileira de Farmácia*. Rio de Janeiro, ano XLVII, n. 4, p. 3-12, jul./ago.1966b.

Além dessas, foi encontrada a seguinte obra na Base Minerva da UFRJ:

- 1) \_\_\_\_\_. Notas sobre a contribuição dos farmacêuticos aos estudos das águas minerais do Brasil. Rio de Janeiro, 1953.

Para além disso, seu nome aparece no Blog Histórias da Farmácia<sup>9</sup>, como autor de conteúdo científico da Revista da Flora Medicinal, como mostra a figura abaixo:

---

<sup>9</sup> Ver <http://histdefarmacia.blogspot.com>

Figura 3: Imagem da Revista da Flora Medicinal.



FONTE: <http://histdefarmacia.blogspot.com/2011/03/hovenia-dulcis-thunb.html>

Diante dessa exposição, percebe-se que, além de pertencer ao campo acadêmico, Oswaldo de Almeida Costa fez parte de outros campos intelectuais, tornando possível pensar na articulação do seu papel do campo acadêmico e social como forma a contribuir para a valoração de sua coleção documental particular, tal trajetória está ilustrada através de linha d tempo no anexo II.

Assim, Oswaldo de Almeida Costa teve seu reconhecimento profissional aceito por seus pares no século XX e ofereceu várias contribuições para a área farmacêutica. Diante disso, acredita-se que a biblioteca particular de Oswaldo de Almeida Costa carregue informações utilizadas por ele no decorrer de sua vida profissional.

### 2.2.3 Histórico da aquisição e inventário em favor da construção documental

O histórico de aquisição em bibliotecas abarca documentos que comprovem a construção do acervo, como ele foi crescendo e sofrendo descartes. Notas fiscais, cartas de doações, cartas de permutas, Livro Tombo e listas de descartes ou desbastamentos devidamente organizadas e arquivadas configuram-se como documentos importantes que espelham como o acervo se desenvolveu com o passar dos anos.

Os registros informacionais devem ser geridos de forma a oferecer usos adequados em diversos momentos da história da biblioteca e até posteriormente. “Os registros informacionais estão presentes na civilização humana desde o período paleolítico, quando o homem já sentia a necessidade, ou a preocupação, de repassar suas vivências e práticas cotidianas para seus descendentes.” (SILVA, 2014, p. 164). Assim, sugere-se o uso de técnicas e metodologias adequadas para facilitar o processo de controle documental, o processo decisório e o processo de memória institucional. (SILVA, 2014, p. 164).

Entende-se como um processo básico de formação e desenvolvimento de coleções: seleção, descarte e aquisição (compra, doação ou permuta). Todos esses processos devem ser estruturados e seguirem critérios pré-estabelecidos que visem os interesses da comunidade. (MORO; ESTABEL, 2014, p.16).

Moro e Estabel (2014, p. 16) apontam as políticas de coleções como algo necessário para se alcançar os objetivos intrínsecos na formação do acervo. Identificam a seleção como o primeiro passo na formação do acervo e o descarte como consolidador do processo.

Infelizmente a Coleção Oswaldo de Almeida Costa não possui nenhum documento que indique quem fez a doação, quando foi feita, quantos itens foram doados, o que era cada um e a quantidade real.

Diante disso, fez-se necessário elaborar o inventário da coleção, como ferramenta primordial para dar sentido à coleção. O inventário tornará possível identificar o que exatamente foi adquirido naquele momento, e estabelecer sua origem comum. Neste caso, não será possível ter certeza que estarão listados todos os itens recebidos na época. Porém, mesmo que tenham ocorrido perdas com o passar do tempo, a partir deste estudo, se terá o levantamento do que se tem no momento em material bibliográfico. Os outros suportes informacionais como fotografias, cartões postais e recortes de jornais que compõem a coleção deverão, em momento oportuno, receber tratamento arquivístico. Neste momento, serão utilizados como fonte importante para a obtenção de informações sobre a coleção e sobre o colecionador. É importante dar visibilidade a este conjunto de objetos que vai além do material bibliográfico didático, de uso regular na Biblioteca da Faculdade de Farmácia.

Em decorrência desta breve análise da literatura e do panorama da Coleção Oswaldo de Almeida Costa, percebe-se como é frágil o poder decisório sobre uma coleção sem controle quantitativo, qualitativo e sem a identificação dos itens que formam esse conjunto. Assim, visando formar produção documental para a proteção da coleção, indica-se duas ferramentas de controle administrativo: inventário e diagnóstico de conservação.

Acrescenta-se que as evidências de que esses itens pertenceram ao professor Oswaldo de Almeida Costa encontram-se nos próprios itens, como marcas de propriedade e dedicatórias.

Este trabalho baseia-se na definição do termo inventário retirada do Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia.

#### Inventário:

1. Documento que relaciona e descreve, entre outros, bens patrimoniais, mercadorias, itens de arquivo.
2. Lista descritiva de documentos de cada série, com dados referentes a título, datas inclusivas, quantidade, arranjo, relação com outras séries e indicação de conteúdo.

Assim, o inventário construirá a primeira narrativa da Coleção Oswaldo de Almeida Costa, juntamente com este trabalho. Através do levantamento informacional, será atestado o que de fato a biblioteca da Faculdade de Farmácia possui referente a essa coleção, e tendo Oswaldo como seu colecionador, “observa-se que o facto de as possuir confere prestígio, enquanto testemunham o gosto de quem as adquiriu, ou as suas profundas curiosidades intelectuais, ou ainda a sua riqueza ou generosidade, ou todas estas qualidades conjuntamente.” (POMIAN, 1984, p. 54).

Configura-se de grande importância tomar as diferentes categorias de bens e posteriormente cada categoria deve ser inventariada juntamente com o levantamento do “estado em que se encontra cada um dos bens que a compõem [...] Por fim, e sobretudo, antes de qualquer decisão sobre a sua destinação futura, estes são protegidos e postos “fora de circulação” em caráter provisório, seja reunindo-os em “depósitos”, seja pela aposição de selos, especialmente no caso de edifícios.” (CHOAY, 2006, p. 99-100)

Baseando-se nas definições de inventários supracitadas e levando-se em consideração que neste trabalho, só serão tratados os livros da Coleção Oswaldo de Almeida Costa, opta-se por uma listagem com: código de tombamento (identificação), autor, título, edição, local, editora e data. (MORO; ESTAMBEL, 2014, p. 19 com adaptações) para a realização do inventário.

A identificação por meio do inventário favorece o controle do patrimônio e sua recuperação para uso, além de ajudar a dar sentido à coleção através da listagem de seus itens. Ele diz o que é propriedade em toda sua completude. Assim, o inventário, neste caso, configura-se num levantamento do que se tem da antiga Coleção Particular de Oswaldo de Almeida Costa. Aqui falamos de números e de metadados de identificação de cada item.

O inventário aparece frequentemente nas atividades arquivísticas dentro da etapa da descrição, como forma de se recuperar as informações por meio de índices e/ou vocabulários controlados. (SILVA, 2014). Além de ser definido como “Instrumento de pesquisa que descreve, sumária ou analiticamente, as unidades de arquivamento de um fundo ou parte dele, cuja apresentação poderá refletir ou não a disposição física dos documentos.” (ARQUIVO NACIONAL, 2004, p. 99).

Flávia Andréa Machado Urza e Suzana César Gouveia Fernandes trazem as palavras de Pestre (1996) e Silva (2007) para fomentar “visão de que a ciência não é somente o produto final do que é feito ou estudado nos laboratórios, mas sim todo o conhecimento gerado antes, durante e mesmo depois do produto final.” (OLIVEIRA; SILVA, 2012, p. 93). Desta maneira, o material utilizado por Oswaldo em sua vida profissional e acadêmica é considerado como um potencial informacional para a Biblioteca da Faculdade de Farmácia da UFRJ.

Justifica-se assim a prática de coletar dados para a realização de diagnóstico e de inventário como ferramentas de produção documental.

Outro método de registro surgiu durante uma visita técnica ao Arquivo do Museu Histórico Nacional, em 02 de maio de 2019, como parte da disciplina “Museus e acervos museológicos, oferecida pelo professor Rafael Zamorano no âmbito do PPG Preservação e Gestão do Patrimônio cultural das Ciências e da Saúde. Nesta ocasião, identificou-se que no processo de inventário do acervo arquivístico daquela instituição, os responsáveis criaram uma listagem e, na numeração de identificação, adicionaram



uma sigla para diferenciar os tipos de materiais. Essa sigla é entendida aqui como código de tombamento e deve aparecer como primeiro campo da listagem e em cada item da coleção.

Para a Coleção Oswaldo de Almeida Costa, como forma de registro, optou-se pelas seguintes sequências: Para livros, L01, L02, L03...; para fotografias, F01, F02, F03...; para cartões postais, CP01, CP02, CP03...; para recortes de jornais, RJ01, RJ02, RJ03... e assim por diante. Desta maneira entende-se que será possível identificar o material já atribuindo um código de localização.

Assim, documentos como carta de doação, nota fiscal, carta de permuta, entre outros, comprovam o tipo de aquisição, o período em que ocorreu e o que foi adquirido. O acúmulo dessa documentação forma o histórico de aquisição da biblioteca. Como não foi localizado nenhum documento referente à Coleção Oswaldo de Almeida Costa, fez-se necessário criar um método para inventariar a coleção e, assim, produzir registros que identifiquem o que pertence à coleção, dando controle quantitativo e qualitativo.

### 3 COLEÇÕES ESPECIAIS NOS ACERVOS DAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: CONCEITO E CARACTERÍSTICAS GERAIS

Acredita-se que o pensar em coleção especial tenha surgido do artigo “Conhecer, valorizar e difundir o patrimônio documental da América Latina e Caribe” de Rosa María Fernández de Zamora<sup>10</sup> (2009), em que ela trabalha o conceito de “livro patrimonial” e questiona se os critérios de raridade utilizados (construídos por meio do fundo histórico europeu, onde a tipografia começa a partir 1450, e que considera acervo antigo a partir do processo de fabricação manual, e tendo como data limite para esse tipo de material o ano de 1750) são aplicáveis à América Latina, visto que, é possível que a tipografia na América do Sul tenha se estendido até meados do século XIX. Com isso, é preciso entender a perspectiva latino-americana e estabelecer prioridades e critérios balizados no que é a instituição e sua missão. (AZEVEDO, 2014).

Em 2014, o termo coleção especial estava sendo discutido conceitualmente em grupos de pesquisa com estudos de casos na Biblioteca Nacional da Argentina (BNA), na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), no Museu Nacional, no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nesse momento, faziam-se reflexões sobre o que era coleção especial, quais eram as experiências das instituições com acervo raro, onde se encaixavam coleções de memória e as polaridades entre acervo raro e coleção especial. (AZEVEDO, 2014). Nesse mesmo período ocorreu a I Jornada Sobre Gestão e Desenvolvimento de Coleções Especiais da Unesp, cujas experiências práticas da UFRJ, da Biblioteca do Mosteiro de São Bento, SP, da UNIRIO, da BN, da Unesp, da UFSCAR, da UNICAMP e da USP, foram aproveitadas para este capítulo.

Diante disso, Fabiano Cataldo de Azevedo (2014, informação verbal)<sup>11</sup> traz o pensamento “reunir um conjunto de itens para estabelecer como estratégia de preservação” como categoria estratégica para a preservação da coleção especial, e vai muito além quando aponta as ideias de valor, acesso, preservação e geração de conteúdo

---

<sup>10</sup> ZAMORA, Rosa María Fernández de. Conocer, valorar y difundir el patrimonio documental de América Latina y el Caribe. In: **IFLA WORLD LIBRARY AND INFORMATION CONGRESS**, 75., 2009, Milan, Italy. Proceedings..., Milan: IFLA, 2009. Disponível em: <http://conference.ifla.org/past/ifla75/98-fernandez-es.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

<sup>11</sup> Informação fornecida por Fabiano Cataldo de Azevedo na palestra Coleções especiais e acervos de memória, USP, 2014.

informacional como ferramentas para tomada de decisão. Ele entende a necessidade de se tomar consciência da coleção como um todo para que reconhecida sua importância, ela seja preservada.

As bibliotecas universitárias têm feito reflexões sobre coleções especiais nas últimas décadas, e têm assumido que a função das universidades vai além das bases de ensino e pesquisa. A biblioteca é responsável por

reunir fontes primárias de informação (documentos históricos) e obras escassas, isto é, processar obras muito procuradas e difíceis de serem encontradas, o que vêm ao encontro aos objetivos das instituições de ensino superior. A missão desses acervos é distinta das demais por causa da natureza dos materiais dessas coleções: trata-se de documentos únicos, escassos, raros, muitas vezes fragilizados, com significado histórico e valor no mercado livreiro, ou valor como artefato. Tais causas afetam diretamente a aquisição e administração desses materiais. A aquisição envolve compras especiais ou negociações com proprietários do acervo, que formaram a coleção ou a herdaram, geralmente por um longo período de tempo, devendo ser conservada para as futuras gerações (BRUNO; VAL; CARVALHO, 2002 apud CARVALHO, 2015, p. 93).

Segundo Carvalho, as bibliotecas universitárias podem abrigar coleções bibliográficas que pertenceram a cientistas, intelectuais ou pessoas com atuação importante em determinadas áreas do conhecimento, e sendo inclusive comum que contenham obras raras. Por esse motivo, apresentam características especiais que as redefinam a partir “do valor do conjunto em seu todo, tendo em vista a trajetória de quem as reuniu, a importância de seu conteúdo ou, ainda, as características de raridade de exemplares que a integram.” (CARVALHO, 2015, p. 93).

Segundo Pomian (1984, p. 74), existe a hierarquia social que traça o caminho da construção das coleções particulares e que esses “conjuntos de objectos mantido fora do circuito das actividades económicas, submetidos a uma protecção especial, em locais fechados preparados para esse efeito, e expostos ao olhar.”

Alves (2015, p. 52-53) ainda fala do status social e intelectual dos colecionadores que pode ser representado pelos itens acumulados durante sua vida, e com isso, trazem aspectos de memória que podem servir como geradores de novos conhecimentos gerando atrativos desse tipo de coleção para as universidades. Além de afirmar que coleções especiais “podem ser formadas por um acervo ou setor específico, que devido a interesses profissionais, temáticos, históricos, culturais, artísticos, importância e/ou

características singulares encontram-se destacadas do acervo geral.” (ALVES, 2015, p. 61).

Cóscia (2015, p. 71) confirma que no Brasil o termo “coleções especiais” vem sendo explorado recentemente sobre conjuntos de materiais bibliográficos com características próprias que cobram certa especificidade no tratamento técnico realizado em bibliotecas. Ademais, esses itens trazem a possibilidade de se rememorar “a memória intelectual da sociedade, perpetuando o saber por meio do registro e disponibilização das criações humanas tanto bibliográficas como pictóricas, dentre outras.” (CÓSCIA, 2015, p. 71).

Por outro lado, Araújo (2015, p. 15) afirma que “Podemos analisar a temática “Gestão e Desenvolvimento de Coleções Raras e Especiais” sob inúmeros enfoques: a questão conceitual da raridade, formação e desenvolvimento de coleções raras e especiais, história do livro e da edição, tecnologia da informação e comunicação, digitalização, memória etc.” Neste trabalho, pensa-se na memória científica da comunidade farmacêutica da UFRJ e nas condições sociais, acadêmicas e profissionais do colecionador Oswaldo de Almeida Costa para se dizer que essa coleção é especial para a Biblioteca da Faculdade de Farmácia. Com isso, não se prende a materialidade da coleção, mas em sua amplitude como objeto de estudo, como: “seus contextos e forças que são produzidos a partir de suas representações documentárias, usos e apropriações.” (ARAÚJO, 2015, p. 17).

Araújo (2015, p. 17-18) ainda faz uma integração entre raridade com o papel social e científico de determinado documento, e Boaventura de Souza Santos (1988) apud Andre Vieira de Freitas Araújo (2015, p. 18) “sustenta quatro teses dedicadas a esse aspecto: a) todo conhecimento científico natural é científico-social; b) todo conhecimento é local e total; c) todo conhecimento é autoconhecimento; d) todo conhecimento científico há de constituir um novo sentido.” E que a partir do paradigma social será possível preservar e potencializar as coleções especiais (ARAÚJO, 2015, p. 18), ponto em que se encaixa a Coleção Oswaldo de Almeida Costa.

Assim, não é possível dissociar o documento, dentro da universidade, do campo social e científico. Além disso, “as coleções raras e especiais exercem a função de fontes - quando abordadas a partir de seu conteúdo e dimensão intelectual - elas também podem ser o próprio objeto de pesquisa. No horizonte da História e, sobretudo, da História Cultural, inúmeras coleções têm sido tema e objeto de pesquisa para se

entender, por exemplo, a história das bibliotecas, do livro, da edição, da leitura, das instituições, das mentalidades, etc.” (ARAÚJO, 2015, p. 27).

Ana Virgínia Pinheiro (2015, p. 34-35) reúne o conceito de coleção especial com algumas características para esse tipo de material.

o conceito de coleção especial é bem estudado na literatura especializada, podendo referir-se a diferentes formas de registro, segmentadas em coleções distintas, conforme sua materialidade – o conjunto dessas diferentes coleções especiais constitui um acervo especial. Essas coleções são consideradas preciosas por sua raridade, valor monetário, ou sua associação com importantes figuras ou instituições históricas, culturais, políticas, científicas ou artísticas (ASSOCIATION OF RESEARCH LIBRARIES, 2003, tradução Pinheiro, 2015). “[...] “As coleções especiais são caracterizadas por seu valor artifactual ou monetário, pelos formatos físicos que armazenam, pela singularidade ou raridade dos itens, e/ou pelo compromisso institucional com a preservação e o acesso em longo prazo. Tais coleções, geralmente, são instaladas como unidades independentes, separadas do acervo. (PINHEIRO, 2015, p. 34).

A coleção especial deve estar em local reservado, com segurança e com restrições de acesso e uso devido ao seu valor para a biblioteca. (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2009 apud PINHEIRO, 2015, p. 34). O que é reforçado por Carvalho (2015, p. 98), que pondera sobre a questão do acesso às coleções especiais, em que ele aponta que a diversidade dos suportes informacionais e o estado fragilizado dos itens requerem regras mais rígidas de acesso e que se faz de bom uso regulamentos que justifiquem aos usuários as práticas adotadas, como: consulta somente na sala de leitura, a não realização de empréstimos e monitoramento feito por funcionário, como o que pretende-se fazer com a Coleção Especial da Biblioteca da Faculdade de Farmácia.

As bibliotecas universitárias estão começando a pensar em coleções especiais como uma maneira de se espelhar a história, as relações culturais e literárias, a missão de preservar a cultura, as artes e a memória dentro das universidades. (ALVES, 2015, p. 45). Para Alves (2015, 45-46), as coleções especiais em bibliotecas universitárias devem ser vistas por duas vertentes: “por um lado a existência da sua coleção especial como um ativo estratégico em sua missão, ao representar sua importância educacional, histórica e cultural para a universidade e, por outro lado, a preocupação com o desenvolvimento e a salvaguarda destas coleções especiais.” Além disso, as coleções especiais permitem estudos e pesquisas são capazes de

traduzir seus donos e organizadores, divulgar e preservar a história de importantes personagens nas áreas de atuação da Biblioteca [...], bem como contribuir e enriquecer as atividades de ensino, pesquisa e extensão por meio da produção selecionada por estes estudiosos ou com as coleções de temáticas específicas; por fim, é possível observar as escolhas passadas, presentes e delinear o futuro da construção do conhecimento científico e a guarda da memória social dentro da Faculdade e da Universidade. (ALVES, 2015, p. 47).

Com isso, entende-se que a chave para se classificar a Coleção Oswaldo de Almeida Costa como coleção especial esteja no fato de ele ter sido uma pessoa influente na área e ter sido reconhecido por seus pares, além de sua biblioteca particular ter servido como primeiro acervo da biblioteca da Faculdade de Farmácia na década de 1990.

Reforça-se a ideia sobre a problemática de se elaborar uma estratégia de salvaguarda para sua preservação, garantindo a continuidade do usufruto de seus benefícios por usuários reais das coleções especiais, “que têm o potencial de assumir a função de geradoras de novas pesquisas, acumulando a função anterior de coleção memorial”. (PINHEIRO et al, 2014, p. 11 apud ALVES, 2015, p. 66).

Contudo, existe um contratempo que deve ser gerido com mais cautela: a necessidade de se desenvolverem estudos sobre aquisições de coleções especiais, como já acontece na arquivologia, com critérios práticos, bem definidos e conscientes para o recebimento desse tipo de material, além da preocupação com a infraestrutura para recebê-lo. (CÓSCIA, 2015, p. 74).

Cóscia (2015, p. 74-75) aponta os seguintes equívocos que devem ser evitados:

1. Serem armazenadas indevidamente, o que ocasiona a perda de muitos exemplares;
2. Não contarem com área de acesso apropriada, impedindo o acesso a portadores de necessidades especiais;
3. Não contarem com condições físicas adequadas, sem controle de temperatura e umidade;
4. Não contarem com segurança e vigilância, fazendo com que muitos exemplares sejam manuseados indevidamente, mutilados e furtados;
5. Não contarem com mobiliário próprio para exposições, fazendo com que os exemplares fiquem vulneráveis à exposição da luz, calor, furto e armazenagem

indevida, de forma que os volumes tenham sua estrutura forçada para sua abertura;

6. Não contarem com uma política de conservação, com rotinas para higienização e desinsetização periódicas estabelecidas por profissionais especializados fazendo com que muitas obras sejam atacadas e consumidas por insetos e roedores;
7. Não contarem com um programa para educação do usuário, fazendo dele um elo importante na cadeia de preservação do acervo.

Além disso, torna-se importante analisar algumas diretrizes de suas Políticas de Desenvolvimento de Coleções apresentada por Cósia (2015, p. 80-81) que podem ser aplicadas facilmente ao recebimento de coleções especiais:

1. Obras xerocopiadas não são aceitas;
2. Livros didáticos e apostilas de cursos preparatórios para vestibulares não são aceitos;
3. Algumas obras especiais não são emprestadas;
4. As obras com empréstimo restrito não são digitalizadas, nem xerocopiadas (prestamos o serviço de extração de fotografia de até 10% do total de páginas e envio do arquivo via e-mail);
5. Avaliação prévia das coleções (*in loco*), além do conteúdo, as condições físicas dos volumes, forma de armazenagem, etc.;
6. O processamento técnico é diferenciado em razão das obras especiais não receberem carimbo, etiqueta, etc.

Por outro lado, Carvalho (2015, p. 95) apresenta ações desenvolvidas na área, como: seleção/aquisição, tratamento da informação, divulgação, preservação e acesso.

No que trata seleção, “Toda proposta de aquisição de coleções particulares, sugerida pela Universidade deverá ser instruída, segundo a Instrução Normativa” “[...] que define conceitos, abrangência e estabelece procedimentos para aquisição e recebimento de acervos bibliográficos particulares” (BRUNO; VAL; CARVALHO, 2002 apud CARVALHO, 2015, p. 95).

Carvalho (2015, p. 96) ainda exemplifica os seguintes métodos de avaliação pertinentes ao processo de seleção que são facilmente aplicados à avaliação de coleções particulares:

1. Avaliação de mérito de acervo particular (livros, folhetos e periódicos) de um grande intelectual brasileiro, reconhecido pela sua contribuição dentro de uma determinada área, pela natureza decisiva de suas pesquisas ou de um campo de estudo de particular importância ou gênero literário. A importância da coleção em nível local e nacional, para a pesquisa e o currículo da instituição, ou para projetos cooperativos;
2. Avaliação de itens raros;
3. Avaliação de estado de preservação e de custos para conservação, além de espaço físico em condições adequadas e mobiliário específico.

Desta forma, trabalhar o conceito de coleções especiais nos acervos de bibliotecas universitárias ajuda a justificar a reunião dos itens da Biblioteca Particular de Oswaldo de Almeida Costa para a formação da Coleção Especial Oswaldo de Almeida Costa da Biblioteca da Faculdade de Farmácia, como maneira de identificação, e de preservação do material bibliográfico, dando, assim, valor ao conjunto como um todo e atribuindo-lhe importância educacional, histórica e cultural para a comunidade farmacêutica da UFRJ.

Essa coleção especial exige práticas específicas para o tratamento técnico, para o acondicionamento e regras de uso e por ter características distintas do acervo de uso corrente, deve-se pensar em políticas específicas para coleções especiais.

Assim, percebe-se que existe uma movimentação considerável em se tratar coleções especiais, mas que ainda está muito embrionária no cenário latino-americano. Apesar de muitas iniciativas no campo, é possível que ocorram novas pesquisas e aplicações na área. Contudo, entende-se que é primordial ter uma compreensão ampla da instituição como um todo e ter acesso a documentos e regulamentos institucionais que fomentem qualquer política de formação e desenvolvimento de coleções especiais. É de senso comum a ideia de se reunir e limitar o acesso para preservar e já se encontram algumas diretrizes para os processos referentes a conjuntos especiais dentro de bibliotecas universitárias.



### 3.1 O PAPEL DO DIAGNÓSTICO DE CONSERVAÇÃO E DO INVENTÁRIO NO PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DO MATERIAL ADQUIRIDO

Os livros contêm significados importantes, carregam informações preciosas, e podem dar pistas para a criação de novos pontos de vistas e até novos direcionamentos para a sua guarda e quiçá para a ciência. A singularidade de cada item dentro da biblioteca traz especificidade de conteúdo e o padrão de identificação utilizado pela biblioteca deve reconhecer os materiais de forma adequada para recuperação rápida e eficiente, com o intuito de suprir as necessidades informacionais, visto que os acervos bibliográficos são bens de consumo permanente. Para além disso, a identificação de cada item favorece o controle do patrimônio. A padronização do processo de identificação possibilita o conhecimento amplo do acervo. De mais a mais, os registros documentais com dados do acervo servem como ferramentas para processos decisórios. A identificação da integridade física das obras, do contexto onde estão inseridas e do período cronológico favorece na deliberação de ações de preservação e uso.

Assim, o profissional que lida com informação possui três atividades importantes: atribuir valor, preservar e dar acesso. (OLIVEIRA; SILVA, 2012, p. 7). Para dar valor, preservar e dar acesso a algo é necessário conhecer do que se trata. Só com noção detalhada pode-se tomar decisões corretas sobre cada item.

A atribuição de valor por parte do profissional da informação deve estar referenciada no valor atribuído ao acervo pelo próprio cientista, e também ao grupo a que este cientista pertence. Assim, a constituição de coleções bibliográficas e arquivos pessoais passam a ter um papel importante na construção de uma identidade dentro do campo científico em que o titular desses acervos atua, contribuindo também para a construção de identidades na ciência nacional. (OLIVEIRA; SILVA, 2012).

Essa coleção, por um lado, pertenceu a um pesquisador reconhecido, o que torna possível atribuir valores à coleção com mais facilidade. Isso tem como base que, “Muitos cientistas incentivaram a constituição de arquivos, chamando a atenção sobre a importância da preservação dos acervos científicos, vendo-os como meio de redesenhar a identidade nacional” (OLIVEIRA; SILVA, 2012, p. 7).

Percebe-se que, atualmente, no cenário nacional e internacional, existe um crescente interesse e uma maior conscientização pela valorização das memórias

institucionais através do emprego de esforços para o conhecimento e preservação de acervos que constituem o patrimônio e representam a memória científica das instituições (SOUZA, 2017, p. 3). Com isso, destaca-se a importância em se conhecer o real estado de conservação da Coleção Especial Oswaldo de Almeida Costa, para que sejam identificados os métodos mais adequados para o tratamento e conservação, visando sua maior durabilidade e a melhoria dos serviços prestados à comunidade.

Com o próprio diagnóstico é possível serem gerados dados que nortearão a seleção de materiais bibliográficos. Afinal, a biblioteca não deve manter materiais que possam comprometer a saúde do acervo já existente, por contaminação, além de não ser relevante manter materiais fragilizados ao ponto de não servirem ao uso na biblioteca. No momento em que cada peça está sendo avaliada uma a uma, para que seja gerado o diagnóstico de cada item, e a seleção do que vai ser incorporado à coleção especial da biblioteca, sugere-se que se faça o inventário para fins de controle do que está sendo adquirido.

O diagnóstico deve levar em consideração dados como: identificação (localização, nome da coleção, autor, título, editora, etc.), especificações do item (brochura, capa dura, folheto, folhas soltas, carimbo assinatura, dedicatória e EXILIBRIS), principais deteriorações (mancha, lombada quebrada, costura fragilizada, fungo, perda de capa, etc.), e quem avaliou o conteúdo. (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2009 com adaptações do autor). Visando coletar os dados de forma organizada, padronizada e de forma eficaz e eficiente foi criada uma ficha de diagnóstico de conservação que encontra-se no anexo III.

Outro aspecto que não pode ser descartado ao trabalhar com coleções em estado fragilizado de conservação são os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), visto que, é possível se deparar com resíduos de insetos e até infestações, produtos tóxicos e microorganismos. Para o manuseio de acervos documentais indica-se o uso de materiais descartáveis como luvas, toucas, máscaras, óculos e guarda-pós compridos e equipamentos como mesa de higienização.

A identificação do real estado físico das obras orienta ações de preservação e uso. Essas informações dão suporte para a criação de práticas adequadas de identificação item a item, preservação e manuseio.

Assim, o diagnóstico é tratado como segundo instrumento de produção documental, por este trabalho, e serve de apoio para as tomadas de decisões com relação à coleção porque elas possibilitam conhecimento amplo do estado físico da coleção.

### 3.2 PADRÕES DE PRESERVAÇÃO NO ARMAZENAMENTO E NO MANUSEIO

As obras danificadas exigem um tratamento diferente, com adequação aos métodos de preservação e conservação. A sinalização desse material não pode ser feita com suportes que possam vir a danificar o documento e seu armazenamento também exige maiores cuidados. Contudo, deve-se levar em conta a primeira lei de Ranganathan: Os livros são para o uso. (FIGUEIREDO, 1992, p. 186). O material deve estar disponível para o uso pela comunidade que frequenta a biblioteca. Desta forma, trança-se a ideia de Choay (2006, p. 100) de resguardar o interesse coletivo com a questão de acessibilidade de Lancaster (1989, p. 7). Choay (2006, p. 100) defende que “A guarda e o controle não se fazem sem dificuldades práticas. Mas o problema fundamental é a necessidade de decidir, em regime de urgência e de forma que resguarde o interesse coletivo sobre a destinação dos objetos heterogêneos que se tornaram patrimônios da nação.” E, Lancaster (1989, p. 7) apud Leitão (2005, p. 23) “mostra como essas leis<sup>12</sup> [de Ranganathan] estão vivas e demonstra que os bibliotecários não devem ser apenas curadores de seus acervos, mas ampliar seus papéis preocupando-se com a questão da acessibilidade.”

Para além da questão de acessibilidade, está também a necessidade uma política de conservação preventiva do acervo bibliográfico, evitando-se assim a necessidade de intervenções de restauro, ou até mesmo a perda total.

Acrescenta-se ainda que Flach (2014, p. 43) responde o que seria promover medidas de conservação preventiva quando considera mais importante preservar a integridade material do conjunto das coleções do que fazer intervenções diretas e pontuais em dado exemplar do acervo.

---

<sup>12</sup> Leis de Ranganathan: **1)** os livros são para o uso [referente à circulação e usabilidade], **2)** a cada leitor o seu livro [referente ao estudo de usuário e ao desenvolvimento de coleções], **3)** a cada livro o seu leitor [referente à disseminação seletiva da informação], **4)** economize o tempo do leitor [referente ao serviço de referência], **5)** a biblioteca é uma organismo em crescimento [referente ao planejamento de crescimento da biblioteca de acordo com a importância para sua comunidade e sua capacidade de adaptação].

Deste jeito, Flach (2014, p. 43) afirma que é necessário “diagnosticar as condições gerais de preservação do acervo, pois assim será possível propor as melhorias necessárias.”

Assim, entende-se que é preciso preservar para dar acesso e isso se justifica por Buckland (1992) que

Considera que o propósito central de uma biblioteca é fornecer um serviço: o acesso à informação. Afirma ainda que novas formas de acesso estão sendo adotadas. O ponto fundamental é determinar como, onde e quando essas novas formas devem ser usadas. Enfatiza reiteradamente que a função dos serviços de biblioteca é facilitar o acesso ao documento, enquanto a sua missão é a de dar suporte aos interesses, sejam da instituição ou da população a que serve. (BUCKLAND, 1992, p. 1 apud LEITÃO 2005, p. 16).

Para avaliar se o item deve ser preservado ou não, deve-se entender o cenário institucional, isso se refere para qualquer item que venha fazer parte da biblioteca. Lucia Maria Veloso de Oliveira aponta esse panorama institucional como direcionador de decisões. (OLIVEIRA; SILVA, 2012, p. 120). Assim, se encontram as políticas internas da biblioteca balizadas na missão da instituição, onde se apoiam escolhas e decisões.

Maria Celina Soares de Mello e Silva (OLIVEIRA; SILVA, p. 209) fala da preservação através da interdisciplinaridade entre arquivística e ciências, em que começa relatando que

A preservação da memória científica brasileira implica a salvaguarda dos registros produzidos pela prática científica e tecnológica. Tais registros, ou traços, são constituídos de natureza diversa. São textuais, fotográficos, cartográficos ou virtuais. Mas também podem ser tridimensionais, como instrumentos científicos, modelos e protótipos. E, ainda, amostras de seres vivos e espécimes animais, dentre outros. (OLIVEIRA; SILVA, p. 209).

E completa a questão da preservação da memória científica brasileira desenvolvendo a narrativa sobre a importância do desenvolvimento dos registros das práticas científicas e afirma que:

As práticas científicas realizadas em laboratórios se traduzem nas atividades, rotinas ou não, desenvolvidas durante todo o processo de pesquisa, seja científica ou tecnológica. Essas atividades geram documentos que são seus testemunhos: eles comprovam a realização das atividades e registram cada etapa do processo. Portanto, há uma grande variedade de documentos que registram o avanço científico e que representam um testemunho valioso para o estudo da história da ciência. (OLIVEIRA; SILVA, p. 209).

No sentido de acrescentar valor às ações de preservação, resgata-se o painel explorado por Yacy-Ara Froner (OLIVEIRA; SILVA, p. 227) que apresenta a discussão sobre conservação preventiva como meio para diminuir a vulnerabilidade dos acervos científicos, pois se entende a grande importância de se manter o acesso pelo maior tempo possível à esse tipo de informação. Assim, segundo esta autora, os acervos científicos possuem características e necessidades específicas que devem compor os estudos de conservação preventiva voltadas para esse tipo de acervo.

Yacy-Ara Froner traz o conceito de Ciência da Conservação formada pela transdisciplinariedade dos processos que se apoia no conhecimento à volta dos temas polissêmicos direcionados à preservação do patrimônio cultural e o discurso de May Cassar (1999), dito por Yacy-Ara como uma das maiores especialistas do campo da conservação preventiva, de que,

a Conservação Preventiva abarca procedimentos relacionados à adequações das condições ambientais, físico-químicas e de gestão, sob os quais um bem cultural encontra-se submetido: parte de relações que envolvem o macro ambiente, o ambiente médio e o microambiente do entorno do bem cultural, como também das políticas correlacionadas ao seu uso e preservação; busca respeitar as especificidades tanto do edifício quanto da coleção sob sua guarda, minimizando ao máximo o impacto das degradações por meio da adoção de alternativas equilibradas que entendam as características do acervo e da arquitetura, principalmente no que tange ao patrimônio histórico edificado que cumpre o papel de museu. (OLIVEIRA; SILVA, p. 234).

Ela acrescenta “o inventário como protocolo introdutório ou basilar da prática da Conservação Preventiva” em paralelo a todos os outros fatores ambientais e a todas as competências da área de conservação, fomentando a transdisciplinaridade. (OLIVEIRA; SILVA, p. 237). Essa ferramenta de gestão é expressa por Yacy-Ara (OLIVEIRA; SILVA, p. 238-239) como um dos documentos de coleta de dados para a construção do objeto, capaz de dar voz ao item.

No anexo I, encontra-se o inventário de livros realizado pela funcionária Karla Bandeira, membro da equipe da Biblioteca da Faculdade de Farmácia. A partir desse documento é possível saber o total de livros que compõem a Coleção Especial Oswaldo de Almeida Costa e, através dos dados reunidos na planilha, é possível saber exatamente o que a coleção tem em livros. O mesmo procedimento será adotado para inventariar os periódicos, as fotografias, os cartões postais e os recortes de jornais.

Dessa forma, a preservação faz parte da gestão de documentos porque está vinculada ao processo de identificação do valor dos itens e deve ser iniciada a partir do processo de avaliação. Assim, é preciso identificar, valorar, gerir dados para avaliação, gerar documentos, preservar, oferecer acesso controlado, entre outros.

Leitão (2005, p. 24-26) mostra que as bibliotecas vêm sofrendo várias mudanças com o passar dos séculos, dentre elas estão as mudanças de espaço, de armazenamento dos patrimônios filosófico e científico da sociedade para gerações futuras, das maneiras de preservação e da sua transformação em lugar “de convívio, inspiração, apoio e formação daqueles que querem conhecer o mundo, as ciências e a arte.” (LEITÃO, 2005, p. 26).

Neste trabalho, não serão abordadas questões referentes à restauração porque entende-se que é uma questão que deve ser abordada em outro momento, onde todo o processo de formação da coleção especial já esteja estruturado. Desta forma, esta dissertação vai se limitar à conservação, deixando para outra oportunidade a disciplina da restauração.

Por outro lado, serão levadas em consideração as características materiais para a guarda do acervo.

Para a construção de uma narrativa sobre o tema, leva-se em questão a seguinte definição sobre preservação:

Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia:

Preservação. *Collection maintenance, preservation* ARQ BIB 1. Medidas empreendidas com a finalidade de proteger, cuidar, manter e reparar ou restaurar os documentos.

Além disso, Heloisa Costa (2008) apud Pinheiro e Granato (2012 p. 31) afirma que “preservação é o processo de tomada de consciência do valor de um bem cultural. Implica em observação, sensibilização, critérios de escolha, análise e decisão.” Deste modo, entende-se que é preciso conhecer e gerir para preservar.

Neste momento, pode-se dizer que reunir esse acervo em uma coleção separada do acervo geral, utilizar de técnicas de preservação e novas práticas de uso implicam em atribuir-lhe novas funções e ampliar o acesso dos usuários a esse acervo. E pelo simples

ato de separar a Coleção Oswaldo de Almeida Costa para estudá-la, já está se fazendo algum tipo de preservação.

Jayne Spinelli define preservação como “o guarda-chuva, sob o qual se abrigam a conservação preventiva, a conservação reparadora e a restauração.” (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2009, p.10).

Diante do exposto, no que tange às coleções, a biblioteca da Faculdade de Farmácia pretende adotar o monitoramento dos seguintes aspectos referentes às ações de preservação das obras: as condições de ambientação das áreas de guarda de acervos; as condições de limpeza dessas áreas; e as condições de armazenamento dos livros e documentos em suas áreas de guarda. Além da proteção contra o furto.

Flach (2014, p. 44) aborda aspectos fundamentais de conservação preventiva dos acervos bibliográficos, tais como “Fatores ambientais que causam a degradação do acervo; Agentes biológicos; Ação do homem; Situações de emergência, como incêndios e inundações.”

Esse se completa ainda com a afirmação Cassar (1999) apud Pinheiro e Granato (2012 p. 26) que relata que “a sobrevivência de um objeto é afetada pelos seguintes fatores: os materiais dos quais é feito; as condições ambientais nas quais foi mantido antes de entrar para a coleção; sua utilização antes de ser incorporado à coleção; as condições ambientais em que é mantido após ser incorporado à coleção; sua utilização, como parte constituinte da coleção, em exposições, para pesquisa, como auxílio educacional ou objeto de trabalho; qualquer tratamento anterior de conservação ou reparo. Nesse contexto, podem ser indicadas algumas áreas de conhecimento que interferem diretamente com esses aspectos.

Preservar material bibliográfico envolve um complexo cenário, onde habitam vários fatores extrínsecos e intrínsecos como aborda Flach (2014, p. 44):

a preservação de obras em suporte papel sempre é um desafio muito grande, uma vez que, além de todos os fatores extrínsecos que podem causar danos a este suporte, existem também os fatores intrínsecos, relacionados ao próprio processo de fabricação do papel utilizado na confecção dos livros. A baixa qualidade deste tipo de suporte certamente é um dos elementos que mais dificulta o sucesso das ações voltadas a sua preservação. (FLACH, 2014, p. 44).

Atualmente, a biblioteca da Faculdade de Farmácia não trabalha com os processos de conservação e restauração devido à falta de material adequado e equipe capacitada.

Por outro lado, Pinheiro e Granato (2012 p. 34) defendem que deve haver interferência profunda no objeto, realizada após pesquisa detalhada, tanto técnica quanto histórica, do artefato a ser restaurado, o que induz o autor a busca por capacitação para realização de futuros restauros.

Porém, neste momento, o foco deste trabalho será no controle de agentes de deterioração, como, roubo, vandalismo e perda; água; poluentes; radiações; temperatura incorreta; e umidade relativa incorreta. Apesar da existência de outros, esses serão os explorados nesse primeiro momento.

Destaca-se que, foram retiradas informações da página 33 do Décimo Terceiro Curso Informativo Sobre Preservação para a formação de uma tabela com agentes de deterioração que encontra-se anexada ao trabalho (anexo III).

De acordo com os dados de Fundação Biblioteca Nacional (2009, p. 39),

o acondicionamento do acervo é ação fundamental para reduzir os processos de deterioração [...] Providenciar vários níveis de acondicionamento também é uma forma de reduzir o impacto das variações de temperatura e umidade presente nos ambientes no decorrer do dia e ao longo do ano. (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2009, p.39).

Flach (2014, p. 44-53) traz um panorama dos aspectos fundamentais da conservação preventiva dos acervos bibliográficos e aponta a importância de se identificar os maiores agentes de degradação do acervo como ferramenta para a criação de políticas para auxiliar na preservação de danos ao acervo. Ela apresenta quatro fatores: Fatores ambientais que causam degradação do acervo, como iluminação, qualidade do ar, temperatura e umidade relativa; Agentes biológicos, como fungos, roedores e insetos; Ação do homem, como manuseio, acondicionamento inadequado e furto e vandalismo; e Situações de emergência como incêndios e inundações.

Para questões de iluminação Cassares (2000) apud Flach (2014, p. 45) sugere observar as seguintes questões: “Expor um objeto valioso por períodos curtos de tempo; Manter o nível de luz o mais baixo possível; Evitar a colocação de lâmpadas dentro das vitrines; Proteger objetos com filtros especiais; Certificar-se de que as vitrines sejam feitas de materiais que não danifiquem os documentos.”

Sobre qualidade do ar, Flach (2014, p. 45) relata a importância de se evitar poluentes de origem externa (poluição atmosférica) e de origem interna (uso de



vernizes, tintas e/ou ceras que liberam gases prejudiciais ao acervo) e higienização periódica do acervo.

Nos pontos abordados acerca de temperatura e umidade relativa extraem-se as palavras de Flach (2014, p. 46-47) que afirma que

As oscilações superiores a 3°C na temperatura e as superiores a 10% no índice de umidade relativa do ambiente já são capazes de promover a degradação do papel... A medição dos índices de T [temperatura] e UR [umidade relativa] é feita com um aparelho chamado termo-higrômetro, que mede simultaneamente estes dois índices e pode ser adquirido pelas bibliotecas com relativa facilidade. Este aparelho, no entanto, serve unicamente para monitorar as condições ambientais do acervo, não sendo considerado um instrumento de controle de T e UR. (FLACH, 2014, p. 46-47).

Além disso, Flach (2014, p. 46) indica o uso de desumidificadores, absorvente de umidade (como sílica-gel), ventiladores e sistemas de ar-condicionado.

No que tange aos agentes biológicos, Flach (2014, p. 47-49) alerta quanto ao controle de fungos, roedores e insetos. Indica a restrição de mofos e bolores através da moderação de T e UR elevadas ou com grandes variações, limpeza adequada e circulação de ar. No sentido de se administrar a proteção do ambiente contra ratos e ratazanas, mostra a necessidade de se limitar acessos para esses animais, evitar o acúmulo de comida no ambiente e ter boa higienização do local. Com o intuito de se evitar insetos como brocas, cupins, baratas e traças que são atraídos pela celulose, colas, amido e possíveis resíduos alimentares, para a eliminação de brocas sugere isolar o material, fazer a devida higienização afastada do ambiente do acervo e, posteriormente, criar uma rotina de higienização; com a finalidade de se eliminar cupins, indica chamar equipe especializada para eliminar o foco de infestação; para as baratas, é apropriado higienização do local, controle de aberturas para evitar acesso e instalações de iscas; por fim, para as traças, cabe a higienização, controle de T e UR e utilização de sachês contendo ervas aromáticas como alecrim, Mangerona, sálvia, arruda, louro e orégano.

A ação do homem é a causadora de maiores danos aos acervos, e Flach (2014, p.49-51) divide em três grandes atitudes que fomentam a destruição do material: Manuseio incorreto; acondicionamento inadequado; e furtos e vandalismo.

Flach (2014, 49-51) traz os seguintes procedimentos que causam a degradação do livro pelo manuseio incorreto, pelo acondicionamento inadequado, e por furto e vandalismo:

#### Manuseio incorreto:

1. Efetuar consertos utilizando fitas adesivas, que deixam o papel manchado e acidificado;
2. Apoiar-se com os cotovelos sobre o livro durante a leitura, pois a repetição desta ação poderá fragilizar gradativamente a estrutura do livro;
3. Consumir alimentos e bebidas junto ao material de consulta, pois qualquer resquício de alimentos atrairá insetos ao acervo;
4. Guardar no interior dos livros materiais como folhas de jornal e flores, que deixam o material manchado e acidificado;
5. Utilizar cliques metálicos e canetas marca-texto para destacar partes do livro, pois os cliques causam a oxidação do papel e as canetas marca-texto deixam o papel mais acidificado;
6. Fotocopiar o livro, já que a repetição desta ação poderá fragilizar a estrutura do livro;
7. Fazer dobras nas folhas para marcá-las, o que torna o papel mais fragilizado e quebradiço;
8. Manusear o material de consulta com as mãos sujas, pois isso ocasiona manchas e pode atrair insetos;
9. Retirar o livro da estante pela parte superior da lombada, o que gradativamente faz a lombada se soltar da capa do livro. O correto é retirá-lo sempre pelo meio da lombada, empurrando para trás os dois livros de cada lado, e segurando pelo meio o que será retirado.

#### Acondicionamento inadequado:

1. Evitar o acondicionamento do acervo em armários de madeira. O ideal é utilizar estantes de metal esmaltado, para evitar cupins;
2. Impedir a superlotação das prateleiras, pois os livros não devem ficar muito apertados nas estantes;
3. Prevenir a inclinação de livros na prateleira. O correto é mantê-lo na posição vertical, utilizando bibliocantos com superfície lisa e formato arredondado. As obras volumosas devem ser guardadas na posição horizontal, empilhadas em até três volumes;
4. Reforçar o cuidado com livros com encadernação frágil ou danificada, que devem ser amarrados com um cadarço de algodão ou então

armazenados em caixas de proteção individual, confeccionadas em papel de qualidade arquivística;

5. Afastar as estantes ou os armários das paredes. O ideal é deixar um distanciamento de no mínimo 7 cm das paredes, para evitar o contato direto com a umidade. A disposição das estantes também deve ser organizada de modo que permita uma boa circulação de ar entre elas;
6. Distanciar as prateleiras de livros do chão, mantendo a última prateleira da estante a, pelo menos, 15 centímetros do chão. Isso evita o contato dos livros da última prateleira com a umidade do chão e também protege o acervo em caso de ocorrer algum acidente com água na biblioteca;
7. Ter cuidado com o transporte de livros, não superlotando o carrinho, para evitar a queda de volumes. Já em caso de transporte com a utilização de caixas, convém utilizar modelos resistentes e, da mesma forma, cuidar para que estas não fiquem superlotadas, com o consequente empilhamento exagerado de volumes.

Furtos e vandalismo:

1. Identificar os usuários que ingressam na biblioteca;
2. Controlar os locais de consultas dos usuários;
3. Colocar as regras de funcionamento da biblioteca em local visível e garantir que elas sejam do conhecimento dos usuários;
4. Disponibilizar um serviço eficiente de fotocópia, com horário de atendimento que permita atender aos usuários de forma satisfatória, o que pode diminuir a ocorrência de danos aos livros.

Além disso, Flach (2014, p. 51) ainda indica o uso de sistemas antifurto e a disponibilização de armários guarda-volumes.

Por fim, chega-se ao ponto das emergências em bibliotecas, em que Flach (2014, p. 151-153) levanta a importância em se investir em planejamento de prevenção de desastres, com medidas rápidas e eficientes na ocorrência de sinistros. Alerta para a utilização de sistemas de detecção de fumaça, alarme contra incêndio e de extinção de incêndio (*sprinklers*). Ela ainda afirma que a prioridade são as pessoas, mas que deve haver:

1. Prioridades de salvamento no acervo;

2. Telefones de contato das pessoas que deverão ser chamadas em caso de emergência;
3. Telefones de fornecedores de materiais e serviços que poderão ser úteis;
4. Localização dos equipamentos a serem utilizados em uma emergência.

Com essa ampla visão pode-se direcionar a determinação de práticas eficientes capazes de proteger a coleção Oswaldo de Almeida Costa.

Foram realizadas algumas visitas técnicas à Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz (COC – Fiocruz) com o intuito de aprendizado e diante disso, indica-se abrigar as obras danificadas em sala com pouca luz externa. O mobiliário escolhido nesse primeiro momento é armário fechado para evitar o contato direto da luz e de poluentes e a variação de temperatura e umidade. Os armários devem ter sinalizações externas. A parte externa de cada armário deve ter uma lista com classificação e o título de cada obra para que o móvel só seja aberto se houver interesse por algum item nele contido. Tendo verba para aquisição, indica-se o uso de estantes deslizantes para seu armazenamento definitivo devido à falta de espaço na biblioteca, como as utilizadas no arquivo do Museu Histórico Nacional (visita técnica em 02 de maio de 2019), como mostra a ilustração abaixo:

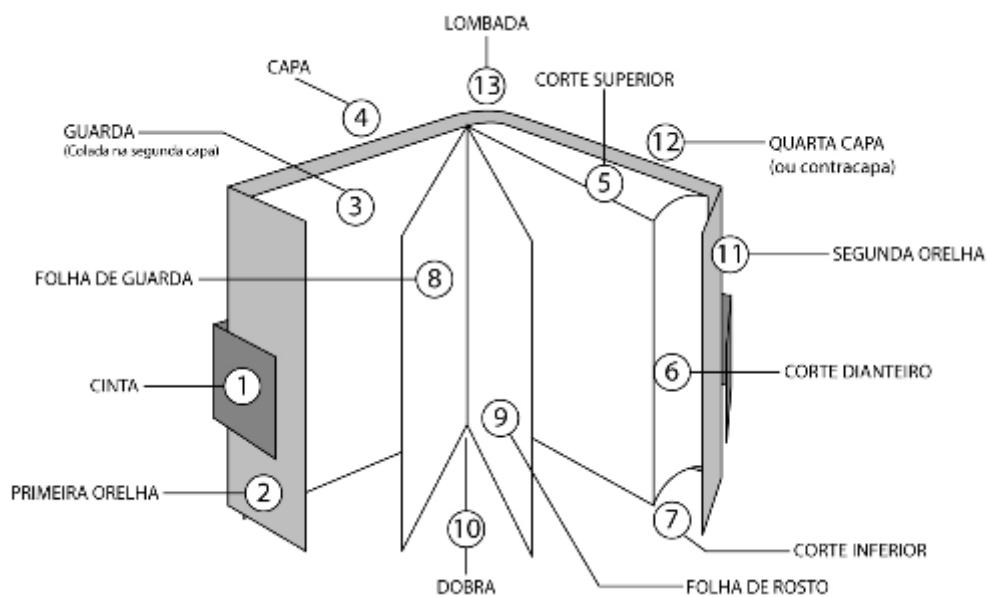
FIGURA 4: Modelo de estantes deslizantes.



FONTE: O autor.

Considerando características de preservação e o estado fragilizado das obras, não se indica o uso de carimbos e etiquetas nos objetos. Nesse caso, indica-se o uso da cinta de papel alcalino para a identificação dos livros. Para melhor entendimento, segue abaixo a ilustração que mostra a identificação das partes do livro e onde a cinta deve ser posicionada.

FIGURA 5: Estrutura física do livro.



Fonte:

<http://sites.uefs.br/portal/sites/bibuefs/arquivos/treinamentos/APRESENTACaO%20FINAL.pdf>

Abaixo, segue a figura que apresenta o estado fragilizado da Coleção Oswaldo de Almeida Costa (livros):

FIGURA 6: Estado atual das obras da Coleção de Oswaldo de Almeida Costa (UFRJ).



Fonte: O autor.

Com o intuito de se evitar maiores danos às obras, tem-se como base para a sinalização das obras o modelo da Coleção Hospital Evandro Chagas da Fiocruz, da biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz, da Fiocruz. Onde se sugere o uso do número de chamada expresso na cinta, além do uso de cadarço de algodão para amarrar as obras com a encadernação solta ou quase solta, como mostra a figura abaixo:

FIGURA 7: Identificação das obras da Coleção Hospital Evandro Chagas da Fiocruz.

(1)



Fonte: O autor.

FIGURA 8: Identificação das obras da Coleção Hospital Evandro Chagas da Fiocruz.

(2)

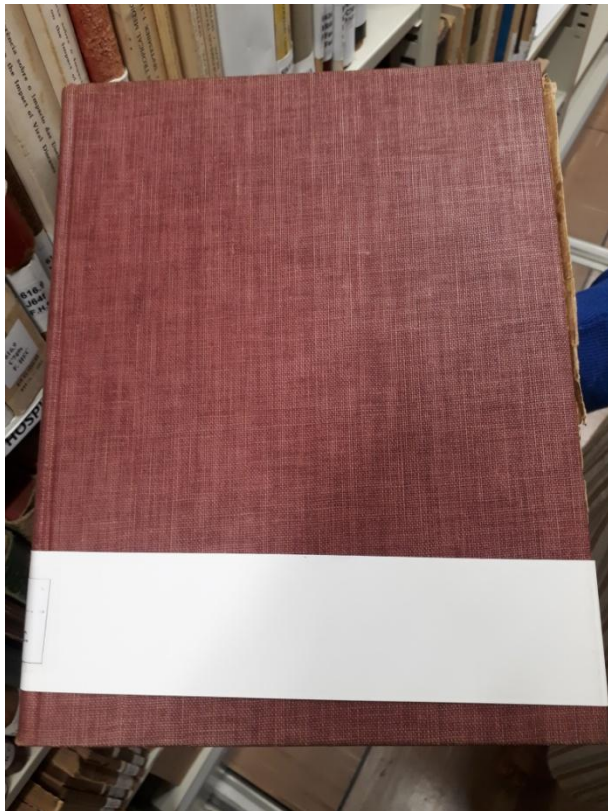


Fonte: O autor.



FIGURA 9: Identificação das obras da Coleção Hospital Evandro Chagas da Fiocruz.

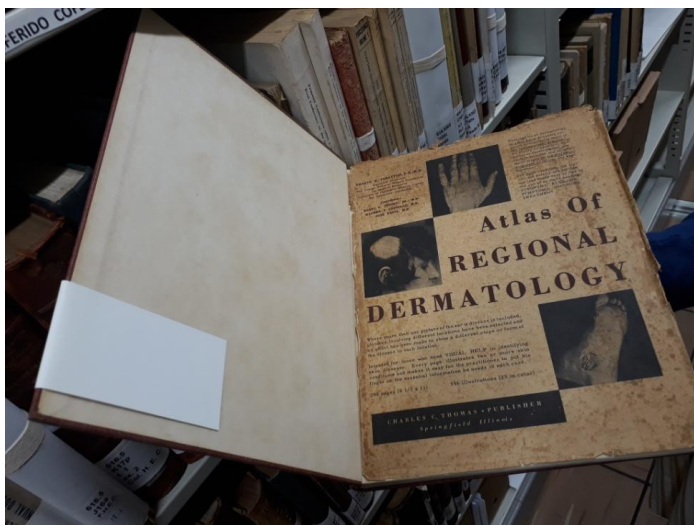
(3)



Fonte: O autor.

FIGURA 10: Identificação das obras da Coleção Hospital Evandro Chagas da Fiocruz.

(4)

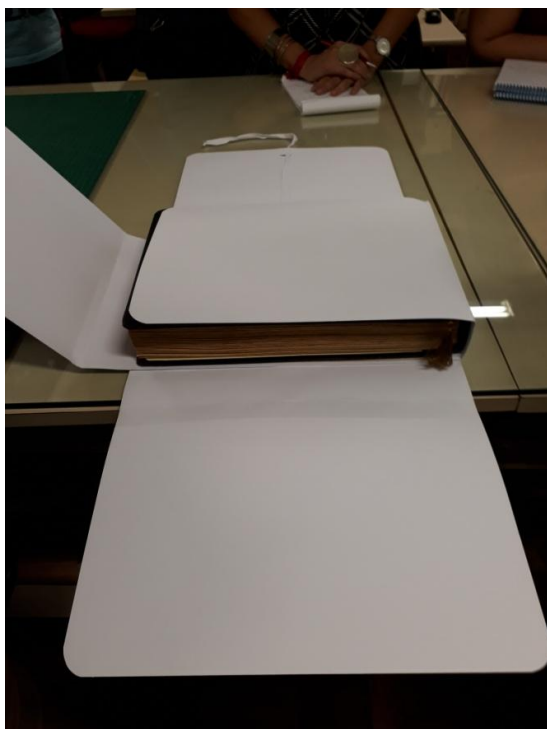


Fonte: O autor.



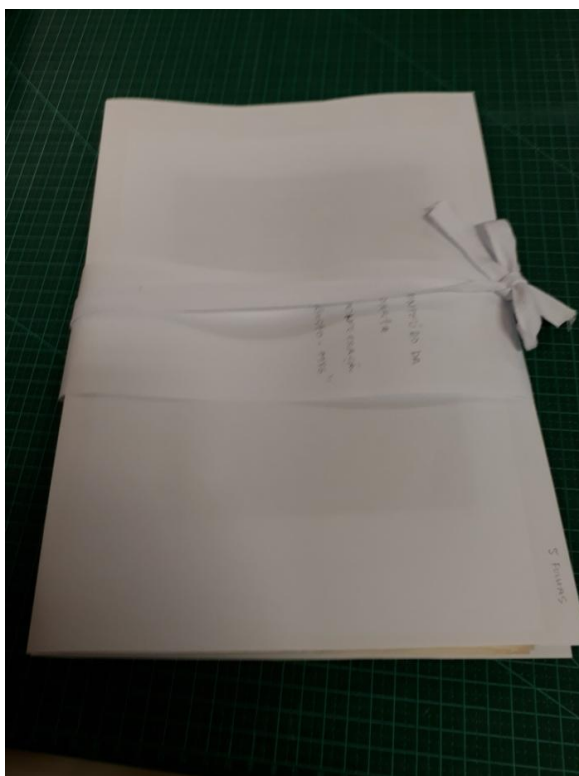


FIGURA 12: Envelope de conservação. (1)



Fonte: O autor.

FIGURA 13: Envelope de conservação. (2)



Fonte: O autor.

Algumas obras estão com as lombadas quebradiças, para evitar que esse processo evolua mais rapidamente e que outras obras apresentem a mesma fragilidade, indica-se o uso de almofadas de apoio para evitar o esforço e levar a quebra das fibras que compõem as lombadas. Esse material é utilizado pela Biblioteca do Museu Nacional, UFRJ, e está representado nas imagens abaixo:

FIGURA 14: Uso de almofadas de apoio à leitura de material bibliográfico.



Fonte: Rosana Rocha.

FIGURA 15: Uso de almofadas de apoio no manuseio de material bibliográfico.



Fonte: Rosana Rocha.

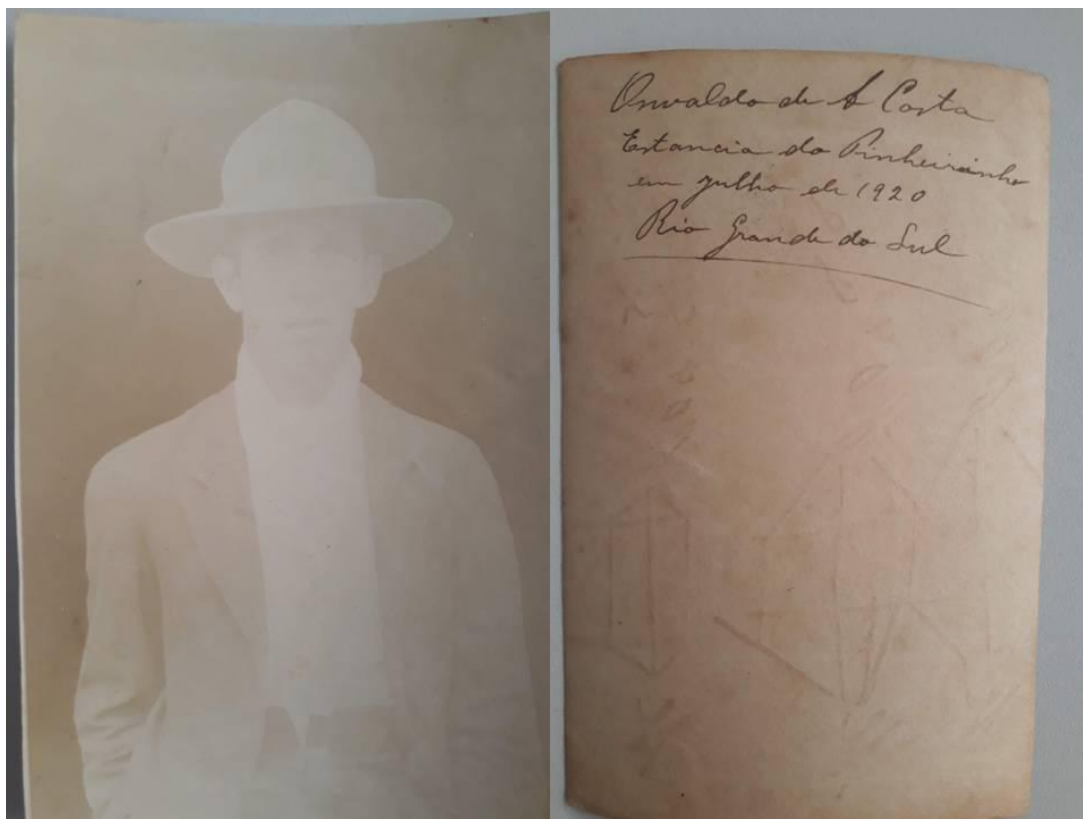
As duas figuras acima mostram o cuidado com o manuseio do material bibliográfico. O manuseio foi feito, durante toda visita, pelo profissional da biblioteca, sempre com uso de luvas e máscaras, evitando assim o contato direto com o material. As almofadas adaptam a superfície do móvel onde o material fica exposto, de maneira que os livros fiquem bem acomodados e sem forçar suas estruturas físicas. Algumas obras estavam armazenadas em caixas de papel alcalino. Essa visita técnica foi realizada em 15 de maio de 2018, no Museu Nacional e na Biblioteca do Museu Nacional. Tal visita faz parte do conteúdo da Disciplina Instituições de Memória do curso.

Além desses procedimentos, destaca-se que foi elaborada um modelo de “Ficha Diagnóstico de Conservação” para que sejam inseridos dados que servirão como apoio para futuros projetos de conservação dos livros. O modelo de ficha encontra-se no anexo III do documento. Esse material deverá ser preenchido pelo bibliotecário no momento do processamento técnico e ordenado em uma pasta seguindo a ordem do número de chamada. Recomenda-se o arquivamento desses dados em suportes eletrônicos e de fácil acesso para todos os envolvidos em atividades relacionadas à coleção e um *back up* das informações.

As fotografias, os cartões postais e os recortes de jornais, seguirão modelos de práticas utilizados pelo arquivo do Museu Histórico Nacional. Tais saberes foram adquiridos durante a visita técnica conduzida pelo Historiador Rafael Zamorano, em 02 de maio de 2019.

Seguem abaixo algumas imagens de fotografias e cartões postais da Coleção Oswaldo de Almeida Costa, da Biblioteca da Faculdade de Farmácia da UFRJ:

FIGURA 16: Fotografia de Oswaldo de Almeida Costa em julho de 1920, em Pinheirinho, Rio Grande do Sul.



FONTE: O autor.



Percebe-se que a fotografia está desbotada e não mais aplainada, como os cartões postais abaixo:

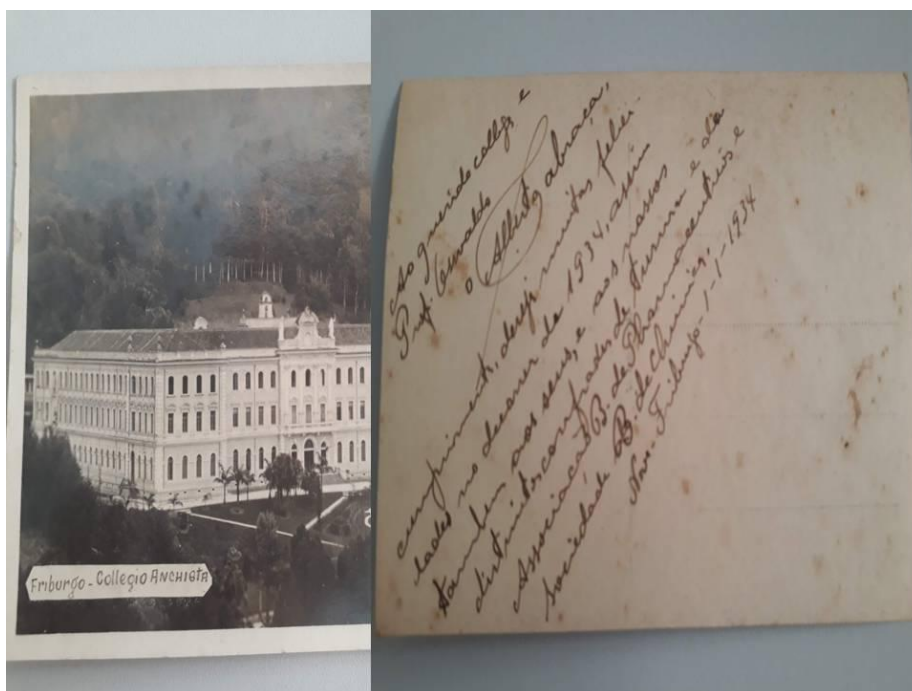
FIGURA 17: Cartão Postal recebido por Oswaldo de Almeida Costa (1).



FONTE: O autor.

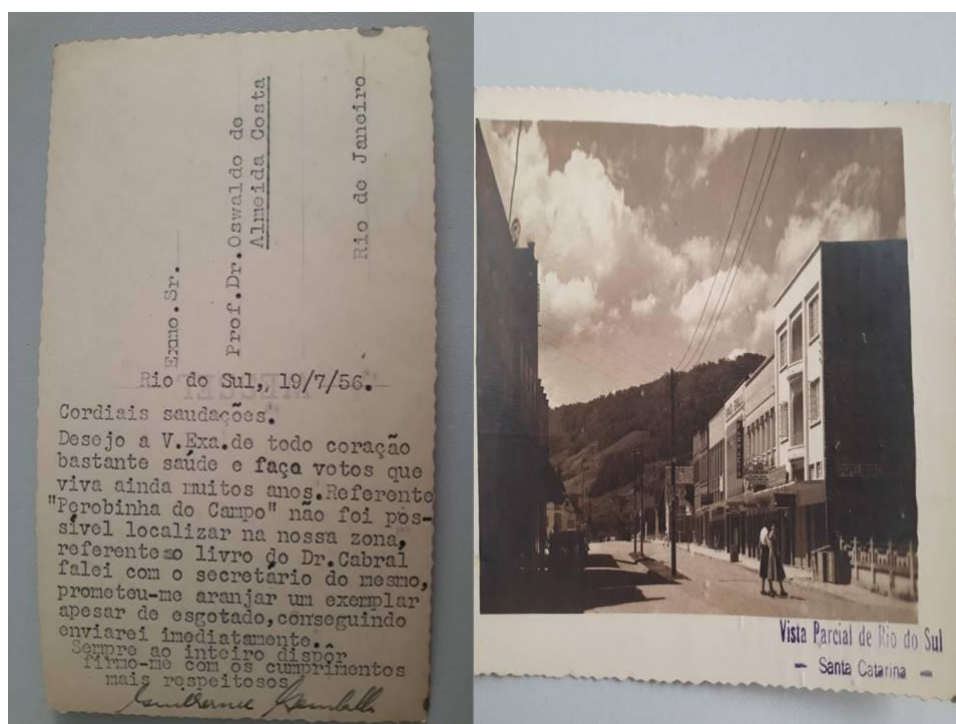
Um fato que se faz muito interessante ao observar os cartões postais é que Oswaldo se comunicava com pares de diversas regiões, entre elas, Bahia, Friburgo e Santa Catarina, como mostram as imagens abaixo:

FIGURA 18: Cartão Postal recebido por Oswaldo de Almeida Costa (2).



FONTE: O autor.

FIGURA 19: Cartão Postal recebido por Oswaldo de Almeida Costa (3).



FONTE: O autor.

No arquivo do Museu Histórico Nacional, documentos como fotografias são arquivados em caixas de arquivos e separados individualmente por folhas de acetato que envolvem as fotografias, forradas por papel alcalino. Além disso, cada item recebe um código de controle e ordenação fixado ao acetato. Vale ressaltar que todos os objetos foram manuseados com uso de luvas.

Como mostra a fotografia abaixo:

FIGURA 20: Forma de armazenamento das fotografias do arquivo do Museu Histórico Nacional.



FONTE: O autor.

A Biblioteca da Faculdade de Farmácia adotará este padrão de guarda e manuseio do Arquivo do Museu Histórico Nacional para fotografias, cartões postais e recortes de jornais avulsos.

Acrescenta-se ainda, como forma de se produzir documentação para a coleção, a elaboração de uma planilha com dados estatísticos sobre a coleção, como mostra o modelo abaixo que servirá de apoio informacional com dados quantitativos:



QUADRO 1: Tabela de espécies documentais. (Com adaptações).

TABELA DE ESPÉCIES DOCUMENTAIS		
TIPO DE DOCUMENTO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM DA COLEÇÃO
Livros		
Periódicos		
Fotografias		
Cartões postais		
Recortes de jornais		
Outros		

Fonte: (OLIVEIRA; SILVA, 2012) Com adaptações.

Assim, essas ferramentas, somando-se a listagem gerada pelo inventário, formarão a primeira massa documental referente à Coleção de Oswaldo de Almeida Costa.

### 3.3 DIRETRIZES PARA A CRIAÇÃO DA POLÍTICA DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES DA COLEÇÃO OSWALDO DE ALMEIDA COSTA

Diante dessa pesquisa, buscou-se construir algumas diretrizes que servirão como parte de uma base para a elaboração da Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Essas diretrizes vão se configurar na descrição de uma estratégia pertinente com a qual visa alinhar as características da instituição, da biblioteca e da coleção com as necessidades de uso da comunidade. Elas indicarão possíveis critérios para a construção da política e poderão se usadas como um todo ou em parte.

Assim, as diretrizes constituem propostas estruturadas com a finalidade de nortear os conceitos trabalhados nessa pesquisa para a construção da política. Essa ferramenta será utilizada durante todo o processo de formação da política. Por outro lado, a política em si só será apresentada no produto final do trabalho.

As diretrizes estão divididas em grupos de: aquisição (doação, compra e permuta), avaliação (identificação, pertinência, diagnóstico de preservação e seleção), transporte e transferência do material, recepção e acondicionamento temporário do material, higienização, descrição, sinalização, acondicionamento definitivo e condições de acesso.

Acrescenta-se que será utilizado o modelo e o código de Identificação do Item indicado pela Secretaria de Coordenação e Governança das Empresas Estatais, do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

QUADRO 2: Biblioteca da Faculdade de Farmácia / Faculdade de Farmácia / Universidade Federal do Rio de Janeiro / Diretrizes (1)

<b>ID</b>	<b>DIRETRIZ</b>
<b>TIPOS DE AQUISIÇÕES</b>	
<b>D1</b>	A biblioteca pode adquirir coleções especiais por meio de compra, doação e permuta.
<b>AValiação DA COLEÇÃO</b>	
<b>D1</b>	Avaliar a coleção antes de ser encaminhada para a biblioteca e as devidas seleções.
<b>D2</b>	Conhecer a história acadêmica, profissional e das relações sociais do colecionador com o intuito de valorar a coleção que possivelmente será incorporada à biblioteca, como análise de proveniência.
<b>D3</b>	Analisar a unicidade da coleção.
<b>D4</b>	Avaliar se há organicidade na coleção, se apresenta faltas ou se a coleção encontra-se fragmentada em outras unidades.
<b>D5</b>	Avaliar se a coleção é relevante para a instituição e para a biblioteca.
<b>D6</b>	Avaliar o mérito do acervo particular para a instituição.
<b>D7</b>	Avaliar o estado de conservação e de custos para a preservação.
<b>D8</b>	Fazer o diagnóstico de preservação da coleção.

<b>D9</b>	Consultar profissional capacitado para avaliar a pertinência do conteúdo para o campo disciplinar em se insere a coleção.
<b>D10</b>	Buscar se existe valor histórico e/ou científico.
<b>D11</b>	Atribuir valores à coleção.
<b>D12</b>	Identificar todos os tipos de objetos que pertencem a coleção.
<b>D13</b>	Observar marcas de propriedade e dedicatórias.
<b>D14</b>	Inventariar a coleção.
<b>D15</b>	Quantificar a coleção.
<b>D16</b>	Preservar o fundo (coleção) sem dispersão.
<b>D17</b>	Não aceitar obras xerocopiadas, livros didáticos, apostilas e material muito danificado ou contaminado.
<b>TRANSPORTE E TRANSFERENCIA DO MATERIAL</b>	
<b>D1</b>	Definir que será responsável pela transferência do material (doador/instituição favorecida).
<b>D2</b>	Assegurar transporte adequado para a preservação do material.
<b>D3</b>	Garantir embalagens adequadas para cada tipo de suporte.
<b>RECEPÇÃO E ACONDICIONAMENTO TEMPORÁRIO DO MATERIAL</b>	
<b>D1</b>	O material recém chegado não deve ser armazenado próximo ao acervo da biblioteca antes da higienização para que não haja contaminação.
<b>D2</b>	Institucionalizar a coleção e garantir o reconhecimento formal da coleção por parte da Faculdade de Farmácia e do SiBI.
<b>D3</b>	Manter o material reunido.
<b>D4</b>	Higienizar a coleção.
<b>ORGANIZAÇÃO DA COLEÇÃO</b>	
<b>D1</b>	Formar coleções especiais a partir de doações de coleções particulares e

	mantê-las separadas das demais.
<b>D2</b>	Pensar em lidar com diferentes tipos de materiais e buscar soluções integrativas respeitando a missão institucional, as características da biblioteca e as necessidades dos usuários.
<b>D3</b>	Manter a coleção reunida fisicamente quando possível e/ou reunida por remissivas com o intuito de se manter o sentido de coleção.
<b>D4</b>	Criar códigos de identificação dos itens ou usar códigos já existentes que facilitem a ordenação e a recuperação rápida e eficiente e o controle do patrimônio.
<b>D5</b>	Arquivar a coleção em local reservado, seguro e com restrições de acesso e uso, porém com estrutura para atender pessoas com necessidades especiais.
<b>D6</b>	Arquivar documentos que comprovem o histórico de aquisições, como: cartas de doações, notas fiscais, cartas de permutas, livros de descarte ou desbastamento, livros com dados de entrada de itens na biblioteca, etc.
<b>CONDIÇÕES DE PRESERVAÇÃO E ACESSO</b>	
<b>D1</b>	Controlar temperatura e umidade.
<b>D2</b>	Contar com mobiliário adequado para armazenamento e exposições.
<b>D3</b>	Fazer o diagnóstico item a item.
<b>D4</b>	Garantir a salvaguarda dos itens.
<b>D5</b>	Minimizar o impacto das degradações por meio da adoção de alternativas equilibradas que entendam as características do acervo.
<b>D6</b>	Acondicionar de forma adequada.
<b>D7</b>	Não carimbar, etiquetar ou fixar qualquer outra informação nas obras.
<b>D8</b>	Levar em consideração as características materiais dos itens para a guarda do acervo.
<b>D9</b>	Monitorar as condições de ambientação das áreas de guarda de acervos.

<b>D10</b>	Monitorar as condições de limpeza da área do acervo.
<b>D11</b>	Monitorar as condições de armazenamento.
<b>D12</b>	Controlar temperatura e umidade do ambiente de guarda do acervo.
<b>D13</b>	Proteger contra furto e depredação.
<b>D14</b>	Observar e tomar medidas diante de danos causados por fatores ambientais, agentes biológicos, ação do homem, etc.
<b>D15</b>	Proibir o manuseio de líquidos, gases, canetas, alimentos, etc. perto dos materiais.
<b>D16</b>	Fornecer consulta monitorada e portando apenas lápis, papel e borracha.
<b>D17</b>	Controlar possíveis ações de roubo, vandalismo e perda.
<b>D18</b>	Em caso de exposições dos itens, determinar períodos curtos de tempo e com baixa iluminação.
<b>D19</b>	Higienizar periodicamente o acervo.
<b>D20</b>	Fazer uso de desumidificador, e sistema de ar-condicionado.
<b>D21</b>	Controlar fungos, roedores e insetos.
<b>D22</b>	Orientar com relação ao manuseio correto dos itens da coleção.
<b>D23</b>	Armazenar em armários fechados.
<b>D24</b>	Armazenar em estantes deslizantes.
<b>D25</b>	Usar cintas de papel alcalino e/ou filipeta para a identificação do item.
<b>D26</b>	Usar cadarço de algodão para amarrar obras com a encadernação solta.
<b>D27</b>	Fazer sinalizações externas aos itens (estantes e armários).
<b>D28</b>	Usar envelopes de conservação para obras muito danificadas.
<b>D29</b>	Usar almofadas de apoio à leitura de material bibliográfico para evitar o esforço e levar a quebra das fibras que compõem as lombadas.
<b>D30</b>	Usar luvas e máscaras no manuseio.

<b>D31</b>	Fazer o diagnóstico de cada item individualmente com o uso da “Ficha Diagnóstico de Conservação”.
<b>D32</b>	Arquivar documentos como recortes de jornais, fotografias e cartões postais em caixas de arquivos forradas com o papel alcalino e os itens separados por folhas de acetato. A identificação deve estar fixada às folhas de acetado.
<b>D33</b>	Criar programas de educação de usuários quanto ao uso e preservação do acervo.
<b>D34</b>	Não realizar empréstimos domiciliares.
<b>D35</b>	Não permitir a realizações de xerocopias.
<b>D36</b>	Permitir solicitação de 10% do total de páginas.
<b>D37</b>	Criar rotinas para higienização e desinsetização.
<b>D38</b>	Garantir disponibilidade e acessibilidade.
<b>D39</b>	Garantir difusão da coleção por meio do catálogo, grupos de trabalho e páginas da biblioteca.
<b>REAVALIAÇÃO DA COLEÇÃO</b>	
<b>D1</b>	Avaliar, periodicamente ou sempre que for solicitado pela direção da unidade, a coleção no sentido de adequá-la aos interesses da instituição e da biblioteca por meio de seleções.
<b>D2</b>	Criar critérios de seleção, aquisição, desbastamento e descarte.
<b>D3</b>	Definir prazos para reavaliar as formas de acessos sempre que determinada obra apresentar maior fragilidade.

Assim, com essas diretrizes pretende-se nortear a elaboração da Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais da Biblioteca da Faculdade de Farmácia da UFRJ.

#### 4 A VALORAÇÃO DA MEMÓRIA DOCUMENTAL

Os livros são de grande ponderação para a memória que pauta-se na construção paradigmática do pensamento social e histórico, que mostra avanços sociais e das ciências e as rupturas com padrões. Eles permitem a retomada a informações utilizadas em outras épocas e proporcionam a valorização de conhecimentos anteriores como base para o progresso da área, de forma que se entenda a cadeia evolutiva de pensamentos, que se evitem retrabalhos e repetições de erros.

A área farmacêutica, como todas as áreas do campo das ciências da saúde passaram por um grande processo de desenvolvimento no século XX e nessas primeiras décadas do século XXI. As grades curriculares dos cursos foram se adaptando conforme as evoluções nas áreas. Porém, no âmbito da biblioteca da Faculdade de Farmácia, percebe-se a importância da permanência da Coleção Oswaldo de Almeida Costa por já terem sido constatados títulos da Coleção Especial em referências de livros de uso corrente e na busca por exemplares da primeira edição da Farmacopeia Brasileira<sup>13</sup> (publicada em 1926).

Os livros carregam o prestígio de portar a memória, eles permitem observar o passado resgatando informações para a clareza de processos, fortalecendo caminhos para se alcançar a sabedoria. Rossi (2010, p. 15-16) considera o saber desenvolvido anteriormente com seu entendimento sobre memória como alguma coisa que, “remete à capacidade de recuperar algo que se possuía antes e que foi esquecido.”

A valoração cultural é o eixo central para que um grupo possa iniciar um processo de determinação da qualidade ou do valor de alguma coisa porque é dela que surgem outras ramificações distintas. Para Fernanda Bastida e Margarita Vargas (2012, p. 24, tradução do autor) “o exercício de valoração cultural ou de avaliação de significância cultural é um conjunto de passos que busca atribuir um conjunto de valores a um

---

<sup>13</sup> Conforme definido no site da Anvisa, Farmacopeia Brasileira é o Código Oficial Farmacêutico do País, onde se estabelecem, dentre outras coisas, os requisitos mínimos de qualidade para fármacos, insumos, drogas vegetais, medicamentos e produtos para a saúde. Tem por finalidade promover a saúde da população, estabelecendo requisitos de qualidade e segurança dos insumos, especialmente dos medicamentos, apoiando as ações de regulação sanitária e induzindo ao desenvolvimento científico e tecnológico nacional. <http://www.ibes.med.br/voce-sabe-o-que-e-farmacopeia-brasileira/>

determinado bem ou manifestação.” E para isso, volta-se a análise de Fernanda Bastida e Margarita Vargas (2012, p. 23-24) onde afirmam que,

deve-se entender que a partir do momento em que uma sociedade atribui qualidades a um conjunto de objetos ou manifestações, está realizando um exercício de valoração de seus valores, classificando e determinando o que é considerado importante, sob critérios de valor que o diferenciam de outros bens. (FERNANDA BASTIDA E MARGARITA VARGAS, 2012, p. 23-24, TRADUÇÃO NOSSA).

Cabe a cada instituição definir seus padrões de valoração de acordo com seus cenários internos e externos. Aqui, será reconhecida uma das responsabilidades básicas de Peter Van Mensch (1992), citada por Fernanda Bastidas e Margarita Vargas (2012, p. 17) como responsabilidade da biblioteca: “2. Responsabilidad hacia la preservación del valor de la información (incluyendo los valores estéticos y emocionales) del objeto y la accesibilidad tanto física como intelectual.”

Além disso, busca-se idealizar o cenário da coleção pela ilustração fornecida pelo Ministério da Cultura da Colômbia, onde mostra a estrutura da valoração balizada em três (3) eixos: objeto; sujeito; e contexto. Como mostra a figura abaixo:

Figura 21: A valoração do bem cultural (tradução do autor)



Fonte: Ministério da Cultura (Colômbia). 2005, p. 38.



Com essa visão é possível margear o processo de valoração que pode se estender ao infinito se não houver limitadores, e assim, construir a significação do material que poderá abrir caminho para sua proteção e salvaguarda.

A biblioteca da FF dá suporte informacional a um grupo específico dentro das ciências, e deve conter materiais abrangentes próprios dessa ciência de forma que se possibilite a realização de estudos historiográficos e de desenvolvimento da área. Para melhor compreensão dessa necessidade de acúmulo de registros desse processo evolutivo, entende-se, que segundo Kuhn (2017, p. 60),

Se a ciência é a reunião de fatos, teorias e métodos reunidos nos textos atuais, então os cientistas são homens que, com ou sem sucesso, empenharam-se em contribuir com um ou outro elemento para essa constelação específica. O desenvolvimento torna-se o processo gradativo através do qual esses itens foram adicionados, isoladamente ou em combinação, ao estoque sempre crescente que constitui o conhecimento e a técnica específicos. E a história da ciência torna-se a disciplina que registra tanto esses aumentos sucessivos como os obstáculos que inibiram sua acumulação. (KUHN, 2017, p. 60).

O descarte de material de forma imprudente pode gerar perdas de elementos formadores de crenças antes empossados pelo grupo. Perdas essas, que podem gerar brechas na história da ciência ao invés de servir como base para alguma nova prática da área. Diante disso, surge a ideia de analisar a coleção e dar valores que justifiquem a sua permanência no acervo da Biblioteca da Faculdade de Farmácia.

Além da questão científica, esse material carrega um peso sociocultural de caráter público por pertencer a uma biblioteca universitária de instituição pública. Conservar esse material abarca assegurar o prolongamento de sua existência num contexto muito mais amplo. Todas as intervenções podem afetar o objeto tanto na dimensão física, científica quanto social.

Avrami, Mason e De La Torre (2000) trazem a reflexão sobre o valor sociocultural, em que

os valores socioculturais estão no núcleo tradicional de valores de conservação anexado a um objeto, construção ou local porque tem significado para pessoas ou grupos sociais devido a sua idade, beleza, arte ou associação com uma pessoa ou evento ou (caso contrário) contribui para processos de afiliação cultural. (AVRAMI, MASON e DE LA TORRE, 2000).

A questão sociocultural ajuda a delimitar a identidade tanto histórica quanto científica do grupo de usuários da biblioteca. É através desse contexto que se encaixam as peças do quebra-cabeça que contam parte da história da formação do acervo da biblioteca da Faculdade de Farmácia.

O ministério da Cultura da Colômbia apresenta uma definição bem completa do que se refere ao patrimônio cultural e essa articulação de ideias ajudam a identificar o material bibliográfico como patrimônio cultural como cita Ministerio de Cultura (2010, p. 17) Apud Fernanda Bastida e Margarita Vargas (2012, p. 22):

está constituido por todos los bienes materiales, las manifestaciones inmateriales, los productos y las representaciones de la cultura que son expresión de la nacionalidad colombiana, tales como la lengua castellana, las lenguas y dialectos de las comunidades indígenas, negras y creoles, la tradición, el conocimiento ancestral, el paisaje cultural, las costumbres y los hábitos, así como los bienes materiales de naturaleza mueble e inmueble a los que se les atribuye, entre otros, especial interés histórico, artístico, científico, estético o simbólico en ámbitos como el plástico, arquitectónico, urbano, arqueológico, lingüístico, sonoro, musical, audiovisual, fílmico, testimonial, documental, literario, bibliográfico, museológico o antropológico. (MINISTERIO DE CULTURA, 2010, p. 17 Apud FERNANDA BASTIDA, MARGARITA VARGAS, 2012, p. 22)

Desta forma e dentro do ambiente universitário, é possível pensar na ciência como um processo de construção e desconstrução que se desenvolve pela quebra de alguns paradigmas e pela evolução de outros, e o próprio desenvolvimento da ciência cria e carrega a identidade de um grupo específico dentro de um cenário. Contudo, entende-se que tão importante quanto os registros desses progressos é a preservação das etapas anteriores, como relata Kuhn (2017, p. 66-67) quando afirma que

Regularmente e de maneira apropriada, a invenção de novas teorias evoca a mesma resposta por parte de alguns especialistas que veem a sua área de competência infringida por essas teorias. Para esses homens, a nova teoria implica uma mudança nas regras que governam a prática anterior da ciência normal. Por isso, a nova teoria repercute inevitavelmente sobre muitos trabalhos científicos já concluídos com sucesso. É por isso que uma nova teoria, por mais particular que seja seu âmbito de aplicação, nunca ou quase nunca é um mero incremento ao que já é conhecido. Sua assimilação requer a reconstrução da teoria

precedente e a reavaliação dos fatos anteriores. Esse processo intrinsecamente revolucionário raramente é completado por um único homem e nunca de um dia para o outro. (KUHN, 2017, p. 66-67).

Todo esse conhecimento acumulado com o passar dos anos exige uma preocupação com sua guarda, organização e facilidade de acesso. Nesse caso, a coleção do prof. Oswaldo pertence à biblioteca da Faculdade de Farmácia, que faz parte da Universidade Federal do Rio de Janeiro, berço de pesquisas, estudos, discussões e desenvolvimento da ciência farmacêutica e, anteriormente, foi adquirido, organizado e utilizado tanto profissionalmente, como academicamente por uma pessoa de renome desse campo científico. Acrescenta-se que a biblioteca universitária é mais do que uma fornecedora de bibliografia básica e complementar da grade acadêmica. Ela precisa de regulamentos e políticas para a formação e desenvolvimento de coleções, que vão além dessa listagem rígida de bibliografias. A biblioteca universitária é um local de memória científica.

Uma biblioteca pode ser considerada um lugar de memória, na concepção de Pierre Nora<sup>14</sup>. Essa afirmação é particularmente importante diante da necessidade de preservar o patrimônio bibliográfico que não tem mais uso corrente nos dias atuais, mas que é portador de registros que mostram os avanços do conhecimento em determinada área, representam um saber da comunidade farmacêutica, em certo período histórico.

Cabe às bibliotecas estimular a vontade de não querer esquecer os conhecimentos “mortos” que permanecem registrados em forma de dados para que seja possível recordá-los quando necessário. “A memória sem dúvida tem algo a ver não só com o passado, mas também, com a identidade e, assim (indiretamente), com a própria persistência no futuro.” (ROSSI, 2010, p. 24).

Assim, a área científica se alimenta de novas informações e se modifica continuamente. Contudo, percebe-se a necessidade de valorizar o crescimento do saber científico e evitar o esquecimento das descobertas anteriores, visto que, “o “apagar” não tem a ver só com a possibilidade de rever a transitoriedade, o crescimento, a inserção de verdades parciais em teorias mais articuladas e mais amplas. Apagar também tem a ver

---

<sup>14</sup> “Pierre Nora desenvolve no seu já clássico texto *Entre memória e história* – a problemática dos lugares: a afirmativa de que não existe mais memória, que esta só é revivida e ritualizada numa tentativa de identificação por parte dos indivíduos e que a sociedade utiliza-se hoje da história para lhe conferir lugares onde pode pensar que não somos feitos de esquecimentos, mas, de lembranças”. (ARÉVALO). “Os Lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora.” (NORA, 1993).

com esconder, ocultar, despistar, confundir os vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade.” (ROSSI, 2010, p. 32).

A biblioteca particular de Oswaldo de Almeida Costa foi doada na década de 1990, e pouco se sabe sobre as reais motivações e circunstâncias em que a biblioteca recebeu esse material. Dessa falta de informações escritas ou verbais sobre a incorporação desse material à coleção geral da biblioteca, surge a necessidade de criação de uma política de formação e desenvolvimento de coleções especiais com o intuito de padronizar novas absorções através de métodos práticos e eficientes. Além do que, através dessa política, como ferramenta de geração e preservação de dados, novas informações relevantes poderão servir em processos decisórios sobre as coleções especiais que venham a ser incorporadas futuramente.

Diante desse cenário, busca-se valorar a coleção com o intuito de assegurar seu tempo de vida útil um pouco mais extenso. Com base no documento disponível no Instituto Getty de Conservação, entende-se a valoração como ferramenta importante para tomadas de decisões com relação ao patrimônio, como afirmam, Avrami, Mason e De La Torre (2000):

Avaliação dos valores atribuídos ao patrimônio [é] uma atividade muito importante. Em qualquer esforço de conservação, uma vez que valores moldam fortemente decisões que são feitas... Mesmo que os valores sejam amplamente entendidos como críticos para a compreensão e planejando a conservação do patrimônio, há pouco conhecimento sobre[.] De forma pragmática, [em] toda gama de herança[,] os valores podem ser avaliados no contexto do planejamento e tomando decisão. (AVRAMI; MASON; DE LA TORRE, 2000).

Ao pretender avaliar valores, entende-se a ideia de se conservar a herança baseada nas qualidades que ela representa para sua comunidade. Para mais, tais valores carregam a flexibilidade de mudança ao longo do tempo e são adaptados de acordo com as circunstâncias e por vezes podem estar em conflito ou formarem uma complexidade em torno do objeto avaliado. (AVRAMI; MASON; DE LA TORRE, 2000).

Este capítulo traz os valores patrimoniais como parte do planejamento de conservação da coleção especial como ferramenta para a construção de uma Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções especiais. Por fim, valorizar esses documentos permitirá estimular a circulação e interpolação de ideias, além de evitar que a coleção seja eliminada da história da Faculdade de Farmácia devido ao pouco

interesse pelo material. Para além disso, defini-se o efetivo papel da biblioteca universitária como instituição de memória científica, com a intenção de justificar a autonomia da biblioteca sobre a gestão de suas coleções por meio de políticas bem estruturadas.

#### 4.1 OS VALORES DA COLEÇÃO OSWALDO DE ALMEIDA COSTA E A IMPORTÂNCIA DO ACERVO RETROSPECTIVO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

O acervo nas bibliotecas universitárias, normalmente, é atualizado e bem direcionado ao conteúdo das disciplinas ofertadas pela unidade. Por outro lado, ele deve ser o berço das referências para a comunidade de pesquisadores e docentes, o que justifica a necessidade de se manter o acervo retrospectivo da área.

As bibliotecas universitárias devem desenvolver suas coleções de forma balanceada, planejada e estruturada para atingir os objetivos da sua comunidade. As estratégias de ação, como por exemplo conhecimento do seu acervo, tornam os processos mais rápidos e eficientes, além de ajudarem nas decisões e negociações por espaço físico, armazenamento adequado e manutenção dos materiais.

A biblioteca universitária jamais será uma Biblioteca de Babel<sup>15</sup>, e nem é a intenção porque atende a um público muito específico, mas pode construir um grande potencial informacional especializado que espelha a história de seus usuários dentro da área.

A universidade é um local que produz ciência, produz modelos e métodos legítimos como produtos de pesquisas, e manter os paradigmas compartilhados configura-se em manter vivos regras e padrões praticados pelo grupo e assegurar a continuação do campo científico. Essa ideia se completa com a afirmação de Kuhn (2017, p. 71):

“ciência natural” significa a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior. Embora raramente em sua forma original, hoje em dia essas realizações são relatadas pelos manuais científicos elementares e avançados. Tais livros expõem o corpo de teoria

---

<sup>15</sup> Conto escrito em 1941, antes da Internet, que fala de uma biblioteca tão grande que na ficção seria entendida como infinita, com livros dos mais diversos assuntos e línguas, com todas as informações do mundo registradas, mas que os usuários não encontravam seu real significado. (BORGES, 1999).

aceita, ilustram muitas (ou todas) das suas aplicações bem-sucedidas e comparam essas aplicações com observações e experiências exemplares. (KUHN, 2017, p.71).

Assim, a herança de bibliotecas particulares de especialistas de determinada área que fizeram parte do corpo social da instituição permite o acúmulo de informações ricas que devem estar à disposição para uso da comunidade.

Adiante serão apresentados os valores de Riegl e Lacerda com o apoio de outros pesquisadores da área e em seguida serão atribuídos os primeiros valores à biblioteca particular de Oswaldo de Almeida Costa.

#### **4.1.1 Os valores de Riegl e Lacerda**

Falar de valoração implica-se em citar Riegl (1858-1905), Austríaco, historiador da arte pertencente à Escola de Viena de História e Arte, “foi um dos primeiros a tentar esclarecer e classificar valores patrimoniais” (DE LA TORRE, 2013, p. 158, tradução do autor).

Para além desse grande nome, aparece a Carta de Burra<sup>16</sup> publicada em 1980 pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – ICOMOS, que se mostra como uma ferramenta para auxiliar na significação cultural através da valoração estética, histórica, científica ou social de um bem para gerações passadas, presentes e futuras. (ICOMOS, 1999).

Lacerda, professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, apresenta a questão da conservação pela valoração patrimonial dentro do cenário brasileiro, mais especificamente, na região nordeste.

---

<sup>16</sup> Carta de Burra (Carta Patrimonial de 1980), “baseada nos conhecimentos dos membros do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), segue linhas de orientação e conservação e gestão de sítios com significado cultural. Escrita na Austrália, ela reconhece a necessidade de envolver pessoas nos processos de formação das decisões.  
Descrição disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/cotidiano/cartas-patrimoniais/61157>

Riegl e Lacerda configuram-se em importantes referências no campo da valoração de bens. A Biblioteca particular de Oswaldo de Almeida Costa compõe-se em parte por livros do início do século XX, de grande qualidade informacional que formam um conjunto de bens relevantes para área farmacêutica. O apoio informacional desses dois autores garante a formação de conhecimentos para a valoração adequada da coleção nesse primeiro momento de valoração de coleções particulares da biblioteca da Faculdade de Farmácia. Ademais, serão apresentados diálogos com outros autores sobre o tema em questão.

Antes de serem dados os valores, cabe entender que os mesmos são atribuídos aos bens e que de forma alguma tem relações intrínsecas com o item. Isso fica bem claro nas palavras de De La Torre (2013, p. 159, tradução do autor) quando afirma que: “A característica mais importante dos valores patrimoniais é que eles são sempre atribuídos, nunca inerentes. Os lugares têm características inatas, como material, tamanho, cor, ou idade, mas não têm significado cultural.” Assim, a valoração depende de uma particularidade tanto histórica quanto cultural. Além do mais, partilha-se da ideia da autora quando ela afirma que os bens possuem um público estratégico, uma parte interessada no bem em questão, nomeados como stakeholders; que existem múltiplos valores e que podem sofrer mutações e conflitam entre si de acordo com cada momento ou com cada público; e que os valores culturais não podem ser medidos como outra grandeza qualquer ou monetariamente.

Riegl (2006, p. 30) traz de forma direta a ideia de evolução e desenvolvimento que está ligada ao “contexto histórico material” e às “transformações, “metamorfozes” nas concepções de mundo, produtos lógicos de concepções anteriores, [que age com características] contínuas e progressivas.”

O mesmo autor divide essa temática em valores monumentais, valores de rememoração e valores de contemporaneidade, e deixa claro que “os valores de contemporaneidade, opõem-se aos valores do passado ou valores de rememoração”. (RIEGL, 2006, p. 69). Nesse estudo, não serão explorados os valores monumentais.

Assim, Riegl (2006) relaciona os valores referentes aos monumentos e esse trabalho busca beber desse conhecimento para atribuir valores consideráveis à coleção em questão, e, assim, dar maior importância ao conjunto de livros.

Ele classifica diferentes valores, como, de antiguidade, de arte, de novidade e de contemporaneidade em grandes classes e oferece subdivisões. Sua estrutura de valores está organizada da seguinte maneira: classe de valores de rememoração que se subdivide em valor antiguidade, valor histórico e valor de rememoração intencional; e classe de valores de contemporaneidade que se reparte em valor de uso e valor de arte, e o valor de arte ainda se separa em valor de arte relativa e valor de novidade.

Assim, esse subcapítulo tem suas bases nos conceitos de Riegl e Lacerda e conta com o apoio teórico de outros autores de grande importância para a área de valoração. Segue abaixo, em forma de classes subordinadas, as estruturas de Riegl utilizadas aqui:

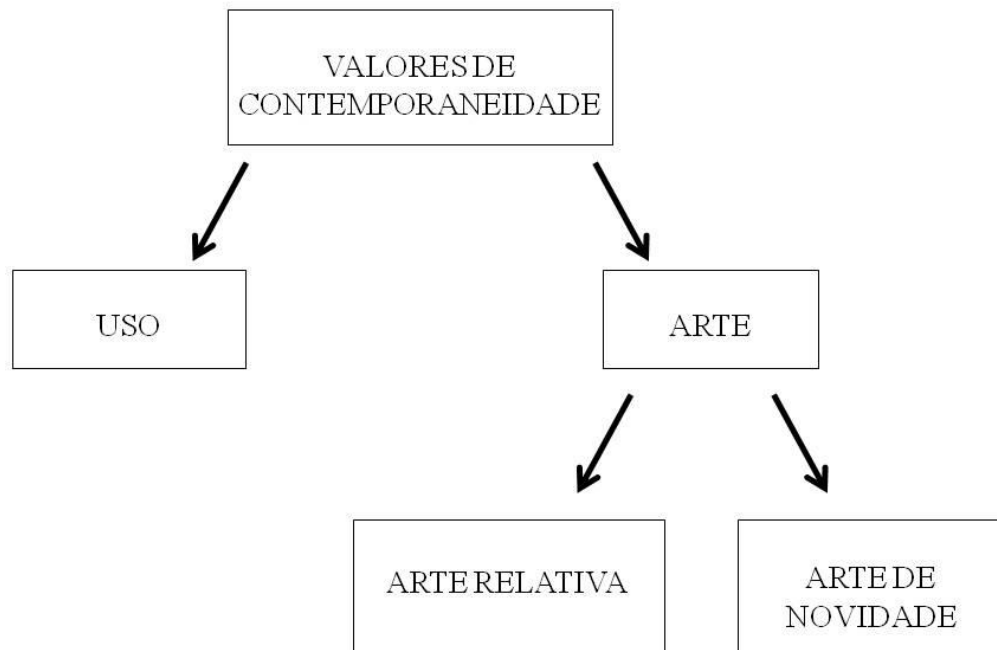
FIGURA 22: Classe de valores de rememoração:



FONTE: O autor



FIGURA 23: Classe de Valores de contemporaneidade:



FONTE: O autor

O valor de antiguidade para Riegl (2006, p. 69-70) “manifesta-se, à primeira vista, pelo seu aspecto não moderno”, [...] residente “na imperfeição das obras, em sua falta de integridade, na tendência à dissolução das formas e cores.” Esse conceito pode ser visto nos materiais analisados nessa pesquisa devido ao estado frágil dos itens.

O valor histórico tem base nas questões científicas e garante a tomada de consciência no que se refere ao desenvolvimento dos conhecimentos e justifica a intervenção para a conservação. (RIEGL, 2006). Quando se observa o material bibliográfico especializado dentro de uma biblioteca universitária federal, consegue-se entender que tais obras cobrem um conteúdo científico de determinada época.

O valor de rememoração intencional, garante, a partir de um desejo, o valor de algo que tinha importância no passado e que sofreu uma transição para o sentido de valores atuais. Tal valor permite a preservação do objeto para garantir sua existência. (RIEGL,

2006, p. 85-86). O valor tratado nesse parágrafo é estimulado pelo sentimento de se preservar uma memória científica que, atualmente, é de difícil acesso tanto dentro quanto fora da instituição.

Os valores de contemporaneidade permitem os sintomas de degradação e dividem-se em: valor de uso; valor de arte; valor de novidade; e valor de arte relativo.

O valor de uso garante a manutenção constante do objeto por estar relacionado com o interesse por sua utilização, combatendo, assim, sua degradação. Nesse caso, “o respeito aos valores físicos é incontestavelmente mais importante que o valor de antiguidade.” (RIEGL, 2006, p. 93). Visto que, por se tratar de documentos científicos, os seus conteúdos têm peso maior do que suas características físicas.

O valor de uso é tratado por Avrami, Mason e De La Torre ([2000]) como valor de mercado e valor de uso do patrimônio material por meio de bens e serviços gerados pelo objeto. O que sugere que esse tipo de valor deve atender às necessidades materiais do indivíduo.

O valor de arte relativo “satisfaz nossa vontade artística moderna por certas qualidades ligadas à sua concepção, sua forma e sua cor, ele suscita necessariamente o desejo de não deixar diminuir essa significação”. (RIEGL, 2006, p. 110). Esse valor é notado quando algo antigo consegue permanecer como sensibilizador do homem moderno. Esse patrimônio antigo pode sensibilizar uma pessoa por suas atribuições iniciais ou ganhar novos significados que garantem o interesse de determinado grupo.

O valor de novidade surge como oposição do valor de antiguidade. Ele está enraizado no espírito das massas populares e se caracteriza pelo que é belo, novo e intacto, e configura-se nítido o seu pertencimento ao presente. (RIEGL, 2006, p. 97/99). Esse valor vem para suprir as necessidades do espírito, segundo o autor.

Lacerda aborda os valores de antiguidade, valor artístico, valor histórico, valor cultural, valor simbólico, valor cognitivo, valor econômico, valor de opção e valor de existência. Sua abordagem de valores apresenta-se de forma coordenada, sem níveis de subclasses.

Para Riegl e Lacerda o valor de antiguidade “manifesta-se pelo aspecto não moderno”, indo à oposição dos aspectos contemporâneos e sendo caracterizado por deformações nas obras e degradações pela ação do tempo. (LACERDA, 2012,p. 45).

Esse valor surge do contraste e da diferença com o que é novo. Para além disso, Riegl deixa claro que esse valor é de fácil percepção e que pode ser identificado pela “massa”, pessoas não especializadas.

Lacerda (2012, p. 46) define valor artístico como algo que “refere-se a uma determinada apreciação estética”. Para Riegl (1984) o valor de arte é relativo e pode sofrer variações de acordo com o ponto de vista de quem o adota. E Avrami, Mason e De La Torre ([2000]) consolidam a ideia de que “O valor estético é amplamente aceito como uma categoria de valor sociocultural, embora se refira a uma ampla gama de qualidades. No essencial, a estética refere-se às qualidades visuais do património.”

A “vontade artística tende a significar a unidade de produção de arte de uma dada época [...] com subjetividade inconsciente, reconstruída na objetividade de um tempo.” (RIEGL, 2006, p. 32-33).

Lacerda (2012, p. 47) cita Riegl ao tratar do valor histórico.

O valor histórico de um bem importa enquanto revelação de uma época, de seus modos de vida, do tempo decorrido desde sua edificação, já que representa etapas particularmente marcantes de evolução das atividades humanas, mas cuja atribuição de valor, segundo Riegl, é determinada por nossas preferências atuais. Isso significa reconhecer a sua existência enquanto criação singular de uma dada sociedade, em uma determinada época, sem perder a perspectiva das gerações futuras. (LACERDA, 2012, p. 47).

Assim, “o valor histórico remete àquilo que foi e não é mais, aquilo que jamais pode ser reproduzido. Diz respeito, obrigatoriamente, ao passado, culturalmente construído.” E “se o passado é culturalmente construído, o valor histórico, por si só, está impregnado de valor cultural na medida em que reforça a identidade social.” (LACERDA, 2012, p. 47).

No documento do Instituto Getty de Conservação escrito por Avrami, Mason e De La Torre ([2000]), o conceito Valor Simbólico é identificado também como Valor Cultural, e tratam história e património como partes fundamentais para todas as culturas. O conceito de património cultural surgiu no século XVIII, no período da Revolução Francesa e veio passando por avanços conceituais até o momento, como mostra Cuetos (2011, p. 22-23 Apud Fernanda Bastidas e Margarita Vargas (2012, p. 18-19):

O conceito moderno de património cultural é uma construção social e dinâmica que teve uma importante evolução desde o século XVIII

com a Revolução Francesa, quando os Estados emergiram e proclamaram os direitos fundamentais do homem. A partir deste momento, as nações nasceram como identidade, patrimônio, público e privado, nação, Estado, território, entre outros, que assumiram implicações para a proteção dos direitos humanos. Para o século XVIII, o que emergiu como uma ideia de patrimônio, foram os monumentos históricos e no século XIX os monumentos nacionais, que tinham uma predominância do valor histórico sobre o artístico, e sua função era mostrar uma identidade nacional do povo, que começaram a ser ameaçados pelo crescimento das cidades e pela industrialização. (CUETOS, 2011, p. 22-23 Apud FERNANDA BASTIDAS e MARGARITA VARGAS (2012, p. 18-19)

Através desses pensamentos iniciais sobre o patrimônio cultural apareceram as primeiras ações de proteção e conservação do bem e da identidade de grupos sociais. Atualmente, o conceito de patrimônio cultural ultrapassa a questão da materialidade.

Lacerda (2012, p. 48) refere-se ao valor cultural como algo que envolve questões históricas de um determinado grupo social e que se relaciona com o valor simbólico que gira no campo das ideias, que dá significados além do material e que representa características não vistas sem conhecimento específico. Tem em sua essência transferir informações através de símbolos.

Esse valor é identificado pelo Instituto Getty de Conservação como valor sociocultural, como mostram as palavras de Avrami, Mason e De La Torre (2000):

Os valores socioculturais estão no núcleo tradicional de valores de conservação anexado a um objeto, construção ou local porque tem significado para pessoas ou grupos sociais devido a sua idade, beleza, arte ou associação com uma pessoa ou evento ou (caso contrário) contribui para processos de afiliação cultural. (AVRAMI; MASON; DE LA TORRE, 2000).

O valor cognitivo enraíza-se na capacidade de identificar os valores, “transitar pelo passado e nele reconhecer os valores dos seus habitantes.” (LACERDA, 2012, p. 49). Esse valor está relacionado ao conhecimento que é representado pelos patrimônios, o patrimônio como transmissor de conhecimento. Mesmo com toda importância do valor cognitivo e apesar de ele estar indiretamente presente na hora da análise do material, ele não é considerado como valor essencial para livros porque o material bibliográfico carrega em si a informação contida no que está escrito ou representado em sua forma de maneira explícita. O principal valor do material que carrega informação escrita está no conteúdo registrado no texto. Isso dentro do contexto da biblioteca universitária, berço do desenvolvimento científico.

O valor econômico “está sempre associado ao valor de uso” e está relacionado ao “potencial do bem enquanto fonte de crescimento econômico.” Quanto mais demanda o bem tiver, maior será seu valor econômico. (LACERDA, 2012, p. 49).

Esse valor carregar a complexidade de exigir que seja avaliado por pares ou por uma comissão específica para que o resultado da análise seja legítimo, como esclarem Avrami, Mason e De La Torre ([2000]):

De acordo com a neoclássica teoria econômica, valores econômicos são os valores vistos principalmente através da lente do consumidor individual e escolha firme (utilidade) e são mais frequentemente expressas em termos de preço.

No entanto, nem todos os valores econômicos são medidos em termos de preços de mercado. Valores econômicos decorrentes da conservação do patrimônio são muitas vezes, por definição, entendidos como sendo uma decisão coletiva pública em vez de individual, decisões de mercado – e, portanto, não são capturados por medidas de preços de mercado. (AVRAMI; MASON; DE LA TORRE, [2000]).

Lacerda (2012, p. 51) aponta o valor de opção como valor futuro que está ligado diretamente à opção de escolha. Ele permite a flexibilização na valoração dando a grupos futuros a opção de reavaliarem o bem e redefinirem seus valores.

Quando se fala de valor de opção aproxima-se da ideia de que é um valor dado por consumidores potenciais que são capazes de valorar um elemento e definir se esse patrimônio pode ou não ser considerado como bem ou serviço que merece ser preservado para possível utilização no futuro, e assim assegurar a opção de escolha desse material como fonte de informação.

Por fim, Lacerda (2012, p. 51) traz o valor de existência, ainda muito embrionário visto que surgiu na década de 1970, em que estabelece uma importância aos bens ou seres vivos apenas por existirem, firmado no direito de singularidade e irreversibilidade, em que não se cobra que o bem precise ou não ser usado. Ele está mais ligado a moral, cultura, ética e altruísmo. “O que se valoriza é a sua existência, um valor claramente não relacionado com o uso no sentido prático, muito embora ele possa ser complementar ao valor de uso.” (LACERDA, 2012. p. 51).

Por outro lado, Poulot fala da desconstrução das representações de identidade convencionadas a determinado patrimônio e na dedicação às novas configurações de seu estatuto e suas recontextualizações, sobre as desvalorizações e as deslegitimações do

patrimônio. Desta forma, valorar a coleção Oswaldo de Almeida Costa sugerirá novas recontextualizações.

Desse modo, através da contribuição desses autores, foram selecionados valores para serem imputados ao material analisado e através dessa percepção resumir essas ferramentas de valoração de modo a iluminar o processo de identificação e análise dos valores da Biblioteca particular de Oswaldo de Almeida Costa, garantindo assim, um juízo crítico sobre o material.

#### **4.1.2 Os valores da Biblioteca de Oswaldo de Almeida Costa**

O valor de um patrimônio se dá por suas qualidades intrínsecas como registro de um testemunho que pode comprovar a existência de uma determinada realidade anteriormente experimentada, como algo autoevidente, e em seguida recebe atribuições históricas, científicas, artísticas, entre outras. Nesse primeiro estudo, não serão esgotados todos os valores da literatura na coleção. Serão selecionados o que se entende como essencial nesse primeiro passo da valoração e com avanços nos estudos, outros valores ganharão espaço no cenário em que se encontram as obras. Para se ter uma investigação que se esgote toda metodologia da valoração, é necessária a presença de uma comissão multidisciplinar e com especialistas da área farmacêutica. Aqui se encontra a primeira etapa de valoração realizada por uma bibliotecária. Entende-se que não há uma quantidade adequada de valores que devem ser atribuídos num processo de valoração porque são percebidas variações nas valorações devido às características particulares de cada objeto.

Diante das interpretações de valores de Lacerda e Riegl e tendo como objeto de estudo a biblioteca particular de Oswaldo de Almeida Costa doada à Faculdade de Farmácia da UFRJ, na década de 1990, foram identificados valores, como: valor de antiguidade; valor histórico; valor de arte relativo; e valor de uso, como principais valores identificados nesse primeiro momento de valoração desse material. É notório que esse material carrega outros valores, mas os abordados como indispensáveis nesse cenário são esses quatro. Assim, perpassa-se pelos três grandes valores citados pelo Ministério da Colômbia em Fernanda Bastidas e Margarita Vargas (2012, p. 45), “valor estético, valor histórico [e] valor simbólico”.

O primeiro valor identificado foi o valor de antiguidade, visto que, a coleção possui características tanto de conteúdo quanto de forma referentes ao início e meio do século XX. Suas obras datam a partir de 1901 e o estado fragilizado das obras não permite livre manuseio, e assim, o fator estético remete a esse valor. As obras não são consideradas obras antigas por não atenderem aos critérios apontados pela literatura, mas ao mesmo tempo não possuem características de encadernações contemporâneas. Elas apresentam características estéticas particulares de impressões que não se acham no comércio editorial atual.

Esse valor é identificado com facilidade ao observar o estado de fragilidade das obras, como mostram as figuras abaixo.

A primeira figura mostra o total de livros que ainda pertencem à biblioteca da Faculdade de Farmácia. Aqui não se encontram os periódicos.

Figura 24: Livros da área farmacêutica. Biblioteca particular Professor Oswaldo de Almeida Costa.



Fonte: O autor.

A segunda imagem mostra um livro que ilustra a ideia de estética pertencente ao século XX e o estado de degradação da capa.

Figura 25: modelo de capa encontrado na coleção/estado de fragilidade do material.



Fonte: O autor.

A terceira figura elucida como as obras foram tratadas sem técnicas de conservação adequada.

Figura 26: Falta de técnica de conservação adequada.



Fonte: O autor.



A quarta figura apresenta o mau estado de conservação das obras.

Figura 27: Estado de conservação



Fonte: O autor.

A quinta figura apresenta o mau estado de conservação dos itens, o os tipos de encadernação e a falta de identificação das obras o que dificulta a sua recuperação.

Figura 28: Estado de conservação / tipo de encadernação / falta de identificação.



Fonte: O autor.

Em um segundo momento, tal biblioteca particular manifesta o valor histórico por ter constituído o primeiro acervo relevante da biblioteca da Faculdade de Farmácia da UFRJ, na década de 1990, e por retratar o valor de conteúdo por ter sido organizada por um especialista da área e por ter sido utilizada como material de pesquisa e de apoio tanto por parte do professor catedrático como por parte da comunidade docente e discente da Faculdade de Farmácia. Esse valor garante a intervenção humana com o intuito de preservar e conservar o material, retardando sua decomposição. Para Fernanda Bastidas e Margarita Vargas (2012, p. 46), o valor histórico tem grande peso para a preservação do conhecimento científico, técnico e artístico.

Além disso, indica-se o valor de arte por ter características estéticas diferentes das obras atuais. Logo, seguindo o conceito de Riegl, em que não há um valor artístico absoluto, opta-se pela expressão de valor artístico relativo. Dado que, esse valor varia de acordo com a percepção humana diante do objeto em questão e do tempo em que está sendo discutida a questão de valoração. Nesse contexto, valoriza-se o tipo de encadernação para que se busquem métodos de conservação menos danosos para as obras e que se leve em conta as características físicas dando um valor a materialidade desses documentos.

Avrami, Mason e De La Torre (2000) sustentam a ideia de que existe uma classe para valores políticos, mas ao mesmo tempo afirmam que “todos os valores atribuídos ao patrimônio são, de fato, políticos, na medida em que fazem parte de lutas de poder e exercícios que determinam o destino do bem. Os valores ocupam o centro do palco quando se trata de decisões – a política – sobre a conservação do patrimônio.”

Por fim, evidencia-se o valor de uso porque, até os dias correntes, mesmo não sendo utilizada como uma fonte de informação atual e com características efetivas referentes aos avanços da área, a coleção pode ser utilizada como apoio em pesquisas de revisão sistemática, em pesquisas que tracem o desenvolvimento da área farmacêutica e em pesquisas comparativas. Com isso, destaca-se o valor de uso prático devido ao seu conteúdo teórico científico passivo de investigação.

Para além da determinação desses valores, está a definição de qual valor tem um peso maior dentro do cenário de indagação. Torna-se relevante a hierarquização desses valores para que não se tenha dúvidas sobre a importância da coleção especial. Vale

ressaltar que o modelo de hierarquização estabelecido aqui leva em consideração o objeto, o colecionador inicial, o processo de institucionalização e o ambiente de uma biblioteca setorial especializada dentro de uma universidade federal.

Para essas obras, o valor histórico ganha peso maior do que os valores de antiguidade, de arte e de uso porque ele repousa sobre o fundamento científico e a coleção faz parte dos recursos informacionais de uma biblioteca universitária, berço de dados compilados da área farmacêutica.

O valor histórico envolve a proporção e o detalhamento como a ciência farmacêutica vem se desenvolvendo com o passar dos anos, e se fundamenta nas palavras de Kuhn (2017, p. 115) que afirma que:

A investigação histórica cuidadosa e de determinada especialidade num determinado momento revela um conjunto de ilustrações recorrentes e quase padronizadas de diferentes teorias nas suas aplicações conceituais, instrumentais e na observação. Essas são os paradigmas da comunidade, revelados nos seus manuais, conferências e exercícios de laboratório. Ao estudá-los e utilizá-los na prática, os membros da comunidade considerada aprendem seu ofício. Não há dúvida de que além disso, o historiador descobrirá uma área de penumbra ocupada por realizações cujo *status* ainda está em dúvida, mas habitualmente o núcleo dos problemas resolvidos e das técnicas será claro. (KUHN, 2017, p. 115).

A permanência do material bibliográfico torna possível a realização de trabalhos com características históricas, visto que para Kuhn (2017, p. 116) a tradição científica tem suas evoluções e rupturas descritas, analisadas e aceitas como regras.

E é nesse contexto que entra a biblioteca universitária especializada como organizadora de coleções, capaz de formar uma base informacional de qualidade que atenda efetivamente o seu grupo, que se caracteriza como alunos de graduação, especialização, mestrado e doutorado, professores e pesquisadores. Diante disso, o grau de complexidade das buscas informacionais varia de acordo com o tipo de usuário e os “problemas [da área] continuam a moldar-se rigorosamente de acordo com as realizações científicas anteriores” (Kuhn, 2017, p. 120).

Kuhn (2017, p. 268) diz que os alunos de graduação e especialização normalmente se baseiam em manuais e que muitos currículos científicos não exigem além dos livros escritos especialmente para estudantes.

Os poucos que exigem leituras suplementares de monografias e artigos de pesquisa restringem tais tarefas aos cursos mais avançados,

e as leituras que desenvolvem os assuntos tratados nos manuais. Até os últimos estágios da educação de um cientista, os manuais substituem sistematicamente a literatura científica da qual derivam. Dada a confiança em seus paradigmas, que torna essa técnica educacional possível, poucos cientistas gostariam de modificá-la. (KUHN, 2017, p. 268).

Esses modelos já identificados agilizam a realização novas pesquisas evitando retrabalhos e constantes reexames de seus fundamentos.

Por outro lado, a falta de conhecimento sobre a importância de material retrospectivo nas ciências pode levar a grandes perdas

Quando a comunidade científica repudia um paradigma antigo, renuncia simultaneamente à maioria dos livros e artigos que o corporificam, deixando de considerá-los como objeto adequado ao escrutínio científico. A educação científica não possui algo equivalente ao museu de arte ou à biblioteca de clássicos. Daí decorre, em alguns casos, uma distorção drástica da percepção que o cientista possui do passado de uma disciplina. Mais do que os estudiosos de outras áreas criadoras, o cientista vê esse passado da disciplina como orientado para o progresso. Não terá outra alternativa enquanto permanecer ligado à atividade científica. (KUHN, 2017, p. 269-270).

Kuhn (2017, p. 270) justifica a valia de se manter a história do progresso das ciências quando assegura que “Um balanço das revoluções científicas revela a existência tanto de perdas como de ganhos e os cientistas tendem a ser particularmente cegos para as primeiras”.

Em uma segunda escala de valores, apresenta-se o valor de uso, uma vez que os livros dentro de uma biblioteca só têm importância se são utilizados. A coleção especial precisa ter um papel social, deve configurar-se num meio para o saber coletivo, deve ser de fácil acesso e estar disponível em condições apropriadas. Ter um valor de uso implica em satisfazer a comunidade com seu conteúdo.

O valor de arte se posiciona em seguida por ser um material com características estéticas diferentes das contemporâneas, trazendo consigo uma significação compatível com os critérios de tratamento técnico, acondicionamento e manuseio. Esse material exige técnicas adequadas que garantam a sua conservação por maior tempo. Tal valor se completa com o próximo, visto que ambos exigem práticas técnicas inerentes ao seu estado físico.

Por fim, destaca-se o valor de antiguidade devido à realidade frágil em que se encontram os livros. Os mesmos apresentam traços de decomposição determinados

pelas forças da natureza e alteração de forma e cor. O que leva ao repensar e reestruturar as metodologias da biblioteca para atenderem a esse material com características especiais.

Diante desse conjunto de ideias, busca-se associar os valores históricos e de uso, sem ferir sua importância estética e temporal. Ademais, deixam-se abertas brechas para futuras análises de valoração.

Identificados esses valores, percebe-se a necessidade de se buscar informações sobre os itens para se realizar o processo de valoração de forma precisa. Entende-se como apropriado, alimentar-se da proposta da Significance 2.0 (Russel; Winkworth, 2009, p. 39-40), também citada por Fernanda Bastidas e Margarita Vargas (2012, p. 48), em que oferece cinco (5) critérios de valores comparativos: procedência (identificação da cadeia de propriedade de um bem); raridade ou representatividade (composição e ornamentação do bem/estilística); condição ou integridade (estado de conservação e intervenções anteriores); capacidade interpretativa / filiação (questões relevantes do patrimônio com os aspectos considerados relevantes pela instituição); e identidade (representatividade e contextualização sociocultural). Fernanda Bastidas e Margarita Vargas (2012, p. 48) afirmam que esse critérios são potencializadores de valor.

#### **4.1.3 Diretrizes para a valoração de materiais bibliográficos**

A valoração é importante para determinar a qualidade ou o valor de algo. Essa avaliação traz significância cultural e deve-se seguir um conjunto de passos para atribuir valores a determinado bem. Assim, determina-se o que se considera importante no item ou no conjunto de itens com o intuito de gerar proteção e salvaguarda para a coleção. Tão determinante quanto avaliar o item em si, está a avaliação de valor informacional, valor estético e valor emocional.

As coleções particulares em bibliotecas universitárias têm a capacidade de refletir o desenvolvimento de inúmeras áreas das ciências dentro e fora do país, contribuindo para a capacidade de reflexões sobre questões atuais. No momento da valoração, deve-se pensar em coletas significativas para o desenvolvimento da ciência na universidade, no

país e no mundo por meio de métodos bem definidos que aumentem a relevância da coleção para arquivos e bibliotecas universitárias.

Deve-se fazer um estudo contextual e de proveniência da coleção que configuram-se em grandes potenciadores de significados para a coleção por trazerem aspectos de construção social, de memória e de identidade para as coleções culturais e científicas.

QUADRO 3: Biblioteca da Faculdade de Farmácia / Faculdade de Farmácia / Universidade Federal do Rio de Janeiro / Diretrizes política (2)

ID	DIRETRIZ
D1	Observar se o sujeito (instituição, especialista, indivíduo ou colecionador) doador da coleção tem relação com a área de atuação da biblioteca.
D2	Analisar se os objetos documentais são importantes para o campo coberto pela biblioteca.
D3	Verificar se existem outros exemplares dos títulos doados de fácil acesso na instituição ou em outras instituições.
D4	Procurar se se encontram no mercado livreiro.
D5	Investigar o real significado da coleção para a instituição e para a biblioteca.
D7	Procurar se existe algum caráter histórico.
D8	Investigar se existe algum caráter científico.
D9	Verificar se o material bibliográfico pode ser aceito como patrimônio Cultural.
D10	Agrupar informações relevantes para a tomada de decisões com relação ao patrimônio.
D11	Valorar a coleção com o intuito de assegurar seu tempo de vida útil um pouco mais extenso.
D12	Avaliar a qualidade que a coleção representa com apoio de um profissional da área para atestar se os documentos realmente carregam conhecimentos e

	realizações científicas passadas.
D13	Identificar qual é o público estratégico que fará uso da coleção.
D14	Analisar se a coleção atende informacionalmente a comunidade.
D15	Verificar se a coleção envolve questões históricas de determinado grupo social ao ponto de se encaixar nas características do valor cultural.
D16	Identificar se existem valores de rememoração, como: antiguidade, histórico e/ou rememoração intencional.
D17	Identificar se existem valores de contemporaneidade, como: de uso ou de arte (arte relativa ou arte de novidade).
D18	Não usar valores monumentais nesse primeiro estudo devido ao interesse de tornar disponível para o uso.
D19	Desenvolver uma Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais para padronizar de forma adequada novas absorções de coleções particulares pela biblioteca.
D20	Entender que a valoração não se relaciona intrinsecamente com o item. Desta forma, os valores são atribuídos e não inerentes.
D21	Avaliar e atribuir valores à coleção.
D22	Analisar se o documento/patrimônio transmite conhecimento (Valor cognitivo).
D23	Procurar saber se a coleção carrega valor econômico.
D24	Através de uma comissão da área, avaliar se a coleção pode ser considerada como patrimônio para futuras gerações (valor de opção).
D25	Analisar se a coleção está ligada à moral, à cultura, à ética e ao altruísmo, que favorece a aplicação do valor de existência.
D26	Hierarquizar os valores identificados na coleção.
D27	Definir prazos para reatribuições de valores.

#### 4.2 O PAPEL DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO INSTITUIÇÃO DE MEMÓRIA E A NECESSIDADE DE ELABORAÇÃO DE UMA POLÍTICA DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES ESPECIAIS

As bibliotecas são lugares de memória, memória nacional, memória regional, memória institucional, etc., dependendo do tipo de biblioteca. São lugares de preservação do patrimônio intelectual. A biblioteca universitária da Faculdade de Farmácia, da UFRJ, carrega a memória da Faculdade, visto que, é responsável pelo registro e guarda do material bibliográfico usado como apoio para as aulas e pesquisas desse grupo.

A biblioteca possui um papel de memória social. Ela é capaz de mostrar laços sociais em um ambiente comunicativo e de criar uma memória coletiva. Ela é capaz de promover saberes para determinado grupo. Com isso, aqui, será mostrada a importância da biblioteca para a construção de uma memória viva da área farmacêutica e o seu poder de transmissão desse saber, evitando, assim, a perda de experiências registradas e a necessidade de se elaborar uma Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais para padronizar o recebimento de coleções particulares, sua gestão e preservação.

Para introduzir a ideia de biblioteca como lugar de memória, espelha-se no olhar de Dominique Poulot (2009) que mostra em sua introdução as ideias de história, memória e patrimônio, que estão diretamente ligados à biblioteca como instituição de memória. A biblioteca universitária carrega consigo o dever de conservar e transmitir os registros dos avanços de sua área de atuação em favor de todos os interessados. “O acúmulo de vestígios e restos revelados, conservados e aclimatados segundo práticas diversas, parece responder ao fluxo da produção contemporânea de artefatos.” (POULOT, 2009, p. 9).

A questão de pertencimento a determinada memória se faz nas palavras de Rodrigues (2015, p. 246) quando ela afirma que “Os conceitos de nação e de patrimônio surgem basicamente a partir da crença: indivíduos que partilham uma memória, que acreditam pertencer ao mesmo grupo constituído pelas mesmas lembranças, que creem ter um passado comum que deve ser, portanto, preservado e novamente compartilhado com as gerações que os sucedem.” Esse contexto pode ser interpretado no grupo que forma a estrutura da Faculdade de Farmácia.



Por outro lado aparece Silveira (2012) apud Silva Filho (2018, p. 21) que “afirma que as bibliotecas enquanto “lugares de memória” tendem a reafirmar os saberes e torná-los móveis, traduzíveis e permutáveis”, em que espelharia trazer a Coleção Oswaldo de Almeida Costa ao uso novamente.

A biblioteca da Faculdade de Farmácia da UFRJ armazena os conhecimentos gerados e/ou acumulados pela unidade. Ela tem como atribuição reunir, organizar e disseminar as produções de cunho técnico-científico que estão em sua guarda de forma a preservar a memória da unidade e a dar suporte para os campos de ensino e pesquisa.

Assim, o acervo da biblioteca permite acesso a conhecimentos científicos gerados pela comunidade acadêmica em diferentes períodos da história da área farmacêutica, e isso se justifica com as várias opiniões de autores, no decorrer desse trabalho, que identificam a biblioteca como espaço de memória.

Silva Filho (2018, p.21) traz o caráter social para as bibliotecas universitárias através das funções de preservação, organização e disseminação das produções humanas, que faz pensar em recorrer às práticas determinadas para esse fim de gestão e preservação.

Para Jacob (2000) apud Silva Filho (2018, p.22) “a biblioteca é vista como: lugar de memória nacional, espaço da conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico, uma biblioteca é também o teatro de uma alquimia complexa em que, sob o efeito da leitura, da escrita e de sua interação, se liberam as forças, os movimentos do pensamento. É um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido como fermento dos saberes e motor do conhecimento, a serviço da coletividade inteira.”

Diante disso, objetiva-se pensar em políticas de gestão e preservação para coleções especiais.

A proteção e a transmissão do conteúdo de pesquisa dessa herança intelectual garantem a tomada de consciência sobre o patrimônio científico escrito adquirido com o passar dos anos. Todas as transformações e mudanças da área que se encontram registradas, podem assegurar a clareza de informações para pesquisas atuais, revelando, assim, as primeiras descobertas conservadas e uma identidade evolutiva, visando tirar

do perigo e deterioração e fazer perdurar esse conhecimento. O que justifica maior atenção para a criação de padrões bem estabelecidos.

Além disso, a biblioteca é compreendida como um espaço que representa uma unidade tanto no que diz respeito a sua história quanto no que diz respeito aos avanços científicos. A memória de determinado grupo é vista como parte fundamental para o lugar de memória. “A memória é o cerne da instituição de memória, como as bibliotecas”. (SILVA FILHO, 2018, p. 22).

Segundo Silva Filho (2018, p. 22)

As bibliotecas universitárias resguardam os conhecimentos gerados nas instituições de ensino onde estão inseridas, além disso, reúnem, organizam e disseminam as produções de cunho cultural e técnico-científico no âmbito de suas instituições. O documento como produto de memória. (SILVA FILHO, 2018, p. 22).

Ainda por Silva Filho (2018, p. 26-27),

A biblioteca universitária caracteriza-se como espaço de memória científica dentro de uma universidade, pois é nela que identifica-se como local onde é reunida a produção científica gerada pela instituição. Além de preservar a memória das universidades, a biblioteca proporciona a multiplicação do conhecimento gerando através de seu acesso a novos conhecimentos [...] Os conhecimentos científicos, técnicos, artísticos e administrativos gerados no âmbito das universidades são denominados como produção intelectual. Essa produção intelectual é produzida pelos docentes, discentes e técnico-administrativos que nelas estudam, pesquisam e trabalham. [...] A preservação da memória da universidade ou de uma faculdade específica, pode ser entendida como o fomento da memória coletiva dessas instituições, de grupos e indivíduos que dela usufruíram. (SILVA FILHO, 2018, p. 26-27).

Em outras palavras, mas com a mesma ideia de guardiã e facilitadora ao acesso, Andrade (2009, p.18) define as bibliotecas “como um lugar de memória e de preservação do patrimônio documental”, considerando-as por Chartier (2002, p. 30) apud Andrade (2009, p. 18) “como um espaço dinâmico e vivo tendo como uma das tarefas fundamentais colecionar, proteger, inventariar e, finalmente, tornar acessível a herança da cultura escrita”.

Andrade (2009, p. 26) defende a biblioteca como instituição de memória quando aponta que “Esses documentos constituem-se importantes fontes de pesquisa histórica e de referências para o mapeamento das memórias e histórias coletivas. Ainda para Nora, não havendo mais memória espontânea é necessária a criação de lugares que possam dar conta dessas operações que não são naturais”, e muitas dessas memórias de determinada área podem ser formadas primeiramente por coleções particulares que podem vir a serem incorporadas às bibliotecas universitárias. Assim, entende-se que a biblioteca da Faculdade de Farmácia poderá receber futuramente outras coleções particulares e, com isso, deverá estar preparada para recebê-las.

Marques (2014, p. 77) ao falar de patrimônio e identidade cultural como elementos importantes para a clareza na realização de processos atuais, aponta que,

Ao buscar a definição de patrimônio, observa-se que este mantém estreita relação com o conceito de identidade cultural, sendo esta, por sua vez, ligada diretamente à história e à memória dos seres humanos. Tal fato fortalece e justifica a necessidade do estabelecimento de um elo entre as informações antigas (memória/história) e a atualidade, mantendo-as de alguma forma preservadas ao longo do tempo. (MARQUES, 2014, p. 77).

Essa afirmação de necessidade de elo entre as informações antigas e o que há de atual se encaixa perfeitamente com o papel da biblioteca universitária que possui uma memória científica coletiva e obras de uso frequente, que um dia passarão para o quadro de documentos de memória também.

A memória coletiva constitui-se de lembranças de um grupo e pode ser formada no plano individual e/ou coletivo. Tais memórias são acumuladas e guardadas em várias épocas da história da instituição mantenedora. Assim, o que é atual nos dias de hoje, daqui a um tempo perderá seu papel de vanguarda para novos conhecimentos.

Em contrapartida, os lugares de memória não são capazes de armazenar todas as informações importantes para o seu nicho, mas devem ter como objetivo manter em sua guarda materiais selecionados que representem conhecimentos significativos para a área. Reunir fragmentos de memória criados em diferentes momentos, por diferentes razões e por pessoas diferentes, e deve exigir a existência de padrões para a organização sistemática desse conjunto de itens, em que sugere-se a elaboração de uma Política de Formação de Coleções Especiais, onde constarão padrões de seleção, identificação, preservação e uso.

Diante dessas definições é possível entender que a biblioteca universitária configura-se em um lugar de memória para a comunidade a qual serve, dado que esse patrimônio informacional é adquirido, registrado, acondicionado de modo adequado e disponibilizado para acesso. É um espaço que garante a perpetuação da história da farmácia dentro da UFRJ, visto que, essa biblioteca contempla uma comunidade definida, e traz em seu acervo a memória/identidade do grupo de professores, alunos e pesquisadores da área farmacêutica. Ela deve garantir o colecionismo da produção intelectual de interesse para a comunidade com registros de desenvolvimentos na área sem perdas e apagamentos de informação.

Como é percebida, a biblioteca universitária tem um caráter social por permitir acesso fácil e gratuito a documentos textuais de valor acadêmico e científico, o que faz com que exerça o dever de socialização da informação e formação de novos conhecimentos. Tem um papel importante na garantia da preservação do conhecimento gerado com o passar dos anos e com o acesso de forma organizada às obras sistematicamente dispostas e identificadas.

Assim, as obras doadas pelo professor Oswaldo serviram como apoio informacional e teórico-científico para a faculdade de farmácia na década de 1990. Essas obras constituíram o primeiro acervo da biblioteca após ser reinaugurada. Dentro desse contexto, fica implícito que essas obras foram aceitas como compatíveis com as ideias articuladas na academia no momento, e isso se justifica pela afirmativa de Kuhn (2017, p. 271) quando diz que “para as ciências as soluções devem vir de soluções aceitas pelo grupo e não meramente soluções pessoais.” Manter esse conteúdo tido como válido aumenta seu grau especialização da biblioteca e atenua sua comunicação com outros grupos, tanto científicos como leigos da área farmacêutica, e, assim, preservar a memória da história da biblioteca.

## **5 POLÍTICA DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES ESPECIAIS DA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FARMÁCIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE (CCS)

BIBLIOTECA DA FACULDADE DA FARMÁCIA (BFF)

POLÍTICA DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES ESPECIAIS  
(PFDCE)

### **5.1 INTRODUÇÃO**

Essa publicação oferece à Biblioteca da Faculdade de Farmácia da UFRJ e a outras que tenham interesse pela gestão de coleções especiais uma primeira aproximação com a metodologia de valoração de bens patrimoniais voltada para materiais bibliográficos, de uso pontual e não recorrente, dentro de uma biblioteca universitária pública. Ampliando a concepção desse objeto (materiais bibliográficos) e guiando para uma conservação consciente de toda contextualização que envolve essa coleção, elegendo-se assim como um eficiente meio de comunicação entre gestores e futuros gestores da coleção.

Traz uma proposta metodológica para a valoração de material bibliográfico que se pretende incorporar à biblioteca como uma das ferramentas para a política de formação e desenvolvimento de coleções especiais, de forma a contribuir efetivamente para o crescimento bibliográfico planejado e organizado, além cooperar através de um modelo para o registro de dados sobre as futuras coleções a serem incorporadas, sempre levando em conta os interesses da Faculdade de Farmácia e da UFRJ como sua mantenedora, se apropriando assim de sua significação científica e cultural do objeto para seu público alvo.

A criação de uma política de formação e desenvolvimento de coleções especiais através dos olhares sobre a biblioteca particular de Oswaldo de Almeida Costa serve como apoio para a análise e seleção de futuras coleções que possam ser incorporadas além de criar modelo de identificação, organização e acesso. Além de promover um benchmark entre coleções, oferece padrões de cuidados e gerenciamentos de coleções especiais.

Essa política surgiu da necessidade de se avaliar a Coleção Oswaldo de Almeida Costa com o apoio de um documento formal que apontasse diretrizes para a realização da avaliação da coleção de acordo com os interesses institucionais e da comunidade atendida.

A política garante um modelo de avaliação dentro de padrões previamente estudados e adaptados para a Biblioteca da Faculdade de Farmácia da UFRJ, visando orientar quanto à necessidade de se conhecer o colecionador inicial, os valores da coleção para a Faculdade de Farmácia e para sua comunidade, o estado de conservação dos itens e fornecer informações que orientem quanto à conservação, englobando armazenamento, recuperação, acesso e manuseio.

A Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais contempla as principais características para o cuidado com a Coleção Oswaldo de Almeida Costa e visa servir de instrumento para decisões referentes a outras coleções que também possam vir a fazer parte do acervo da biblioteca.

O estado de conservação das coleções que podem tornar-se coleções especiais para a biblioteca configura-se em fator muito importante, visto que a biblioteca não possui recursos financeiros para gastos com restauração.

As coleções incorporadas e preservadas devem ser significantes para a história das Ciências Farmacêuticas, para a educação e o ensino e para a divulgação científica. Todas as propostas de inclusão e exclusão de Coleções Especiais devem seguir diretrizes de avaliação para as tomadas de decisões.

Por fim, registra-se a necessidade da participação de bibliotecários e professores para avaliação e seleção das coleções particulares e o estabelecimento de critérios para a formação e desenvolvimento de coleções especiais com o intuito de atualizar e preencher brechas no acervo, garantindo a aquisição de itens pertinentes para a biblioteca.

## 5.2 OBJETIVOS

- Permitir a avaliação e seleção de coleções particulares por profissionais habilitados.
- Facilitar o estudo sobre o colecionador e sobre a coleção por meio de diretrizes pré-estabelecidas para avaliação e valoração.

- Promover o crescimento racional e equilibrado do acervo da biblioteca da Faculdade de Farmácia.
- Estabelecer diretrizes estratégicas para avaliação de seleção, aquisição, desbastamento e descarte de itens.
- Identificar e gerir os recursos informacionais da Coleção Oswaldo de Almeida Costa.
- Eleger métodos de preservação facilmente utilizáveis no dia a dia.
- Indicar o uso de ferramentas como diagnóstico e inventário para controle e produção documental da coleção.

### 5.3 CRITÉRIOS BÁSICOS PARA FORMAÇÕES DE COLEÇÕES ESPECIAIS NA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FARMÁCIA

As coleções especiais devem conter itens que se relacionem com as temáticas da biblioteca da Faculdade de Farmácia, como: análise de alimentos, análises clínicas, análises farmacêuticas, assistência e atenção farmacêutica, bases da terapêutica racional, bases morfofuncionais e bioquímicas, bioestatística, biofarmácia, biofísica, bioinorgânica, biologia celular, biologia molecular aplicada, biologia molecular da célula, bioquímica, bioquímica clínica, biotecnologia farmacêutica, botânica forense, bromatologia, cálculo para farmácia, citopatologia clínica, controle biológico e microbiológico, controle de qualidade de produtos biológicos, controle microscópio de drogas e alimentos de origem vegetal, cristalografia de proteínas, deontologia e legislação farmacêutica, dermocosméticos, economia e administração de empresas farmacêuticas, embriologia, manipulação alopática, manipulação homeopática, farmácia comunitária, farmácia hospitalar, indústria farmacêutica, farmacologia cardiovascular e quimioterápica, fármaconeuroendocrina, fármacobotânica, farmacoeconomia, farmacoepidemiologia, farmacognosia, farmacometria, farmacotécnica homeopática, farmacotécnica hospitalar, hematologia, imunologia, metabolismo integrado, métodos espectrométricos, parasitologia, micologia, plantas medicinais, políticas de saúde, qualidade da indústria farmacêutica, química analítica farmacêutica, química de alimentos, química geral, química orgânica, saúde coletiva, técnicas de modelagem molecular aplicadas às ciências farmacêuticas, técnicas de purificação na indústria farmacêutica, técnicas de socorrismo, tecnologia das fermentações, tecnologias de

cosméticos, tecnologia de produção de hemocomponentes e hemoderivados, tecnologia industrial farmacêutica, toxicologia de alimentos e toxicologia geral, garantindo os critérios de qualidade e pertinência do conteúdo com as linhas de pesquisa e adequando o acervo aos níveis educacionais da Faculdade de Farmácia.

A biblioteca recebe coleções particulares compostas por materiais informacionais textuais e/ou de imagens em 2D e exime o recebimento de objetos em 3D por não possuir locais de guarda e condições para exposição. Qualquer exceção deve ser avaliada pela comissão de seleção com a aprovação da direção da unidade.

#### 5.4 COMPOSIÇÃO DA COMISSÃO DE SELEÇÃO DE COLEÇÕES ESPECIAIS

A comissão de seleção para a formação de coleções especiais deve ser formada por dois bibliotecários e pelo menos um professor para que se tenham diferentes pontos de vista e que se evite a parcialidade nas decisões. A equipe de professores deve ser constituída de forma flexível devido às diferentes temáticas dentro das ciências farmacêuticas e toda decisão final deve ser aprovada pela direção da Faculdade de Farmácia da UFRJ.

#### 5.5 VALORAÇÃO DO COLECIONADOR E DA COLEÇÃO

A Coleção Oswaldo de Almeida Costa deve passar pelo processo de valoração cultural, em que é atribuído conjunto de valores à coleção para a determinação de qualidades e valores que ela representa para a biblioteca da Faculdade de Farmácia.

A valoração permitirá trazer alguma significância cultural para a Coleção Oswaldo de Almeida Costa através de sua importância informacional, estética e emocional, com o intuito de gerar proteção e salvaguarda para a coleção.

Essa política se baseia na seguinte ordem de valores-chave: valor histórico, valor de antiguidade, valor de uso e valor de arte relativo, que servem como eixo para a incorporação de outros valores.

O valor histórico fomenta-se por essa coleção ter constituído o primeiro acervo da biblioteca da Faculdade de Farmácia na década de 1990, por carregar conhecimento de conteúdo científico e por ter sido organizada durante a vida profissional e acadêmica de um representante da área farmacêutica.



O valor de antiguidade é utilizado na coleção do século XX devido ao estado fragilizado dos itens e pelas particularidades das encadernações, que suporta a necessidade de cuidados especiais no tratamento, arquivamento, acesso e manuseio da coleção. O valor de antiguidade não faz relação com padrões de antiguidade e raridade utilizados pela biblioteconomia, mas sim com o estado vulnerável dos itens.

O valor de uso é atribuído devido à importância de utilização de material bibliográfico nas bibliotecas universitárias. Esse material deve ser usado e ter um papel social para a comunidade.

O valor de arte relativo representa a ideia de se preservar as encadernações do século XX e valorizar preservação da materialidade desses documentos.

Essa sequência busca respeitar os objetos, a história e presença intelectual do colecionador, os interesses da instituição e o ambiente da biblioteca setorial da Faculdade de Farmácia.

Esse exercício de valoração deve ser feito sempre que a importância da coleção para a instituição seja questionada e os parâmetros para a avaliação podem ser utilizados em sua totalidade, em parte ou sofrer alterações que favoreçam o processo de valoração.

Para material bibliográfico, apresentam-se os seguintes valores que podem ser aplicados:

A Carta de Burra (1980) sugere para a significação cultural os valores:

- Valor histórico;
- Valor estético;
- Valor científico;
- Valor cultural; e
- Valor social.

Alois Riegl (2006) apresenta, entre outros valores, os valores de rememoração e contemporaneidade:

Valores de rememoração:

- Valor de antiguidade;
- Valor histórico;
- Valor de rememoração intencional.

Valores de contemporaneidade:

- Valor de uso;

- Valor de arte relativa;
- Valor de arte de novidade.

Das análises feitas por Norma Lacerda (2012), extrai-se:

- Valor de antiguidade;
- Valor artístico;
- Valor histórico;
- Valor Cultural;
- Valor simbólico;
- Valor cognitivo;
- Valor econômico; e
- Valor de opção e de existência.

Assim, a valoração de material bibliográfico da biblioteca da Faculdade de Farmácia deve ser pautada na análise da coleção por meio desses valores.

#### 5.5.1 CRITÉRIOS DE VALORAÇÃO DA COLEÇÃO OSWALDO DE ALMEIDA COSTA

O ato de valorar deve carregar a intenção de assegurar o tempo de vida útil da coleção por um período mais extenso.

- Observar se o sujeito (instituição, especialista, indivíduo ou colecionador) doador da coleção tem relação com a área de atuação da biblioteca e qual o seu peso para a área de cobertura da biblioteca.
- Analisar se os objetos documentais são importantes para o campo coberto pela biblioteca.
- Analisar se o documento/patrimônio transmite conhecimento (valor cognitivo).
- Investigar o real significado da coleção para a instituição e para a biblioteca.
- Procurar se existe caráter histórico da área farmacêutica.
- Verificar se a coleção envolve questões históricas de determinado grupo social ao ponto de se encaixar nas características do valor cultural.
- Investigar se existe caráter científico da área farmacêutica.
- Analisar se a coleção atende informacionalmente a comunidade.
- Verificar as características físicas dos itens da coleção.
- Procurar se existem no mercado livreiro ou se é de fácil acesso.

- Identificar qual é o público estratégico que fará uso da coleção.
- Identificar se existem valores de contemporaneidade, como: de uso ou de arte (arte relativa ou arte de novidade).

Desta forma, devem-se avaliar os motivos de se armazenar a coleção especial dentro de uma biblioteca universitária, através da verificação de sua importância para a comunidade. Mostrando sua importância histórica e de conteúdo, a necessidade de manter sua materialidade como forma de se preservar o suporte informacional, avaliar o real potencial de uso e valorizar as características estéticas do período de fabricação.

A valoração é aplicada a vários tipos de patrimônios e valorar, apesar de ser uma etapa que se encaixa dentro do processo de avaliação, aparece no início do processo de formação e desenvolvimento de coleções porque pode iniciar antes mesmo da aquisição através da pesquisa sócio-cultural e científica sobre o doador. Essa ferramenta pode ser determinante para decisão de aquisição ou não aceitação da coleção.

## 5.6 FORMAS DE AQUISIÇÃO DE COLEÇÕES ESPECIAIS PARA A BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FARMÁCIA

A formação e desenvolvimento de coleções especiais da Faculdade de Farmácia pode ser feita por três formas de aquisição sugeridas por Simone Weitzel (2006): compra, doação e permuta. “A aquisição é o processo que implementa as decisões tomadas no processo de seleção.” (Weitzel, 2006, p. 29).

### 5.6.1 COMPRA

As aquisições de coleções especiais por compra devem ser requisitadas formalmente pelo corpo docente e de pesquisadores à direção da Faculdade de Farmácia. A avaliação e seleção devem ser realizadas por bibliotecário e professor. Cabe à biblioteca realizar a compra com a verba estabelecida pela direção, após a seleção.

### 5.6.2 DOAÇÃO

- A biblioteca deverá receber uma listagem previamente para a pré-seleção.
- Toda aquisição por doação deve ser avaliada e passar por seleção no local de origem antes de ser aceita.
- O doador deverá preencher e assinar o termo de doação em que abre mão de qualquer direito sobre a coleção.
- A biblioteca pode descartar qualquer item que não seja compatível com os interesses da biblioteca, da Faculdade de Farmácia e da UFRJ.

#### **5.6.2.1 Doação externa**

As doações podem ser realizadas por professores, profissionais da área, instituições públicas ou privadas, entre outros, e devem respeitar os critérios de seleção.

#### **5.6.2.2 Doação interna**

As doações internas podem ser realizadas pelo: Departamento de Análises Clínicas e Toxicológicas (pelos setores de: Bioquímica, Citopatologia, Hematologia, Micologia, Microbiologia e Imunologia, Parasitologia e Toxicologia); Departamento BioTecFar (setor de pesquisa de farmacologia molecular e estrutural e biotecnologia farmacêutica); Departamento de Fármacos; Departamento de Medicamentos (pelos setores de Farmácia Universitária e Laboratório de Controle de Qualidade de Fármacos e Medicamentos); Departamento de Produtos Naturais e Alimentos; e departamentos afins dentro da UFRJ.

#### **5.6.3 PERMUTA**

A biblioteca ou algum membro da Faculdade de Farmácia deverá possuir material ou coleção como objeto de troca. O interesse por esses itens deve ter sido avaliado anteriormente para que se justifique sua renúncia em troca de uma coleção especial. A aquisição por permuta conta com dois processos de avaliação: avaliação do objeto de troca e avaliação da coleção de interesse.

## 5.7 AVALIAÇÃO

A avaliação e seleção de itens devem ser realizadas por bibliotecário e professor especializado no local de origem da coleção. Avaliar a viabilidade da aquisição.

A avaliação da coleção especial não garante sua aceitação.

### 5.7.1 IDENTIFICAÇÃO DA COLEÇÃO

- Identificar a autoridade ou influência do colecionador;
- Verificar se a coleção apresenta caráter de unicidade;
- Analisar se os itens estão em idiomas acessíveis como: português, inglês, espanhol, francês e alemão;
- Atestar se os suportes informacionais são compatíveis com equipamentos existentes na biblioteca;
- Identificar a quantidade de itens e o número de exemplares por título;
- Observar se a coleção especial preenche lacunas de coleções pré-existentes no acervo da biblioteca da Faculdade de Farmácia;

### 5.7.2 PERTINÊNCIA

- Analisar se as obras são de interesse acadêmico, cultural e social para a comunidade da Faculdade de Farmácia;
- Avaliar a autoridade dos autores e se os assuntos atendem ao público farmacêutico (professores, pesquisadores, alunos de graduação e pós-graduação, e usuários externos).

### 5.7.3 DIAGNÓSTICO DE CONSERVAÇÃO

- Avaliar a integridade dos suportes informacionais com relação à conservação das condições físicas do material;
- Fazer o diagnóstico de cada item individualmente com o uso da “Ficha Diagnóstico de Conservação”;

- Constatar se as obras mantêm facilidade de leitura;
- Verificar o custo para se manter a coleção;
- Considerar capacidade de espaço para armazenamento e preservação da coleção;
- Avaliar impactos de dimensões dos objetos na área de guarda.

#### 5.7.4 SELEÇÃO

Nesta etapa, efetiva-se a escolha de materiais que irão compor a Coleção Especial caso a avaliação sugira a aquisição da coleção particular. O processo de seleção para incorporação da coleção deve levar em conta que o crescimento do acervo da biblioteca deve ser equilibrado e racional, atendendo os anseios de seu público. Além disso, deve seguir os critérios apresentados nessa política.

O processo de seleção pode ocasionar em seleção positiva e/ou negativa de itens.

##### 5.7.4.1 Seleção positiva

A seleção deverá analisar item a item e identificar o que será aceito pela biblioteca como afirma Figueiredo (1998). Deve ser elaborada uma lista com o máximo de dados de cada item segundo Vergueiro (1995). Essa lista será o primeiro instrumento de inventário e controle da Coleção Especial.

Serão aceitos os itens que estiverem de acordo com as seções anteriores.

##### 5.7.4.2 Seleção negativa

A seleção negativa no processo de formação e desenvolvimento de coleções especiais consiste na identificação e seleção de itens da coleção particular que não serão adquiridos pela biblioteca por não atenderem aos critérios de qualidade de informação, necessidades informacionais da comunidade, por não estarem em condições de uso ou identificação ou por não respeitarem a lei de direitos autorais. O interesse por esses itens será descartado antes da transferência da coleção para a biblioteca.

A biblioteca não aceitará:

- Documentos em mau estado de conservação;

- Fotocópias de materiais bibliográficos;
- Fotos e cartões postais avulsos sem identificação ou marcas de propriedade; e
- Documentos que não atendam às especificações dessa política.

## 5.8 TRANSFERÊNCIA DO MATERIAL

O material deverá ser transferido para a biblioteca da Faculdade de Farmácia respeitando as condições físicas e o estado de conservação dos objetos.

Os itens devem ser transferidos em condições adequadas de preservação.

As caixas utilizadas para transporte devem ser forradas com papel alcalino para evitar que a acidez das caixas passe para os itens da coleção.

As caixas não devem estar superlotadas para evitar danos às obras.

As caixas devem ser numeradas e os itens devem estar listados para controle do que está sendo transportado e checagem no momento de chegada à biblioteca.

A transferência poderá ser feita pelo doador ou pela Faculdade de Farmácia da UFRJ.

## 5.9 RECEPÇÃO E ACONDICIONAMENTO TEMPORÁRIO

A coleção particular não deve ser incorporada ao acervo da biblioteca sem passar por higienização para evitar contaminação.

O conjunto deve ser armazenado isoladamente até ser limpo.

## 5.10 HIGIENIZAÇÃO

A higienização de material bibliográfico é muito importante no processo de conservação preventiva, ela reflete diretamente na longevidade do documento. Além de evitar contaminações de outras peças. (PALETTA; YAMASHITA, 2004).

- Devem ser retirados resíduos estranhos aos documentos e poeira;
- Devem ser removidos grampos, cliques, prendedores metálicos e adesivos de marcação;

- Os funcionários devem usar equipamentos de proteção individual (Norma Regulamentadora n.º 6 (NR6) que define EPIs);

Indica-se seguir os procedimentos indicados por Fátima Aparecida Colombo Paletta e Marina Mayumi Yamashita (2004, p. 28-48):

- Passar levemente nos cortes o aspirador de pó (o bocal deve ser protegido por uma tela); ou o aspirador de pó com filtro de água;
- Retirar os volumes da prateleira superior, sempre no sentido da esquerda para a direita, e colocar na mesma posição em um carrinho;
- Limpar as estantes com aspirador de pó. Caso seja necessário para remover a sujidade muito intensa, pode ser usada uma solução de água e álcool a 50%, aplicado com um pano muito bem torcido. Em seguida passar outro pano seco e deixar secar;
- Transportar os volumes para o lugar de limpeza, que deve ser ventilado e limpo;
- Forrar a mesa, capela ou mesa de higienização com papel mata-borrão e entretela (sem goma);
- Colocar a obra sobre o papel mata-borrão e entretela, pressionar a mão no centro da obra;
- Passar um pincel bem macio, trincha ou brocha, suavemente nos cortes. O pincel, trincha ou brocha, é passado no cabeceado de dentro para fora e sempre no sentido contrário ao operador;
- Higienização do corpo do livro. Apoiar firmemente a obra em uma superfície, abrir a capa e com um pincel ou trincha, passar suavemente sobre as guardas da frente e do final, sempre empurrando a poeira no sentido contrário ao operador (Se a obra for em brochura, não abrir mais que 90 graus);
- Quando o documento é higienizado pela primeira vez, recomenda-se a limpeza página a página, não se esquecendo de passar o pincel ou a trincha, bem próximo à costura, pois geralmente é onde há maior acúmulo de sujidades;



- Num programa de mutação, pode limpar-se os cortes, as cinco primeiras e as cinco últimas folhas, que são as mais sujeitas a receber sujidades;
- Colocar a obra em pé, abrindo-a, ao meio e a seguir bater suavemente na lombada com o cabo do pincel (que deverá estar protegido com um tecido para amortecer o impacto e não danificar a obra);
- Verificar os resíduos depositados para identificar algum tipo de infestação (As infestações devem ser tratadas por especialistas);
- Para remover dejetos de insetos, restos de alimentos ou outras sujidades, utilizar um bisturi sem corte (recomenda-se que seja executado por um técnico);
- Após a higienização das páginas, deve fazer-se a oxigenação da obra, isto é, folhear a obra várias vezes, o que proporciona a aeração;
- Higienização da capa do livro. Deve proceder-se à limpeza externa (capa do livro) que é a mais específica, variando de acordo com o revestimento:
  - a) Revestimento em tecido. Passar a escova tipo bigode sobre a superfície da capa e/ou aspirador, caso sua integridade o permita.
  - b) Revestimento em papel. Com movimentos leves e circulares, passa-se a boneca de pano (borracha TK ralada dentro de tecido de algodão ou tule de seda) sobre o papel, em seguida limpa-se toda a superfície do papel com um pincel macio ou colocar, diretamente na capa, o pó de borracha que deve ser distribuído sobre parte da superfície a ser higienizada e atritando com uma pequena almofada de tecido macio ou algodão.
  - c) Revestimento plastificado. Usa-se uma fralda seca e macia. Se na obra houver muita sujidade, pode passar-se uma fralda úmida e bem torcida com sabonete neutro.
  - d) Revestimento de couro. Limpar a superfície do volume com pincéis ou fraldas macias e secas. Caso o couro esteja íntegro, pode passar-se um óleo hidratante.
- Limpar as seixas com uma fralda macia para retirar o acúmulo de sujidades;
- Após a higienização, os volumes são postos no carrinho, prontos para voltarem à sua posição na prateleira.

## 5.11 ORGANIZAÇÃO, SINALIZAÇÃO E ACONDICIONAMENTO DEFINITIVO

As coleções especiais formadas a partir da incorporação de coleções particulares devem ser mantidas separadas do acervo geral da biblioteca e em estantes deslizantes, que fechadas reduzem ações de degradação.

A coleção deve ser arquivada em local reservado, seguro e com restrições de acesso e uso, porém com estrutura para atender o público em geral e pessoas com necessidades especiais.

Os documentos que comprovem o histórico de aquisições, como: cartas de doações, notas fiscais, cartas de permutas, livros de descarte ou desbastamento, livros com dados de entrada de itens na biblioteca, etc. devem ser arquivados como ferramentas de controle da coleção.

Sugere-se a aplicação de práticas de conservação nos itens da coleção especial nas ações de organização, sinalização e acondicionamento definitivo, sempre com o objetivo final de dar acesso às informações contidas nos diversos suportes. Porém, de forma que se reduza a vulnerabilidade do acervo científico.

A biblioteca deve estar preparada para lidar com diferentes tipos de materiais e buscar soluções integrativas respeitando a missão institucional, as características da biblioteca e as necessidades dos usuários.

Deve-se manter a coleção especial reunida fisicamente quando possível e/ou reunida por remissivas com o intuito de se manter o sentido de coleção. Porém, deve-se separar por tipos de materiais informacionais, como: livro, periódico, fotografia, cartão postal e recorte de jornal.

O acondicionamento é fundamental para reduzir os processos de deterioração.

Os livros devem estar organizados por assunto seguindo o padrão da Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Tabela de Cutter utilizadas pela biblioteca para ordenação e recuperação rápidas e eficientes, além de possuir o código de identificação gerado no momento do inventário para o controle do patrimônio.

Obras com encadernação solta devem ser amarradas com cadarço de algodão.

Obras muito danificadas devem ficar dentro de envelopes de conservação.

As sinalizações quanto à localização não devem ser fixadas diretamente nos itens. Deve-se usar cintas de papel alcalino e/ou filipeta para a identificação individual.

Além disso, não carimbar, etiquetar ou fixar qualquer outra informação nos itens.

Fotografias, cartões postais e recortes de jornais devem estar organizados seguindo o código de controle e ordenação atribuído no momento de inventário.

Devem estar em caixas de arquivos e separados individualmente por folhas de acetato que devem envolver individualmente cada item e forrados por papel alcalino.

As sinalizações de localização devem estar nas estantes, nas prateleiras, nas cintas e filipetas nos livros e nas folhas de acetato usadas para envolver fotografias, cartões postais e recortes de jornais.

## 5.12 MONITORAMENTO DO AMBIENTE

A biblioteca configura-se no ambiente de guarda da coleção especial. Destacam-se algumas rotinas para higienização, desinsetização, proteção e segurança dentro das práticas de preservação que estão ligados ao ambiente que devem ser controladas, como:

- Entrada de luminosidade externa.
- Entrada de poeira.
- Validade dos extintores.
- Sistema antifurto.
- Condições de limpeza, luminosidade artificial, umidade relativa e poluição do ar.
- Situações de emergências (entrada de água por chuva ou inundação e incêndios).
- Uso de desumidificadores.
- Uso de aparelhos de ar condicionado.
- Controle de temperatura e umidade relativa.
- Controle de agentes biológicos (fungos, roedores e insetos).
- Higienização do local.
- Controlar possíveis ações de roubo, vandalismo e perda.

### 5.13 CONDIÇÕES DE ACESSO

A Coleção Especial só poderá ser consultada com auxílio de funcionário treinado para a atividade.

As visitas devem ser agendadas para garantir a presença de um funcionário no setor no momento da consulta.

Os usuários da coleção devem receber orientação quanto ao uso e manuseio dos itens.

Tanto o funcionário quanto o usuário deverão fazer uso de luvas e máscaras como forma de preservar a coleção especial.

O funcionário é responsável retirar e colocar os materiais nas estantes.

O uso de almofadas de apoio para dar suporte no manuseio de obras em estado quebradiço é obrigatório.

Proibido apoiar cotovelos sobre os livros.

Não é permitido portar alimentos e bebidas.

Não é permitido fazer qualquer marca nos itens.

Não é permitido fotocopiar os livros.

Não realizar empréstimos domiciliares.

Permite-se fotografar até 10% do livro com a ajuda do funcionário.

Durante a consulta monitorada o usuário deverá estar portando apenas lápis, papel e borracha.

### 5.14 REAVALIAÇÃO DA COLEÇÃO

A reavaliação da importância e do estado de conservação da coleção pode ocorrer sempre que solicitada pela direção da Faculdade de Farmácia, pelo SiBI ou pela própria demanda da biblioteca.

Tem-se como objetivo da reavaliação manter os registros informacionais que são interessantes para a comunidade farmacêutica da UFRJ.

A reavaliação exige o entendimento do cenário atual da instituição no momento do processo como direcionamento das decisões.

A reavaliação poderá ser feita como um todo ou item a item. Esse processo determinará o que deverá ser mantido como patrimônio e assim preservado.

A reavaliação deve ser feita antes de qualquer ação de desbastamento ou descarte e pode ser acompanhada por um diagnóstico da coleção.

Nesse processo, se reavalia a importância da coleção e o estado dos itens, podendo indicar alguma procedimento específico de preservação ou reparo dos objetos.

Além disso, nesta etapa, é possível avaliar dados de uso, recursos disponíveis para a manutenção da coleção e aspectos legais para mudança de formato documental.

## 6 CONCLUSÃO

A universidade é um local de produção de saberes. A informação, entendida como bem simbólico que deve ser reconhecida e administrada para o uso (LEITÃO, 2005, p. 13), dentro de uma biblioteca universitária tem que estar disponível de pronto para toda comunidade em consequência de ser uma instituição fundamental para a pesquisa, a educação e a cultura. Livros guardados sem identificação e tratamento não agregam valor de conteúdo e não cumprem sua função, como estava acontecendo com os livros da coleção particular de Oswaldo de Almeida Costa.

A coleção particular de Oswaldo de Almeida Costa se insere no contexto de coleção especial e foi nomeada como tal nessa pesquisa como forma de resgate do valor de uso do conjunto bibliográfico de acordo com as análises do autor diante da concepção de Souza (2017) sobre coleção especial.

Como não se tem documentos que mostrem qualquer tipo de avaliação da Coleção Particular de Oswaldo de Almeida Costa, a coleção passou por avaliação durante a elaboração desse trabalho dando diretrizes de gestão, preservação e condições de acesso, porém, acredita-se que seja uma boa prática colocar uma periodicidade para a realização de futuras avaliações, sempre contextualizando instituição, biblioteca, Faculdade de Farmácia, coleção e usuários.

Numa conjuntura voltada para a era tecnológica, começam a surgir interesses por estudos de coleções especiais em bibliotecas universitárias, o que se configuram em dois polos distintos no campo da informação, mas que é possível formar ligações entre seus processos de gestão e preservação.

Mesmo sendo necessário voltar aos padrões pré-existentes de preservação para o objeto em si, pode-se chegar à fase da digitalização para se preservar o conteúdo informacional em formato de fácil utilização, fácil acesso e que não prejudique as condições físicas do objeto original. Contudo, é preciso possuir obras em estado adequado de conservação para a reprodução da imagem.

Na esfera das bibliotecas universitárias é indiscutível cogitar definição de processos a serem adotados sem pensar na determinação de diretrizes e políticas, dado que existe rotatividade periódica de recursos humanos, que carregam consigo seus conhecimentos à medida que se desvinculam da unidade.

Certamente, pensar em política é racionalizar em continuidade de processos de forma eficaz e eficiente.

De fato, elaborar uma política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais baseada na coleção já existente na biblioteca configura-se no primeiro passo para se registrar um método de gestão e preservação da Coleção Especial Oswaldo de Almeida Costa e construir critérios para o recebimento de novas coleções especiais.

Além disso, permitirá maior controle sobre o que pode ou não ser descartado no campo dos materiais bibliográficos para a memória científica, visto que, descartes imprudentes podem gerar perdas significativas no que se refere à informação.

As bibliotecas universitárias passaram por grandes avanços em ofertas de produtos e serviços, deixaram de ser apenas organizadoras dos saberes registrados em suportes informacionais para se tornarem, de acordo com os direcionamentos dos avanços institucionais, parte representativa de sua comunidade.

Esta pesquisa propôs estudar a história, as características e funções das bibliotecas universitárias como introdução ao tema e como se apresenta a biblioteca da faculdade de Farmácia da UFRJ, mostrando seus papéis, entre eles o de instituição de memória acadêmica da área farmacêutica e como organizadora de coleções especiais de conteúdo científico. Apresentou a Coleção Oswaldo de Almeida Costa como objeto dessa pesquisa. Indicou a produção documental para gestão das coleções especiais. Sugeriu ferramentas como, inventário e ficha diagnóstico de conservação. Por fim, expôs padrões de preservação adequados ao material bibliográfico e documental e a valoração de patrimônio como forma de atribuir importância às coleções particulares de cunho científico, e a partir do agrupamento de informações foi possível delimitar questões referentes aos critérios básicos para formação e desenvolvimento de coleções especiais na biblioteca da Faculdade de Farmácia; à importância da multidisciplinaridade para avaliação e seleção de coleções especiais; o destaque que o colecionador teve para a área e/ou relevância dos itens para a faculdade de farmácia, juntamente com as maneiras de valoração da Coleção Oswaldo de Almeida Costa; compra, doação e permuta como formas de aquisição para futuras coleções especiais da biblioteca; apontou a construção de métodos de avaliação, seleção, transferência de material, condições de recepção, higienização, organização, sinalização, acondicionamento, monitoramento do ambiente e condições de acesso que fazem parte da Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais apresentada como produto desta dissertação.

Conforme foi visto, a Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais para a Biblioteca da Faculdade de Farmácia da UFRJ configura-se em um

conjunto de orientações que definem e regulam processos de aquisição, preservação e gestão de coleções especiais.

Foram encontrados diversos trabalhos sobre os temas abordados, porém, não foi encontrado nada especificamente sobre política de formação e desenvolvimento de coleções especiais em bibliotecas universitárias.

Percebe-se que mesmo com os avanços das ciências e tecnológico, ainda existe a preocupação com avaliação, preservação e condições de acesso com material retrospectivo. Sendo, para Ana Virginia Pinheiro, a avaliação a mais importante e difícil devido à determinação do que será ou não selecionado/preservado (OLIVEIRA ; SILVA, p. 19 apud PINHEIRO, 2015, p. 39).

Diante do avaliado anteriormente, sugere-se como boas práticas para a Biblioteca da Faculdade de Farmácia a adoção das seguintes medidas de conservação do acervo bibliográfico da Coleção de Oswaldo de Almeida Costa: armazenar o material sob proteção da luz em armários fechados, com sinalizações externas até a posse de estantes deslizantes; monitoramento da limpeza do ambiente e uso de aspiradores de forma controlada; redução da umidade por meio de uso de aparelhos de ar condicionado e desumidificador; sinalização sobre postas ao invés de fixadas em cada item (uso de cintas ou envelopes de papel alcalino em livros, e acetato e papel alcalino para fotografias, cartões postais e recortes de jornais); almofadas de apoio para evitar a quebra das lombadas dos livros; uso de luvas e máscaras descartáveis para o manuseio; e acesso mediado por profissional da biblioteca para auxiliar quanto o manuseio e evitar ações de vandalismo, rouba ou perda, visto que não serão usados sistemas de alarmes, evitando, assim, mais alterações físicas nos itens. Além de ferramentas como Ficha de Diagnóstico de Conservação, tabelas com dados estatísticos e o inventário da coleção como mecanismos de gestão.

Desse modo aceita-se as palavras de Joe Anderson que dão importância para se construir um arquivo de memória para as futuras gerações. (OLIVEIRA; SILVA, p. 20, tradução nossa), e relata que a história continua sendo explorada através de novos aspectos da ciência, sociedade e cultura que tinham sido largamente ignorados anteriormente. (OLIVEIRA; SILVA, p. 25, tradução nossa), como forma de dar importância à coleção. O patrimônio bibliográfico em bibliotecas universitárias representa parte da memória institucional e deve ser preservado e registrado em



documentos como o Livro Tombo para que seja possível encontrar parte da organicidade na trajetória da formação do acervo.

Portanto, as obras do início do século XX tanto podem carregar seus sentidos naturais, como trazer novos sentidos para contextos atuais ou futuros, o que justifica a ideia de se preservar essa coleção.

Este trabalho não teve o anseio de esgotar todos os possíveis temas que envolvem as formações de coleções especiais, mas dar ênfase na valoração, gestão e preservação das coleções especiais, apesar da abrangência em relação aos dados levantados, e teve como limitantes as condições apresentadas pela Coleção Oswaldo de Almeida Costa.

Sendo desse modo, recomenda-se a realização de maiores estudos sobre políticas de formação e desenvolvimento de coleções especiais em bibliotecas universitárias para que haja maior compreensão do campo e que se busque questões de restauração e digitalização aplicáveis às coleções especiais como forma de preservação dos legados construídos com o passar do tempo.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS DO BRASIL. Disponível em: <http://www.academiafarmacia.org.br>. Acesso em: 03 mar. 2019.

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. Disponível em: [http://www.anm.org.br/conteudo\\_view.asp?id=621&descricao=Oswaldo+de+Almeida+Costa](http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=621&descricao=Oswaldo+de+Almeida+Costa). Acesso em: 03 mar. 2019.

ALCÂNTARA, Francisca Lunara Cunha; BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues. **O papel da biblioteca universitária como mediadora no processo de ensino-aprendizagem nas bibliotecas universitárias na Cidade de Juazeiro do Norte – CE.** Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/viewFile/2016/1288>. Acesso em: 23/03/2017.

ALVES, Ana Paula Meneses. História e memória por meio de coleções especiais: o caso da biblioteca da UNESP/FCLAR. In: VIEIRA, Brunno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (Orgs.). **Acervos especiais: memórias e diálogos.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 45-90.

ANDERSON, Joe. Pragmatic appraisal: building collections in the history of science. In: OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de; Silva, Maria Celina Soares de Mello da (Orgs.). **Políticas de aquisição e preservação de acervos em universidades e instituições de pesquisa.** Rio de Janeiro: MAST, 2012.

ANDRADE, Rosane Maria Nunes. Bibliotecas: lugar de memória e de preservação, o caso da Biblioteca Nacional do Brasil. **Patrimônio e memória**, São Paulo, v.4, n.2, p. 17-34, jun. 2009. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/41/499>. Acesso em: 04/07/2018.

ARAÚJO, Andre Vieira de Freitas. Gestão de coleções raras e especiais no séc. XXI: conceitos, problemas, ações. In: VIEIRA, Brunno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses. **Acervos especiais: memórias e diálogos.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

ARAÚJO, Carlos da Silva. **Fatos e personagens da história da Medicina e da Farmácia no Brasil.** Rio de Janeiro: Revista Continente Editorial, 1979.

ARÉVALO, Marcia Conceição da Massena. **Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto.** Ouro Preto, MG: UFOP, 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/Vasconcellos/Downloads/MarciaDaMassena.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2019.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE FARMACÊUTICOS. Disponível em: <http://www.abf.org.br/>. Acesso em: 25 fev. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Guidelines for the security of rare books, manuscripts and other special collections**. Chicago: American Library Association, 2009. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/standards/securityrarebooks#collections>. Acesso em: 20 jul. 2015.

ASSOCIATION OF RESEARCH LIBRARIES. **The Unique role of special collections**; Special collections: statement of Principles; Research Libraries and the commitment to special Collections [A função precípua da coleções especiais; Declaração de Princípios das Coleções Especiais; Bibliotecas de pesquisa e o compromisso com as coleções especiais]. Washington, DC, 2003. Disponível em: <http://www.arl.org/storage/documents/publications/special-collections-statement-ofprinciples-2003.pdf> . Acesso em: 20 jul. 2015.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. O acervo bibliográfico do Gabinete Português de Leitura como lugar de memória e forma reconhecível: considerações acerca dessas aproximações. **Revista Convergência Lusíada**: estudos culturais em língua portuguesa Revista do Real Gabinete Português de Leitura, n. 25, p. 43-60, jan./jun. 2011. Disponível em: [www.realgabinete.com.br/revistaconvergencia/pdf/131.pdf](http://www.realgabinete.com.br/revistaconvergencia/pdf/131.pdf). Acesso em: 08 abr. 2019.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. Coleções especiais e acervos de memória: conceitos e reflexões, 2014. **Palestra...** São Paulo: USP/Faculdade de Direito, 2014. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=2MINEBReHR0>. Acesso em: 15 maio 2019.

BASE MINERVA. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br>. Acesso em: 12 mar. 2019.

BATTLES, M. **A conturbada história das bibliotecas**. Trad. João Vergílio Galerani Cuter. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BELLOTTO, H. L. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado, 2002. (Coleção como fazer; 8).

BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FARMÁCIA (UFRJ). Disponível em: <https://bibliotecafarmaciaufrj.wordpress.com/2014/11/30/sobre-nos/>. Acesso em: 25 fev. 2019.

BLOG HISTÓRIAS DE FARMÁCIA. Disponível em: <http://histdefarmacia.blogspot.com/2011/03/hovenia-dulcis-thunb.html>. Acesso em: 25 fev. 2019.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria do trabalho. **Norma Regulamentadora n.º 6 (NR.6)**. Equipamentos de Proteção Individual – EPIs. Disponível em: <http://trabalho.gov.br/seguranca-e-saude-no-trabalho/equipamentos-de-protecao-individual-epi>. Acesso em: 18/07/2019.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. Secretaria de Coordenação e Governança das Empresas Estatais. **Template do modelo de lista de princípios e diretrizes**. Disponível em: [https://www.google.com.br/search?source=hp&ei=JSX5XIutKfC45OUP6OSJqA4&q=modelo+de+diretrizes&oq=modelo+de+diretrizes&gs\\_l=psy-ab.12...24913.29454..29817...0.0..0.1372.4199.1j16j3j7-1.....0....1..gws-wiz.....0..0i131j0j35i39.06\\_AirsA\\_2k#](https://www.google.com.br/search?source=hp&ei=JSX5XIutKfC45OUP6OSJqA4&q=modelo+de+diretrizes&oq=modelo+de+diretrizes&gs_l=psy-ab.12...24913.29454..29817...0.0..0.1372.4199.1j16j3j7-1.....0....1..gws-wiz.....0..0i131j0j35i39.06_AirsA_2k#). Acesso em: 03/06/2019.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2004. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/lei/110.861.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/110.861.htm). Acesso em: 19 jun. 2019.

BRUNO, S. L.; VAL, M. R. da S. R.; CARVALHO, T. C. O. N. de. Política de organização de acervos raros e especiais da área de Coleções Especiais e Conservação da Biblioteca Central da UNICAMP. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO; ENCONTRO NACIONAL DE ACERVO RARO**, 6., 2002, Fortaleza. Anais... Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2002. 1 CD-ROM.

BUCKLAND, M. **Redesigning library services: a manifesto**. Chicago: ALA, 1992.

CABRAL, M. L. R. **Património bibliográfico e bibliotecas na construção da identidade colectiva: entre um conceito e o seu desenvolvimento, 1750-1800**. 2013. Tese (Doutorado em História Moderna) – Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 2013. Disponível em: <http://bit.ly/1pAVJTJ>. Acesso em: 26/11/2014.

CARVALHO, Tereza Cristina Oliveira Nonatto de. **UNICAMP: coleções especiais e obras raras**. In: VIEIRA, Brunno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (Orgs.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 89-100.

CASSAR, May. Update on the environment: the route to sustainability. **Museum Practice**, v. 4, n.3, p. 58-64, 1999.

CHAGAS, M. Cultura, patrimônio e memória. **Revista Ciências e letras**, Porto Alegre, v. 27, n. 31, p. 15-29, jan./jun., 2002.

CHARTIER, Roger. **Bourdieu e a história**. Topoi, Rio de Janeiro, mar. 2002, p. 139-182.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação liberdade ; UNESP, 2006.

CLIFFORD, James. **Malaise dans La culture: L'Ethnographie, La literature et l'art au XX siècle**, Paris: Ensba, 1998.

CÓSCIA, Vera Lucia. UFSCar: coleções especiais em bibliotecas universitárias. In: VIEIRA, Brunno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (Orgs.). **Acervos especiais: memórias e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

COSTA, Carina Martins. Alfredo Ferreira Lage: o colecionador mineiro e a nostalgia do passado. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (Orgs.). **Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012. p. 37-50.

COSTA, Heloisa H. F. Gonçalves da. Atribuição de valor ao patrimônio material e imaterial. Afinal, com qual patrimônio nos preocupamos? In: CARVALHO, Claudia S. et al. **Um olhar contemporâneo sobre a Preservação do Patrimônio Cultural Material**. Rio de Janeiro: Museu Histórico nacional, 2008. p. 119-129.

CRUZ, Ana Maria da; MENDES, Maria Tereza Reis; WEITZEL, Simone da Rocha. **A biblioteca: o técnico e suas tarefas**. Niterói: Intertexto, 2004.  
CUETOS, M. P. **El patrimonio cultural: conceptos básicos**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2011.

CUNHA, Ana Maria da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos: Livros, 2008.

CUNHA, M. B. da. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. **Ci. Inf.**, Brasília, v.29, n. 1, p. 71-89, jan./abr. 2000.

D'AZYR, Vicq. **Instruction sur la manière d'inventorier**. [179-], p. 3. Texto anônimo, referendado pelos presidentes da Comissão das Artes e do Comitê de Instrução Pública. Cf. p. 118-9 e nota 45.

DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE NO BRASIL (1832-1930) (Casa de Oswaldo Cruz). Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Acesso em: 25 fev. 2019.

EVANS, G. E. **Developing library and information center collection**. 4. ed. Englewood: Libraries Unlimited, 2000.

FACULDADE DE FARMÁCIA (UFRJ). DISPONÍVEL EM: <http://www.farmacia.ufrj.br/>. Acesso em: 25 fev. 2019.

FERNANDA BASTIDAS, María; MARGARITA VARGAS, María. **Propuesta metodológica para la valoración participativa de testimonios de museos y entidades culturales em Colombia**. Colombia: Xpress Estudio Gráfico y Digital S. A., 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Nova ed. rev. e ampl.. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

FLACH, Ângela. Conservação preventiva: uma política necessária em bibliotecas. In: ESTABEL, Lizandra Brasil; MORO, Eliane Lourdes da Silva (Orgs.). **Biblioteca: conhecimentos e práticas**. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 42-56.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. Inventários e testamentos como fontes de pesquisa. In: CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt S.; Lombardi, José Claudinei; Magalhães, Livia Diana Rocha (Orgs.). **A pesquisa e a preservação de arquivos e fontes para a educação, cultura e memória**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora Alínea, 2012.

FIGUEIREDO, N. M. de. **A modernidade das cinco leis de Ranganathan**. Ciência da Informação, Brasília, DF, v. 21, n.3, p. 186-191, set./dez. 1992.

FRONER, Yacy-Ara ; ROSADO, A. **Princípios históricos e filosóficos da conservação preventiva**. Belo Horizonte: LACICOR – EBA – UFMG, 2008. (Tópicos em Conservação Preventiva, 2).

FRONER, Yacy-Ara. Vulnerabilidade de acervos científicos. In: OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de; Silva, Maria Celina Soares de Mello da (Orgs.). **Políticas de aquisição e preservação de acervos em universidades e instituições de pesquisa**. Rio de Janeiro: MAST, 2012.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Biblioteca pública: princípios e diretrizes**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2000.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **13º Curso informativo sobre preservação de acervos bibliográficos e documentais**. Rio de Janeiro: FBN, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os museus e a representação do Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 254-273, 2005.

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO. **Política de desenvolvimento de coleções (PDC) da Biblioteca FESPSP**. São Paulo: FESPSP, 2018.

GRANATO, Marcus; OLIVEIRA, Pedro Louvain de Campos. A institucionalização do patrimônio cultural da ciência e tecnologia. In: OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de; Silva, Maria Celina Soares de Mello da (Orgs.). **Políticas de aquisição e preservação de acervos em universidades e instituições de pesquisa**. Rio de Janeiro: MAST, 2012.

HEYMANN, Luciana. Se arquivar: arquivos pessoais como escrita de si? In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (Orgs.). **Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012. p. 51-59.

JACOB, C. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, M.; JACOB, C. (Orgs.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

JACOB, C. Prefácio. In: BARATIN, M.; JACOB, C. (Orgs.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 9-17.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 13. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

LANCASTER, F. W. **The measurement and evaluation for library services**. Arlington: Information Resource, 1989.

LACERDA, Norma. Valores dos bens patrimoniais. In: LACERDA, NORMA; ZANCHETI, Sílvio Mendes (orgs.). **Plano de gestão da conservação urbana: conceitos e métodos**. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, 2012. p. 44-54.

LEITÃO, Bárbara Júlia Menezello. **Avaliação qualitativa e quantitativa numa biblioteca universitária**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2005.  
MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano. Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano. **Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012.

MARQUES, Luciane Silveira Amico; RODRIGUES, Márcia. Biblioteca, memória e patrimônio: um olhar sobre a Biblioteca Rio-Grandense. **Biblios: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 28, n. 2, p. 73-93, jul./dez. 2014.  
Disponível em: <file:///c:/Users/Biblioteca2/Downloads/4886-15056-1-PB%20(1).pdf>.  
Acesso em: 04/07/2018.

MARTINS, W. A. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

MATERO, Frank. Ethics and Policy in Conservation. **Conservation**, v. 15, n. 1, p. 5-9, 2000.

MENDONÇA, Ana Waleska P.C.. The university in Brazil. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2000, n.14, pp.131-150. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a08.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

MINHA BIBLIOTECA. Disponível em: <https://minhabiblioteca.com.br/conheca-as-vantagens-da-minha-biblioteca/>. Acesso em: 26 fev. 2019.

MINISTÉRIO DA CULTURA (Colômbia). **Manual para inventários de bienes culturales muebles**. Bogotá, 2005. Disponível em:  
<http://www.mincultura.gov.co/areas/patrimonio/publicaciones/Documents/2.%20Manual%20inventario%20Bienes%20Muebles.pdf>. Acesso em: 09/01/2019.

MIRANDA, Antonio. **Biblioteca universitária no Brasil: reflexões sobre a problemática**. Brasília: Capes, 1978. Disponível em:  
[http://antoniomiranda.com.br/ciencia\\_informacao/BIBLIOTECA\\_UNIVERSITARIA\\_.pdf](http://antoniomiranda.com.br/ciencia_informacao/BIBLIOTECA_UNIVERSITARIA_.pdf). Acesso em: 23 fev. 2019.

MIRANDA, Antonio Lisboa Carvalho de. Acervos de livros das bibliotecas das instituições de ensino superior no Brasil: situação problemática e discussão de

metodologia para seu diagnóstico permanente. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 30-40, jan./abr. 1993.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Tratamento do livro: seleção, aquisição e organização do acervo da biblioteca. In: ESTABEL, Lizandra Brasil; MORO, Eliane Lourdes da Silva (Orgs.). **Biblioteca: conhecimentos e práticas**. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 14-41.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>. Acesso em: 10/08/2017.

NUNES, Martha Suzana Cabral; CARVALHO, Kátia de. As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, n.1, p. 173-193, jan./mar 2016.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de; Silva, Maria Celina Soares de Mello da (Orgs.). **Políticas de aquisição e preservação de acervos em universidades e instituições de pesquisa**. Rio de Janeiro: MAST, 2012.

PAES-DE-CARVALHO, A. M. L. ; BASTOS, M. M. S. ; ECARD, T. M. Parceria: uma alternativa para administrar bibliotecas universitárias. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 10. 1998, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Tectrina, 1998.

PALETTA, Fátima Aparecida Colombo; YASHITA, Marina Mayumi. **Manual de higienização de livros e documentos encadernados**. São Paulo: Editora HUCITEC, 2004.

PESTRE, D. Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetivos, novas abordagens. **Cadernos IG-Unicamp**, Campinas, v. 6, n. 1, p. 3-56, 1996.

PINHEIRO, Ana Virgínia et al. O histórico da biblioteca como instrumento de gestão e salvaguarda das coleções de livros raros e especiais na biblioteca universitária brasileira. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Belo Horizonte. **Trabalhos...** Belo Horizonte: SNBU: UFMG, 2014. Disponível em: [https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/trabalhos/index.php/sn\\_20\\_bu\\_14/sn\\_20\\_bu\\_14/paper/view/549](https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/trabalhos/index.php/sn_20_bu_14/sn_20_bu_14/paper/view/549). Acesso em: 10 dez. 2014.

PINHEIRO, Ana Virgínia. História, memória e patrimônio: convergências para o futuro dos acervos especiais. In: VIEIRA, Brunno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (Orgs.). **Acervos especiais: memórias e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 33-44.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; GRANATO, Marcus. Para pensar a Interdisciplinaridade na preservação: algumas questões preliminares. In: SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da (Org.). **Preservação documental: uma mensagem para o futuro**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 23-40.



POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**, v. 1, Memória-História. Imprensa Nacional – Casa da Moeda: Lisboa, 1984. P. 51-86.

POULOT, Dominique. A razão patrimonial na Europa do Século XVIII ao XXI. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 34, p. 27-42, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Numero%2034.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2019.

POULOT, Dominique. Introdução. In: POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI**: do monumento aos valores. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RICO, Tânia. Aspectos a considerar no acesso à leitura de fundos documentais de livro antigo. **Biblioteca para a vida II**. [201-], p. 139-144. Disponível em: <<http://books.openedition.org/cidehus/337>> . Acesso em: 07/05/2018.

RIEGL, ALOIS. **O culto moderno dos monumentos**: a sua essência e a sua origem. São Paulo: Perspectiva, 2006.

RODRIGUES, Márcia. Memória, patrimônio, bibliotecas nacionais e a construção da identidade coletiva. **Revista em Questão**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 243-262, maio/dez. 2015. Disponível em: <<file:///Users/Biblioteca2/Downloads/54754-240271-3-PB.pdf>> . Acesso em: 04/07/2018.

RODRIGUES, M. C. Bibliotecas como lugares de memória: o caso sul-rio-grandense. **Patrimônio e memória**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 68-83, 2014. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/424/724>.

ROSSI, P. O. **O passado, a memória e o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. (CAP. 1).

RODRIGUES, Márcia. Memória, patrimônio, bibliotecas nacionais e a construção da identidade coletiva. **Revista em Questão**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 243-262, maio/dez. 2015. Disponível em: <<file:///Users/Biblioteca2/Downloads/54754-240271-3-PB.pdf>> . Acesso em: 04/07/2018.

RODRIGUES, M. C. Bibliotecas como lugares de memória: o caso sul-rio-grandense. **Patrimônio e memória**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 68-83, 2014. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/424/724>>.

RICO, Tânia. Aspectos a considerar no acesso à leitura de fundos documentais de livro antigo. **Biblioteca para a vida II**. [201-], p. 139-144. Disponível em: <<http://books.openedition.org/cidehus/337>> . Acesso em: 07/05/2018.

RÓNAL, P. **Não perca o seu latim**. 5. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

SANTOS, B. de S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.2, n.2, maio/ago. 1988. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141988000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 27 jul. 2014.

SENNE, Cátia Alves de ; ALVES, Olga Sofia Fabergé ; Marque, Maria Cristina da Costa. O diagnóstico de acervos como subsídio para a política de aquisição: a constituição do acervo do Museu de Saúde Pública Emílio Ribas. In: OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de; Silva, Maria Celina Soares de Mello da (Orgs.). **Políticas de aquisição e preservação de acervos em universidades e instituições de pesquisa**. Rio de Janeiro: MAST, 2012.

SILVIA, Maria Celina Soares de Mello e. Um guia para a preservação de arquivos de laboratório: em busca do diálogo entre arquivistas e cientistas. In: OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de; Silva, Maria Celina Soares de Mello da (Orgs.). **Políticas de aquisição e preservação de acervos em universidades e instituições de pesquisa**. Rio de Janeiro: MAST, 2012.

SILVA, Maria Celina Soares de Mello e. **Visitando laboratórios: o cientista e a preservação de documentos**. 2007. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, Sérgio Conde de Albite. Fatos, atos e hiatos na preservação em arquivos. In: OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de; Silva, Maria Celina Soares de Mello da (Orgs.). **Políticas de aquisição e preservação de acervos em universidades e instituições de pesquisa**. Rio de Janeiro: MAST, 2012.

SILVA, William Jerônimo Gontijo. A evolução do tratamento da informação orgânica: uma reflexão à luz da arquivística moderna. In: ESTABEL, Lizandra Brasil; Moro, Eliane Lourdes da Silva (Orgs.). **Biblioteca: conhecimentos e práticas**. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 163-179.

SILVA FILHO, Rubens da Costa. A biblioteca universitária híbrida como espaço de memória. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 23, n. 1, p. 21-26, dez./mar., 2018.

SILVEIRA, F. J. N. Sendas entre o visível e o invisível: a biblioteca como “lugar de memória” e de preservação do patrimônio. **DataGramaZero: Revista de informação**, Rio de Janeiro, v.13, n. 5, 2012.

SMIT, Johanna W. O documento audiovisual ou a proximidade entre as 3 Marias. **Rev. Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. v. 26, n. 1/2, 1993. p. 81-85.

SOUZA, Ingrid Lopes de. **Patrimônio bibliográfico de C&T em universidades: proposta para formação das coleções especiais da Biblioteca Paulo Geyer**. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia) – Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2017.

TARAPANOFF, K. A biblioteca universitária vista como uma organização social. In: MACHADO, U. D. ed. **Estudos avançados em biblioteconomia e ciência da informação**. Brasília: ABDF, 1982. v. 1, p. 73-92.

UNIVERSITY OF GLASGOW. **What are Special Collections.** Glasgow, UK: University of Glasgow, Special Collections, [2012?]. Disponível em: <https://www.gla.ac.uk/myglasgow/specialcollections/whatarespecialcollections/>. Acesso em: 05 set. 2019.

URZUA, Flávia Andréa Machado; Fernandes, Suzana César Gouveia. O desafio institucional na preservação de documentos científicos: a criação e as atividades do Núcleo de Documentação do Instituto Butantan. In: OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de; Silva, Maria Celina Soares de Mello da (Orgs.). **Políticas de aquisição e preservação de acervos em universidades e instituições de pesquisa.** Rio de Janeiro: MAST, 2012.

VAN MENSCH, P. Ethics and museology. In: VAN MENSCH, P. **Towards a methodology of museology.** Croatia: University of Zagreb, 1992.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Desenvolvimento de Coleções.** São Paulo: Polis, 1989.

VERONESE, Caroline Candido; AMARAL, Roniberto Morato do. Desenvolvimento e implementação de uma política de desbaste. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documento e Ciência da Informação, 25, 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2013.

VIEIRA, Brunno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (Orgs.). **Acervos especiais: memórias e diálogos.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

VILELA, Karine Gomes Falcão; RODRIGUES, Lígia Santos da Silva; CARVALHO, Maria José de; Vidal, Maria Marinês Gomes (Orgs.). **Obras raras e valiosas: critérios adotados pela Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.


WEITZEL, Simone da Rocha. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. **TransInformação**, Campinas, v. 24, n. 3, set./dez., 2012, p. 179-190.

WEITZEL, Simone da Rocha. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias.** 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2013.


WEITZEL, Simone da Rocha; SANTOS, Ana Rosa do. Coleções especiais em bibliotecas universitárias: desafio para a nossa geração. In: **MESA REDONDA COLEÇÕES ESPECIAIS EM INSTITUIÇÕES DE PESQUISA**, Rio de Janeiro: MAST, 2019.

ZAMORA, Rosa María Fernández de. Conocer, valorar y difundir el patrimonio documental de América Latina y el Caribe. In: **IFLA WORLD LIBRARY AND INFORMATION CONGRESS**, 75., 2009, Milan, Italy. Proceedings..., Milan: IFLA, 2009. Disponível em: <http://conference.ifla.org/past/ifla75/98-fernandez-es.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

## **APÊNDICES**



UFRJ  
faz  
100  
ANOS  
1920 | 2020  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



f t w p r



- Acesso à Informação
- Acesso à Graduação
- Educação Básica
- Relações Internacionais
- Calendário Acadêmico
- Concursos
- Publicações Oficiais
- Sistemas e Serviços
- Prefeitura
- Bibliotecas
- Mapas dos Campi

## Missão

A finalidade que justifica a existência da Universidade Federal do Rio de Janeiro e que baliza seus objetivos estratégicos consiste em proporcionar à sociedade brasileira os meios para dominar, ampliar, cultivar, aplicar e difundir o patrimônio universal do saber humano, capacitando todos os seus integrantes a atuar como força transformadora. Mais especificamente, a universidade destina-se a completar a educação integral do estudante, preparando-o para:

- exercer profissões de nível superior;
- valorizar as múltiplas formas de conhecimento e expressão, técnicas e científicas, artísticas e culturais;
- exercer a cidadania;
- refletir criticamente sobre a sociedade em que vive;
- participar do esforço de superação das desigualdades sociais e regionais;
- assumir o compromisso com a construção de uma sociedade socialmente justa, ambientalmente responsável, respeitadora da diversidade e livre de todas as formas de opressão ou discriminação de classe, gênero, etnia ou nacionalidade;
- lutar pela universalização da cidadania e pela consolidação da democracia;
- contribuir para a solidariedade nacional e internacional.

(extraído da Proposta de Plano Quinquenal de Desenvolvimento Institucional da Reitoria da UFRJ – editado em março de 2006.)

FONTE: <https://ufrj.br/missao>

ANEXO I

INVENTÁRIO DE LIVROS DA COLEÇÃO OSWALDO DE ALMEIDA COSTA



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
(UFRJ)

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE (CCS)

FACULDADE DE FARMÁCIA (FF)



## INVENTÁRIO

## LISTAGEM DA COLEÇÃO OSVALDO DE ALMEIDA COSTA

NÚMERO	AUTOR	TÍTULO	LOCAL/EDITORIA/ ANO
1	Araujo, Carlos da Silva	Fatos e personagens da história da medicina e da farmácia no Brasil	Rio de Janeiro/ Revista Continente Editorial / 1979
2	Araujo, Carlos da Silva	Fatos e personagens da história da medicina e da farmácia no Brasil	Rio de Janeiro/ Revista Continente Editorial / 1979
3	Lobo, Francisco Bruno	Contribuição às comemorações do IV centenário da cidade	Rio de Janeiro/ UFRJ/ 1967
4	Lobo, Francisco Bruno	Contribuição às comemorações do IV centenário da cidade	Rio de Janeiro/ UFRJ/ 1967
5	Lobo, Francisco Bruno	Não identificado	Rio de Janeiro/ UFRJ/1969
6	Barroso, Liberato Joaquim	Chaves para a determinação de gêneros indígenas e exóticos das dicotiledôneas no Brasil V2	Rio de Janeiro/ Empresa Gráfica o Cruzeiro/ 1944
7	Barroso, Liberato Joaquim	Chave para determinação de gêneros das Dicotiledôneas V1	Rio de Janeiro/ Empresa Gráfica o Cruzeiro/ 1944
8	Mello, Jorge Bandeira de	Bioquímica Renal (Normal e Patológica)	Rio de Janeiro/ 1951
9	Duval, Clément ; Duval, Raymonde; Dolique, Roger; Luc, H.	Dictionnaire de la Chimie et de ses Applications	Paris/ Hermann & Cie, Éditeurs/ 1935
10	Dupuy, Edmond; Ribaut, Henri; Troisième Tome.	Cours de Pharmacie	Paris/ A. Maloine, Editeur/ 1903

11	Bezançon, Fernand	Précis de Microbiologie	Paris/ Masson et Cie, Editeurs/ 1920
12	Gilg, Ernesto; Brandt, Guillermo; <u>Brugués, Casimiro</u> (tradutor	Farmacognosia Materia farmacéutica vegetal y animal	Barcelona; Buenos Ayres / Editorial Labor, S.A. / 1926
13	Tappeiner, H.V. ; <u>Cavina, Cesare</u> ; <u>Piccinini, M. ;</u> (tradutores) <u>Novi, Ivo</u> (prefácio)	MANUALE DI MATERIA MEDICA E FARMACOTERAPIA	Torino/ Unione Tipografico-Editrice Torinese/ 1915
14	Funk, Casimir; Lecoq, Raoul	HISTOIRE ET CONSÉQUENCES PRATIQUES DE LA DÉCOUVERTE DES VITAMINES	Paris/ Vigot Frères, Éditeurs/ 1924
15	Roques, H.	Précis de Botanique Pharmaceutique TOME II Phanérogamie	Paris/ Librairie Maloine / 1959
16	<u>Lucas, Virgilio</u> ; <u>Lucas, Mario Sartini</u> (em colaboração)	Dicionário de Sinônimos (Químicos-Farmacêuticos)	Rio de Janeiro/ 1950 <u>sem editora</u>
17	Goris, Albert; Liot, André; Janot, M. M.; Goris, Andre	Pharmacie Galénique TOME II	France/ Masson Et Cie, Editeurs/1949
18	Goris, Albert; Liot, André; Janot, M. M.; Goris, Andre	Pharmacie Galénique TOME I	France/ Masson Et Cie, Editeurs/1949
19	Blake, Augusto Vietorino Alves Sacramento	Diccionario Bibliographico Brasileiro	Rio de Janeiro/ Imprensa Nacional/ 1898
20	Faust, Ernest Carroll	Human Helminthology a Manual for physicians sanitarians and medical zoologists	Philadelphia <u>new Orleans</u> (prefacio da 3 edição) / Lea & Febiger/ 1949
21	Villavecchia, Victor; Estalella, José; Estalella, Tomás	Tratado de Química Analítica Aplicada	Barcelona/ Editorial, Gustavo Gili, S.A./ 1949
22	Koninck, L.L. de.	Traité de Chimie Analytique Minérale Qualitative et Quantitative ; Tome Quatrième: METALLOIDES	Liège/ Imprimiere H. Vaillant-Carmanne (S.A.)/ 1918
23	Koninck, L.L. de	Traité de Chimie Analytique Minérale Qualitative et Quantitative ; Tome Second: ANALYSE PROPUREMENT DITE MÉTAUX – 1 PARTIE	Liège/ Imprimiere H. Vaillant-Carmanne (S.A.)/ 1911
24	Koninck, L.L. de	Traité de Chimie Analytique Minérale Qualitative et	Liège/ Imprimiere H. Vaillant-Carmanne



		Quantitative ; Tome Premier: GENERALITES	(S.A.)/ 1911
25	Koninck, L.L. de	Traité de Chimie Analytique Minérale Qualitative et Quantitative ; Tome Troisième: ANALYSE PROPUREMENT DITE MÉTAUX – 2 PARTIE	Liège/ Imprimerie H. Vaillant-Carmanne (S.A.)/ 1913
26	Parlagreco, Carlo	Dizionario Portoghese-Italiano Italiano-Portoghese	Italia/ Antonio Vallardi Editore/ 1956
27	Zappi, Enrique V.	Tratado de Química Orgánica TOMO Quinto Serie Cíclica	Buenos Ayres/ Librería “El Ateneo” Editorial/ 1952
28	Perrot, Em; Frouin, H.	Les Matieres Premieres Usuelles D’origine Végétale Indigènes et Exotiques	Paris/ Vigot Frères, Éditeurs/ 1906
29	Giral, Francisco	Produtos Químicos y Farmaceuticos	Mexico/ Editorial Atlante, S.A./ 1946
30	Beckman, Harry	Year Book of Drug Therapy	Chicago/ The Year Book Publishers, Inc./ 1954
31	D’onofrio, Dott. G.	L’industria Delle Conserve Alimentari	Milano/ Editore- Libraio Della Real Casa/ 1924
32	<u>Merck &amp; Co.</u>	Merck’s 1899 Manual of the Materia Medica	New York/ Merck & Co./ 1988
33	Araujo, Carlos da Silva	Matéria Médica no Brasil do Século XVIII	Rio de Janeiro/ Editora A Noite/ 1952
34	Anson, M.L.; Edsall, John T.	Advances In Protein Chemistry Volume I	New York/ Academic Press, INC/ 1944
35	Smith, Orsino C.	Inorganic Chromatography	New York/ D. Van Nostrand Company, INC./ 1953
36	Neurath, Hans; Bailey, Kenneth	The Proteins Chemistry, Biological, Activity, and Methods VOLUME I, Part A	New York/ Academic Press INC., Publishers/ 1953
37	Magnen, Jacques Le	Odeurs et Parfums	Paris/ Presses Universitaires de France/ 1949
38	Beille, Le D L.	Précis de Botanique Pharmaceutique	Paris / A. Maloine & Fils, Éditeur / 1925
39	Klobusitzky, Dyonyzio M. Von	Tratado de Biochimica	Rio de Janeiro / F; Briguiet & C. – editores / 1934

40	Dingle, Herbert	Practical Applications Spectrum Analysis	London / Chapman & Hall LTD. / 1950
41	Patein, M. G. ; Auvar, A. ; Brocq; Chaput; Desnos; Florand; Lubet-Barbon; Trousseau	Guide de Thérapeutique Générale et Spéciale	Paris / Octave Doin, Éditeur / 1901
42	Díaz, Jiménez	Lecciones sobre las Enfermedades de la Nutrición, terceira edição	España/ Editorial Científico médica /1946
43	Villiers, a. ; Collin, Eug. ; Fayolle, M.	Aliments Lactés et Aliments Gras	Paris / Octave Doin et Fils, ÉditeurS / 1911
44	Kolmer, John A. ; Tuft, Louis	Imunología Clínica Bioterapia y Quimioterapia	<u>Barcelona, Buenos Ayres</u> / Salvat Editores, S.A. / 1946
45	<u>Instituto Pinheiros, Produtos Terapeuticos S.A.</u>	Manual do Farmacêutico	São Paulo / Indústria Gráfica S.A. / 1953
46	Gaglio, Gaetano	Tratto di Farmacologia e Terapia	Milano / Società Editrice Libreria / 1926
47	Betschart, P. Ildefons	Theophrastus Paracelsus der Mensch an der Zeitenwende	Einsiedeln und Koln / Verlagsanstalt Benziger & Co. AG. / 11942
48	Redondo, Garcia ; Theophilo, Rodolpho	Botanica Elementar	<u>Rio de Janeiro- São Paulo – Belo Horizonte</u> /Francisco Alves & Cia / 1911
49	Campos, Eduardo	Medicina Popular (Surpersiões, Crendices e Mezinhas)	Rio de Janeiro / Livraria-Editora Casa do Estudante do Brasil / [s. d.]
50		Compte Rendu du IX Congrès International de Pharmacie	Paris/ Imprimerie Paul Dupont / 1900
51	Perrot, Em. ; Frouin, H. ;	Les Matières Premières Usuelles D'origine Végétale Indigènes et Exotiques	Paris / Vigot Frères, Eriteurs / 1906
52	Novaes, Maria Stella de	Medicina e Remédios no Espirito Santo História e Folclore	Vitória / Departamento de Imprensa Oficial / 1964
53	Anson, M. L. ; Edsall, John T.	Advances in Protein Chemistry – Volume II	New York / Academic Press, Inc / 1945
54	Barreto, João de Barros	Tratado de Higiene Segundo Volume Medicina Preventiva	Rio de Janeiro / Livraria Atheneu S.A. / 1956
55	Hata, S. ; Ehrlich, Paul ; Emery	La Chimiothérapie Experimentale des Spirillooses	Paris/ A. Maloine, Editeur / 1911

56	Stitt, E.R.	Stitt's Diagnosis, Prevention and Treatment of Tropical Diseases	Philadelphia / The Blakiston Company / 1943
57	Bois, D.	Les Plantes Alimentaires Chez Tous Les Peuples et a Travers les ages	Paris / Paul Lechevalier Editeur / 1927
58	Bois, D.	Les Plantes Alimentaires Chez Tous Les Peuples et a Travers les ages . VOLUME III	Paris / Paul Lechevalier Editeur / 1934
59	Fournier, Alfred	La Syphilis	Paris/ J. Rueff, Editeur / 1902
60	Pollard, F. H. ; McOmie, J.F.W.	Chromatographic Methods of Inorganic Analysis	London / Butterworths Scientific Publications / 1953
61	Wagner, R. Fishcer, F. ; Gautier, L.	Traté de Chimie Industrielle , Tome Premier	Paris / Masson et Cie, Editeurs / 1901
62	Sornet, René	La Technique Industrielle des Parfums Synthétiques	Paris / Gauthier-Villars et Cia, Éditeurs / 1923
63	Cassid, Harold Gomes	Technique of Organic Chemistry Volume V Adsorption and Chromatography	New York, London / Interscience Publishers, INC. ; Interscience Publishers LTD. / 1951
64	Yvon, P.	Commentaires Pharmaceutiques du Codex de 1908	Paris / Octave Doin et Fils, Editeurs / 1909
65	Gaddum, J. H.	Pharmacology	London / Oxford University Press / 1940
66	Goris, A. ; Demilly, J.	La Culture des Plantes Medicinales	Paris / Vigot Frères, Éditeurs / 1919
67	Russel, Paul F. ; West, Luther S. ; Manwell, Reginald D.	Malariologia Prática	Rio de Janeiro / Publicado pelo Serviço de Saúde Pública / 1951
68	Franceschi, G. B.	Manuali Hoepli Conservazione delle Sostanze Alimentari	Milano / Editore-Libraio Della Real Casa / 1920
69	Mieli, Aldo	Lavoisier y la Formación de la Teoría Química Moderna	Buenos Ayres / Cia Gral Fabril Financiera S.A. / 1944
70	Albert, Adrien	Selective Toxicity with special reference to Chemotherapy	Great Britain / 1951
71	Carvalho, L. Silva	Penicilina Propriedades, Ensaio e Preparações Gaénicas	Coimbra/ Coimbra Editora Limitada /1949

72	Pereira, Francisco Braulio	Concurso à Cadeira de Materia Medica e Therapeutica Especialmente a Brasileira These	Bahia / Imprensa Popular / 1886
73	Gilbert, A. ; Carnot, P.	Médicaments Microbiens Bactériothérapie, Vaccination Sérothérapie	Paris / Librairie J-B. Bailliérie et Fils / 1942
74	Coupin, Henri	Technique Microscopique Appliquée à l'étude des Végétaux	Paris / Octave Doin et Fils, Editeurs / 1909
75	Tavares, Theodulo da Silva	Química Bromatológica	Rio de Janeiro / F. Briguier & Cia / 1939
76	Carré, Pierre	Précis de Chimie Industrielle	Paris / Librairie J-B. Bailliérie et Fils / 1918
77	Dupuy, Edmond ; Ribaut, Henri	Cours de Pharmacie Tome Premier	Paris / A. Maloine., Editeur / 1902
78	Goris, Albert	Localisation et Rôle des Alcaloides et des Glucosides Chez les Végétaux	Berlin ; Paris / R. Friedlander & Son Buchhandlung ; Jacques Lechevalier Libraire / 1914
79	Luz, Heitor	Manipulação Farmaceutica pratica e Dificuldades	Rio / J.R. de Oliveira & C. / 1934 (prefácio)
80	Burlage, Henry M. ; Burt, Joseph B. ; Lee, Charles O. ; Rising, L. Wait	Fundamental Principles and Process of Pharmacy second Edition	<u>New York ; Toronto ; London</u> / McGraw-Hill Book Company, INC. / 1949
81	Tague, E. L.	CASEIN Its Preparation, Chemistry and Technical Utilization	New York / D. Van Nostrand Company / 1926
82	Ravaut, Paul	SYPHILIS, PALUDISME AMIBIASE Notes de Thérapeutique Pratique	Paris / Masson et Cie, Éditeur ; Libraires de L'Académie de Médecine / 1927
83	Falk, K. George	THE CHEMISTRY OF ENZYME ACTIONS Second and Revised Edition	New York / The Chemical Catalog Company, Inc. / 1924
84	Pigman, W. W. ; Wolfrom, M. L. ; Evans, William L. ; Fischer, Hermann O. L. ; Haworth, W. N. ; Hirst, E. L. ; Hockett, R. C. ; Hudson, C. S.	ADVANCES IN CARBOHYDRATE CHEMISTRY Volume 3	New York / Academic Press INC. , Publishers / 1948
85	Galeno Juvenal	Medicina Caseira	Fortaleza / Editôra Henriqueta Galeno / 1969

86	Kolthoff, I. M. ; Stenger, V. A.	VOLUMETRIC ANALYSIS Volume I Theoretical Fundamentals	New York / Interscience Publishers, INC. / 1942
87	Siminsen, John ; Barton, D. H. R.	THE TERPENES Volume III The Sesquiterpenes, Diterpenes and Their Derivatives	Cambridge / At The University Press / 1961
88	Gerard, E.	TECHNIQUE DE STÉRILISATION A L'usage des Pharmaciens	Paris / Vigot Frères, Editeurs / 1906
89	Laumonier, J.	LES NOUVEAUX TRAITEMENTS	Paris / Félix Alcan, Éditeur / 1903
90	Lazerges, Elie	LES GRANDES HYPOTHESES DE LA SCIENCE MODERNE	Paris / Libraire Classique Fernand Nathan /1924
91	Cramer, Friedrich	Papierchromatographie 2., neubearbeitete und erweiterte Auflage	Weinheim / Verlag Chemie, GMBH / 1953
92	Valdizán, Hermilio ; Maldonado, Angel	La Medicina Polupar Peruana TOMO III	Lima / Imprenta Torres Aguirre / 1922
93	Valdizán, Hermilio ; Maldonado, Angel	La Medicina Polupar Peruana TOMO II	Lima / Imprenta Torres Aguirre / 1922
94	Valdizán, Hermilio ; Maldonado, Angel	La Medicina Polupar Peruana TOMO I	Lima / Imprenta Torres Aguirre / 1922
95	Ephraim, Federico	QUÍMICA INORGÁNICA	Barcelona / Mabel Marín – Editor / 1928
96	Schultz, Alarich R.	Introdução ao Estudo da Botânica Sistemática	Porto Alegre / Graf. Da Livraria do Globo / 1939
97	Wall, Otto A.	Handbook Of Pharmacognosy Fifth Edition	St. Louis / The C. V. Mosby Company / 1928
98	Army, Henry V.	Principles of Pharmacy - Second Edition	Philadelphia and London / W. B. Saunders Company / 1918
99	Wagner, R. ; Fischer, F. ; Gautier, L.	Traité de Chimie Industrielle – Tome Second	Paris / Masson et Cie, Éditeurs / 1903
100	Pinto, Pedro A.	Lições de Farmacologia Clínica e bio-experimental	Rio de Janeiro / Tip. São Benedito / 1933
101	Cerbelaud, René	Formulaire de Principales Spécialites de Parfumerie et de Pharmacie	Paris / [s. n.] / 1908
102	Moraes, Estér de Camargo	Curso Prático de Química	São Paulo /

	Fonscaca	Toxicológica	Departamento de Livros e Publicações do Grêmio Politécnico / 1957
103	Brundage, Albert H.	A Manual of Toxicology – Fifteenth Edition	New York ; London / D. Appleton-Century Company / 1929
104	Pinto, Pedro A.	Noções de Botânica Aplicadas à Medicina e à Farmácia	[S. l.] / Livraria Francisco Alves/ 1932
105	Elkins, Hervey B.	The Chemistry of Industrial Toxicology	New York / John Wiley & Sons, INC. /1950
106	Lucas, Virgilio	Diccionario de Synonymos ( Chimico-Pharmaceutico)	Rio de Janeiro / Typographia do Clero / 1923
107	Shepard, William P. ; Smith, Charles Edward ; Beard, Rodney Rau ; Reynolds, Leon Benedict	Essentials of Public Health Second Edition	Philadelphia / J. B. Lippincott Company / 1952
108	Michel, Ch. ; Yvon, P.	Manuel D'Analyse des Urines et de Sémeiologie Urinaire	Paris / Libraire Octave Doin / 1920
109	Grimaux Édouard	Chimie Inorganique Élémentaire	Paris / Ancienne Librairie Germer Bailliére et Cie / 1901
110	Batlle, Enrique Soler y ; Roger-Suriá, M. S. ; Vilá, M. Rossel y	Medicamenta Guia Teórico-práctica para Farmacéuticos, Médicos y Veterinarios TOMO Segundo	Barcelona / Editorial Labor, S. A. / [s. d.]
111	Giral, Francisco	Productos Quimicos y Farmaceuticos Volumen Primero Productos Inorganicos y Compuestos Alifaticos	Mexico,D.F. / Editorial Atlante, S.A. / 1946
112	Martinez, Maximo	Las Plantas Medicinales de México Segunda Edicion	Mexico /Ediciones Botas Mexico / 1939
113	Hoehne, F. C.	O que Vendem os Hervanarios da Cidade de São Paulo	S. Paulo / Casa Duprat / 1920
114	Hazard, R. ; Cheymol, J. ; Lévy, J. ; Boisser, J-R. ; Lechat, P.	Manuel de Pharmacologie	Paris / Masson et Cie Éditeurs / 1963
115	Anson, M.L. ; Bailey, Kenneth ; Edsall, John T.	Advances in Protein Chemistry VOLUME X	New York / Academic Press INC., Publishers / 1955
116	Terra, Barros	Chimia Organica Theorica 3 Parte	Petrópolis / L. Silva & Cia / 1929
117	Gérard Ernest	Technique de Stérilisation	Paris / Vigot Frères,

			Éditeurs / 1921
118	Herzan, V.	Guide-Formulaire de Thérapeutique Neuvième Édition	Paris / Librairie J-B. Bailliére et Fils / 1917
119	González, Matías ; Coppetti, Víctor ; Lombardo, Atilio	Plantae Diaophoricae Florae Uruguayensis TOMO I	Montevideo / Imprenta Nacional / 1928
120	González, Matías ; Coppetti, Víctor ; Lombardo, Atilio	Plantae Diaophoricae Florae Uruguayensis TOMO II	Montevideo / Imprenta Nacional / 1936
121	Boyland, E. ; Goulding, Roy	Modern Trends in Toxicology -2	Great Britain / Bell and Bain Ltd. Glasgow / [1974?]
122	Planchon, L. ; Bretin, Ph. ; Manceau, Pierre	Précis de Matière Médicale TOME Deuxième	Paris / Librairie Maloine / 1946
123	Paula, Rubens Descartes de G.	Alimentos Composição- Valor Nutritivo e Dietético Volume I	Rio de Janeiro / Serviço de Estatísticas da Previdência e Trabalho / 1939
124	Capra, Juan A.	Tratado de Farmacia Magistral PRIMER TOMO	Montevideo / Impresso nos Talleres Gráficos de los Establecimientos Galien / 1939
125	Villiers, A. ; Collins, Eug. ; Fayolle, M.	Traté des Falsifications et Altérations des Substances Alimentares LÉGISLATION ET DOCUMENTS OFFICIELS Concernant Les MATIÈRES ALIMENTAIRES	Paris / Octave Doin et Fils, EÉditeurs / 1909
126	Pinto, Pedro A.	Lições de Farmacologia Especial	Rio de Janeiro / Livraria Francisco Alves / 1930
127	Langeron, M.	Précis de Microscopie Technique – Éxperimentation - Diagnostic	Paris / Masson et Cie, Editeurs / 1913
128	Patty, Frank A.	Industrial Hygiene and Toxicology	London, New York / Interscience Publishers, INC. / 1949
129	Fuller, Henry C.	The Chemistry and Analysis of Drugs and Medicines	New York / John Wiley & Sons, Inc / 1920
130	Trease, George Edward	A Text-Book of Pharmacognosy SIXTH EDITION	London / Bailliére, Tindall and Cox / 1952
131	Melo, Ribeiro	Fabricação de Sabões e Artigos de Toucador	São Paulo / Editora LEP S.A. / 1964
132	Silva, J. R. Monteiro da	Flore Médicale Brésilienne	São Paulo / <u>Le Messenger de S. Paulo ; Journal Français</u> /1910

133	Araujo, Carlos da Silva	Subsídios esparsos para a História da Farmácia Carioca	Rio de Janeiro / Of. Gráficas da Editora A Noite / 1949
134	Boussel, Patrice	Historie Illustrée de la Pharmacie	Paris / Guy Le Prat / 1949
135	Silva, A. C. Correia da	Da Antiga Botica ao Moderno Laboratório Farmacêutico	Lisboa ; Porto / Imprensa Portuguesa 1968
136	Coimbra, Raul ; Silva, E. Diniz da	Notas de Fitoterapia Catalogo dos dados principais dobre plantas utilizadas em Medicina e Farmácia 2.ed.	Rio de Janeiro / Laboratório Clínico Silva Araujo S.A. / 1958
137	Coimbra, Raul	Notas de Fitoterapia Catalogo dos dados principais dobre plantas utilizadas em Medicina e Farmácia	Rio de Janeiro / Laboratório Clínico Silva Araujo S.A. / 1942
138		ANAIS do III Congresso Farmacêutico e Bioquímico Pan-Americano e do V Congresso Brasileiro de Farmácia	São Paulo / Empresa Gráfica da "Revista Tribunais" LTDA / 1958
139	Dominguez, Juan A.	Trebaos del Instituto de Botánica y Farmacologia Contribuciones a la Materia Médica Argentina	Buenos Ayres / Talleres S.A. ; Casa Jacobo Peuser, LTDA. / 1928
140	Jou, Guillermo Folch	Historia de la Farmacia	Madrid / Afrodisio Aguado, S.A. / 1951
141	Watt, John Mitchell ; Breyer-Brandwijk, Maria Gerdina	The Medicinal and Poisonous Plants of Southern Africa	Edinburgh / E. & S. Livingstone / 1932
142	Chandrasena, J. P. C.	The Chemistry & Parmacology of Ceylon & Indian Medical Plants	Ceylon / H. & C. Press, Colombo / 1935
143	Nékám, Livia	Old Hungarian Pharmacies	Budpest / Corvina Press/ 1968
144	Chopra, R. N.	Indigenous Drugs of India Their Medical and Economic Aspects	Calcutta / The Art Press / 1933
145	Cutting, Windsor C. ; Dreisbach, Robert H. ; Elliott, Henry W.	Annual Review of Parmacology VOLUME 5	Palo Alto / Annual Reviews, INC / 1965
146	Kremers, Edward ; Urdang, George	History of Pharmacy A Guide and a Survey Second Edittion	Philadelphia / J. B. Lippincott Company / 1951
147	*Par Ordre du Gouvernement	CODEX Medicamentarius Gallicus Pharmacopée Française	Paris / ~Masson ET Cie, Éditeurs / 1908
148		Memoria del Primer Congresso Panamericano de Farmacia	Cuba / LA HABANA/ 1948



149	Vernieri, Alfredo di	Homeopatia Noções de Terapêutica Clínica e Matéria Médica Características Comparadas 3.ed.	São Paulo / Editora Piratininga / 1960
150	Fontoura, Candido	Pharmacia e Pharmaceuticos no Brasil	São Paulo / Empreza Graphica da "Revista dos Tribunaes"/ 1938
151	Carvalho, J. Coriolano	Da Pharmacia Origem e Evolução 2.ed.	Rio de Janeiro / Typ. Do Jornal do Commercio de Rodrigues & C. / 1924
152	Mesa, Juan Tomas Roig y	Plantas Medicinales Aromáticas o Venenosas de Cuba PARTE 2	Habana / Editorial Guerrero Casamayor y Cia /1945
153	Mesa, Juan Tomas Roig y	Plantas Medicinales Aromáticas o Venenosas de Cuba PARTE 14	Habana / Editorial Guerrero Casamayor y Cia /1945
154	Guindal, Joaquin Másy	Plantas Medicinales e Industriales del Protectorado Español em Marruecos	Ceuta / [s. n.] / 1933
155	Araujo, Julio ED da Silva ; Lucas, Virgulino	Catalogo de Extratos de Fluidos	Rio de Janeiro / Silva Araujo & Cia / 1930
156	Albuquerque, Alvaro	Sobre o Ensino Farmacêutico no Brasil	Rio de Janeiro / Laboratório VITEX Limitada / 1948
157	Peockolt, Theodoro ; Peockolt, Gustavo	Historia das plantas Medicinaes e Uteis do Brazil 8º Fasciculo	Rio de Janeiro / Pap. MODELO / 1914
158		Indústria Farmacêutica no Brasil VOLUME III	Rio de Janeiro / CONSULTEC / 1964
159		Indústria Farmacêutica no Brasil VOLUME II	Rio de Janeiro / CONSULTEC / 1964
160		Indústria Farmacêutica no Brasil VOLUME I	Rio de Janeiro / CONSULTEC / 1964
161	Lobo, Francisco Bruno	O Ensino da Medicina no Rio de Janeiro Homeopatia VOLUME III	Rio de Janeiro /Oficina Gráfica da UFRJ / 1968
162	Lobo, Francisco Bruno	O Ensino da Medicina no Rio de Janeiro IV	Rio de Janeiro / [s. n.] / 1969
163	Lobo, Francisco Bruno	O Ensino da Medicina no Rio de Janeiro V	Rio de Janeiro / [s. n.] / 1969
164	<u>Federação das Associações de Farmacêuticos do Brasil</u>	Anais da X Convenção Brasileira de Farmacêuticos	Porto Alegre / Livraria do Globo / 1955
165	Pinto, Pedro A.	Elementos de Farmacologia Geral	[S. l.] Livraria

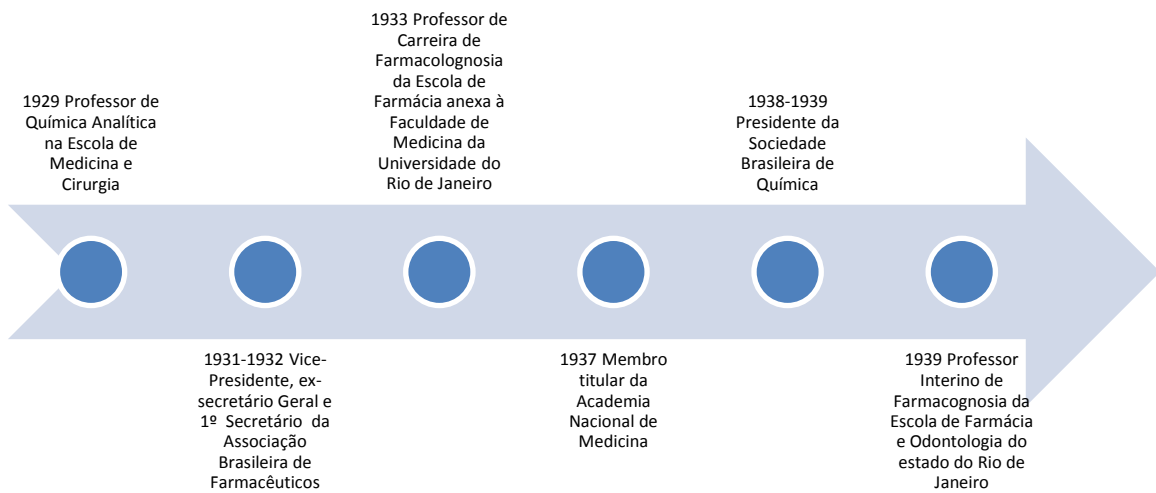
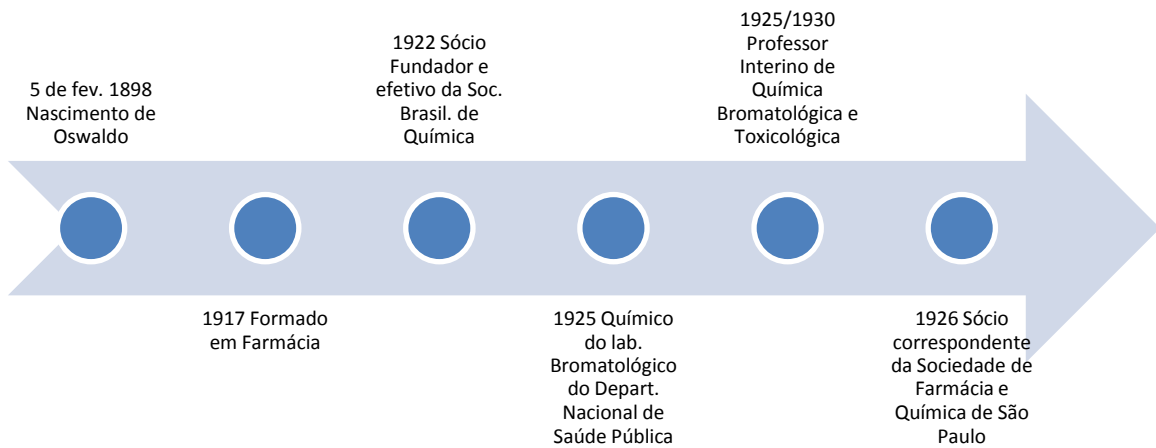
		Curso de Medicina	Francisco Alves / 1933
166	<u>Associação Mineira de Farmaceuticos</u>	Boletim da VI Convenção Brasileira de Farmaceuticos	Belo Horizonte / [s. n.] / 1948
167	<u>Associação Brasileira de Farmacêuticos</u>	Boletim da VII Convenção Brasileira de Farmacêuticos	Rio de Janeiro / [s. n.] / 1951
168	<u>Associação farmacêutica de Pernambuco</u>	Boletim da VIII Convenção Brasileira de Farmacêuticos	Recife / [s. n.] / 1952
169	<u>Associação Paranaense de Farmacêuticos</u>	Boletim da IX Convenção Brasileira de Farmacêuticos e II Seminário de Professores de Farmácia o Brasil	Curitiba / [s. n.] / 1953
170	<u>Associação Paranaense de Farmaceuticos</u>	Boletim da 4 Convenção Brasileira de Farmacêuticos 1945	Curitiba / Tip. João & Cia. Ltda / 1946
171	Gonzalez, Matias ; Lombardo, Atilo ; Vallarino, Aida J.	Plantas de la Medicina Vulgar del Uruguay	[S.l.] / Talleres Graficos/ [s. d.]
172	Findlay, G. M. ; Gil, G. Baquero	Recientes Adquisiciones em Quimioterapia	Madrid / Javier Morata, Editor / 1932
173	Zechmeister, L. ; Chohnoky, L.	Principles and Practice of Chromatography	New York / John Wiley & Sons, INC. [s.d.]
174	*Gomes, Alberto Coelho de Magalhães	Apontamentos Históricos da Escola de Pharmácia de Ouro Preto	Ouro Preto / [s. n.] / 1939
175	Fonseca, Eurico Teixeira da	Plantas Medicinales Brasileñas	Rio de Janeiro/ Almeida Marques & Cia IMPRIMIV / 1940
176	Campos, M. A. Pourchet	O Ensino Farmacêutico em São Paulo	São Paulo [s. n.] / 1949
177	Calleva, Francisco de Paula	O Serviço de Prescrição	Porto Alegre / Tip. Santo Antônio do Pão dos Pobres / 1954
178	Carvalho, J. Coriolano de	Quarto Congresso Brasileiro de Pharmacia	São Paulo / Empreza Graphica da “Revista dos Tribunaes” / 1941
179	Carvalho, J. Coriolano	Da Pharmacia Origem e Evolução Memória para o Congresso Pharmaceutico do Centenario	São Paulo / COPAG / 1922
180	Curtman, Louis J.	Qualitative Chemical Analysis	New York / The Macmillan Company / 1938
181	Costa, Oswaldo de A. ; Faria, Luiz	A Planta que faz Sonhar o YAGÉ	Rio de Janeiro / Estab. Grafic. MUNIZ / 1936
182	Damasceno, Darcy ; Cunha,	Os Manuscritos do Botânico	Rio de Janeiro /

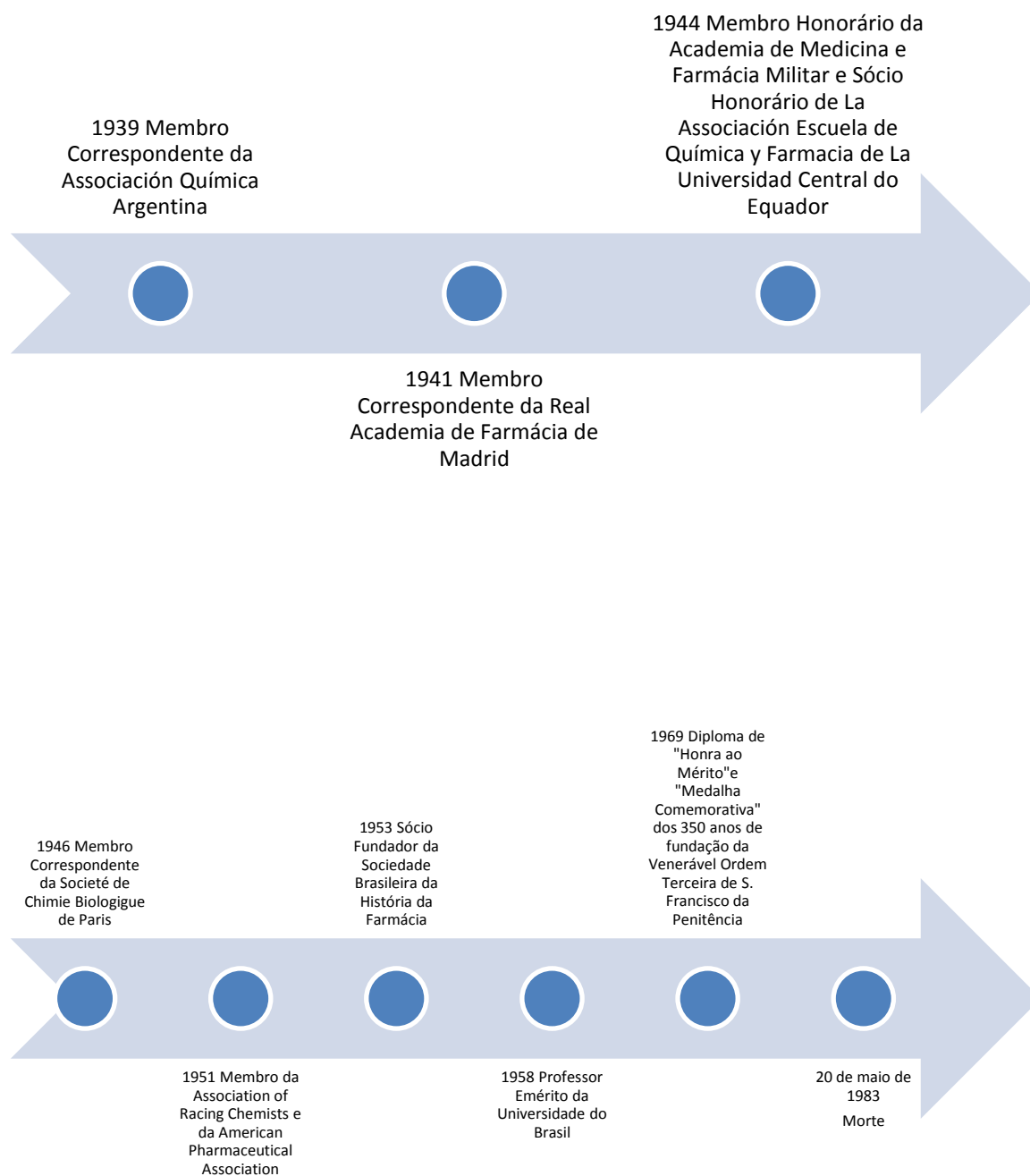
	Waldir	Freire Alemão	Divisão de Publicações e Divulgação / 1964
183	Robin, CH.	Nouveau Dictionnaire Abrégé de Médecine de Chirurgie de Pharmacie	Paris / Octave Doin, Éditeur / 1886
184	Brunton, Lauder	Action des Médicaments	Paris / Georges Carré et C. Naud, Éditeurs / 1901
185	Reutter, L.	Traité de Matière Médicale Drogues Végétales – Drogues Animales et de Chimie Végétale	Paris / Librairie J.-B. Bailliére et Fils / 1923
186	Huchard, H.	Consultations Médicales Clinique et Thérapeutique DEUXIÈME ÉDITION	Paris / Librairie J.-B. Bailliére et Fils / 1901
187		Essays in Biology In Honor of Herbert M. Evans	Berkeley and Los Angeles / University of California Press / 1943
188	Lucas, Virgilio	Dicionário de Sinônimos ( Químicos – Farmacêuticos) 4.ed.	Rio de Janeiro / [s. n.] / 1950
189	Frerichs, G. ; Arends, G. ; Zornig, H.	Tratado de Farmacia Prática para Farmacêuticos, Droguistas, Médicos y Funcionários de Sanidad TOMO PRIMERO A-C	Barcelona / Talleres Gráficos Ibero-Americanos, S.A. ; Editorial Labor, S.A. / 1942
190	Frerichs, G. ; Arends, G. ; Zornig, H.	Tratado de Farmacia Prática para Farmacêuticos, Droguistas, Médicos y Funcionários de Sanidad TOMO SEGUNDO Cl - Pe	Barcelona / Talleres Gráficos Ibero-Americanos, S.A. ; Editorial Labor, S.A. / 1942
191	Frerichs, G. ; Arends, G. ; Zornig, H.	Tratado de Farmacia Prática para Farmacêuticos, Droguistas, Médicos y Funcionários de Sanidad TOMO TERCERO Ph - Z	Barcelona / Talleres Gráficos Ibero-Americanos, S.A. ; Editorial Labor, S.A. / 1942
192	Pellerin, G.	Guide Pratique de L'Expert Chimiste em Denrées Alimentaires 2.ed.	Paris / A. Maloine / 1910
193	Guenther, Ernest	The Essential Oils Volume One History – Origin in Plants Production - Analysis	New York / D. Van Nostrand Company, INC / 1948
194	Guenther, Ernest ; Althausen, Darrell	The Essential Oils Volume Two The Constituents of Essential Oils	New York / D. Van Nostrand Company, INC / 1949
195	Guenther, Ernest	The Essential Oils Volume Three Individual Essential Oils of the	New York / D. Van Nostrand Company,

		Plant Families <i>RUTACEAE</i> and <i>LABIATAE</i>	INC / 1949
196	Guenther, Ernest	The Essential Oils Volume Four Individual Essential Oils of the Plant Families <i>GRAMINEAE</i> , <i>LAURACEAE</i> , <i>BURSERACEAE</i> , <i>MYRTACEAE</i> , <i>UMBELLIFERAE</i> and <i>GERANIACEAE</i>	New York / D. Van Nostrand Company, INC / 1950
197	Guenther, Ernest	The Essential Oils Volume Five Individual Essential Oils of the Plant Families <i>ROSACEAE</i> , <i>MYRISTICACEAE</i> , <i>ZINGIBERACEAE</i> , <i>PIRERACEAE</i> , <i>ANACARDIACEAE</i> , <i>SANTALACEAE</i> AND <i>MYOPORACEAE</i> , <i>ZYGOPHYLLACEAE</i> , <i>LEGUNOSACEAE</i> , <i>HAMAMELIDACEAE</i> , <i>DIPTEROCARPACEAE</i> , <i>ANONACEAE</i> , <i>OLEACEAE</i> , <i>AMARYLLIDACEAE</i> , <i>RUBIACEAE</i> , <i>MAGNOLIACEAE</i> , <i>CAPRIFOLIACEAE</i> , <i>VIOLACEAE</i> , <i>RESEDACEAE</i> , <i>SAXIFRAGACEAE</i> , <i>CARYOPHYLLACEAE</i> , <i>PRIMULACEAE</i> , <i>TILIACEAE</i> , AND <i>COMPOSITAE</i>	New York / D. Van Nostrand Company, INC / 1952
198	Guenther, Ernest	The Essential Oils Volume Six Individual Essential Oils of the Plant Families <i>ERICACEAE</i> , <i>BETULACEAE</i> , <i>VALERIANACEAE</i> , <i>VERBENACEAE</i> , <i>CISTACEAE</i> , <i>CRUCIFERAE</i> , <i>LILIACEAE</i> , <i>IRIDACEAE</i> , <i>ARACEAE</i> , <i>PALMAE</i> , <i>CYPERACEAE</i> , <i>MORACEAE</i> , <i>ARISTOLOCHIACEAE</i> , <i>CHENOPODIACEAE</i> , <i>RANUNCULACEAE</i> , <i>EUPHORBIACEAE</i> , <i>MALVACEAE</i> , <i>USNEACEAE</i> , <i>PODOCARPACEAE</i> , <i>PINACEAE</i> , <i>TAXODIACEAE</i> , AND <i>CUPRESSACEAE</i>	New York / D. Van Nostrand Company, INC / 1952

ANEXO II

LINHA DO TEMPO DE OSWALDO DE ALMEIDA COSTA





Fonte:

[http://www.anm.org.br/conteudo\\_view.asp?id=621&descricao=Oswaldo+de+Almeida+Costa](http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=621&descricao=Oswaldo+de+Almeida+Costa)

**ANEXO III**

**FICHA DIAGNÓSTICO DE CONSERVAÇÃO**





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE (CCS)

FACULDADE DE FARMÁCIA (FF)

BIBLIOTECA PROF. RODOLPHO ALBINO DIAS DA SILVA



## FICHA DIAGNÓSTICO DE CONSERVAÇÃO/LIVRO

NÚMERO DE CHAMADA/ NOME DA COLEÇÃO: \_\_\_\_\_

IDENTIFICAÇÃO			
AUTOR:			
TÍTULO:			
ANO:	EDIÇÃO:	VOLUME:	EXEMPLAR:
EDITORA:		LOCALIZAÇÃO:	
NÚMERO DE SISTEMA:		CÓDIGO DE BARRAS:	
NÚMERO ADM:		NÚMERO DA LISTAGEM/TOMBO:	
ESPECIFICAÇÃO DO ITEM			
<input type="checkbox"/> BROCHURA <input type="checkbox"/> CAPA DURA <input type="checkbox"/> FOLHETO <input type="checkbox"/> FOLHAS SOLTAS			
DADO	DESCRIÇÃO		
<input type="checkbox"/> CARIMBO			
<input type="checkbox"/> ASSINATURA			
<input type="checkbox"/> DEDICATÓRIA			
<input type="checkbox"/> EXLIBRIS			
PRINCIPAIS DETERIORAÇÕES			
<input type="checkbox"/> ABRASÃO <input type="checkbox"/> ARRANHÃO <input type="checkbox"/> BURACO <input type="checkbox"/> COSTURA FRAGILIZADA <input type="checkbox"/> DOBRA <input type="checkbox"/> FOLHA SOLTA <input type="checkbox"/> LOMBADA QUEBRADA <input type="checkbox"/> MANCHA <input type="checkbox"/> PERDA DE CAPA	<input type="checkbox"/> RASGO <input type="checkbox"/> PERDA DE FOLHA <input type="checkbox"/> PERDA DE FOLHA DE ROSTO <input type="checkbox"/> PERDA DE LOMBADA <input type="checkbox"/> QUEBRADIÇO <input type="checkbox"/> SUJIDADE <input type="checkbox"/> ROÍDO <input type="checkbox"/> TRAÇA <input type="checkbox"/> FUNGO		
CONTEÚDO AVALIADO POR PROFESSOR: <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO			

**ANEXO IV**

**FILIPETA DE IDENTIFICAÇÃO INDIVIDUAL**

Localização:

Autor:

Título:

Local:

Editora:

Data:

Número na listagem: